

Zé Celso
Percival de Souza
Glauber Rocha
Paulo Patarra
Júlio Cortázar
Adelaide Carraro
Eduardo Galeano
Cláudio Edinger
Theodor Adorno
Vietcong
& Cia

ex-12

40 PÁGINAS

PREÇO
DE ANIVERSÁRIO

\$6

Hei de Vencer!

JORNAL DE TEXTO, FOTO, QUADRINHO E IMPRENSA.



Raimundo Pereira
(pág. 34) fala de
MOVIMENTO (vire)

**BEBÊ-DIABO
ESTÁ NO CÉU**

PÁGINA 7

**REVOLUÇÃO DE
AUGUSTO BOAL**

PÁGINA 15

**UM TEXTO DE
JOÃO ANTÔNIO**

PÁGINA 24

**PAU NO CHICO
BUARQUE!**

PÁGINA 4



Mão da
TFP Nos Ataca Outra Vez
PÁGINA 5

**Pelé
Dá Lá,
Toma Cá!
E Você,
Resistiria? ***

PÁGINA 21



Voltou ao Brasil há
2 anos. Até agora
não trabalhou, mas
está com vontade. E
seus discos
continuam vendendo.

**VANDRÉ PRA
QUEM QUISE!**

PÁGINA 29



**APRESENTAMOS
O ADEUS DE
ROBERT CRUMB**

*: 9 MILHÕES DE DOLARES. ISTO É, 120 ANOS A 50 MIL CRUZEIROS POR MÊS FORA O ETC.

leitores

O NOME JÁ DIZ: NESTA SEÇÃO QUEM MANDA É VOCÊ.

ideias
letras
artes
em la

crisis

Hermano:
Mil gracias por la entrevista. Salió muy loca - o sea: salió como debe ser. ¡Viva Ex! ¡Viva Crisis! ¡Viva la vida vivida con ganas!

Te enviaremos 3 ejemplares de cada revista. Por ahora, podés disponer gratis de los materiales nuestros. Después veremos.

TEL. 87-7363/8913 PUEYREDON 860 BUENOS AIRES

Estamos Com Crisis

Hermano: mil gracias por la entrevista. Salió muy loca - o sea - salió como debe ser. Viva Ex-!; Viva Crisis! Viva la vida vivida con ganas!

Te enviaremos 3 ejemplares de cada revista. Por ahora podés disponer gratis de los materiales nuestros. Después veremos. Galeano.

Eduardo Galeano, escritor uruguiaio e editor da revista argentina Crisis.

Galvão Pede: Escrevam

Tomei conhecimento do Ex- numa dica do Sérgio Augusto, no Pasquim. Eu que peguei o bonde andando, comprei o nº 11 e adorei a entrevista com o Galeano e a crônica do Graciliano. Aliás, como tão bem afirmou o Sérgio Augusto, aquela capa do nº 11 merece o Prêmio Esso.

Tou interessado em adquirir os números atrasados. Publiquem meu endereço pra correspondência. Cês querem saber de uma coisa: vão em frente. Pô.

a) Dimarques Galvão, Caixa Postal 49, 25.000, Caxias-RJ.

Carioca = Paulista

Srs. Editores: Eu escrevo a mão porque minha máquina de escrever está quebrada. Conheci o Ex- no número

retrasado e já fui gostando e me tornando leitor. Espero que continuem com toda a força pois vocês introduzem algo novo na imprensa brasileira, que é sempre preta ou branca. Sugiro que enriqueçam isso de o Ex-ser um jornal (revista, publicação, sei lá) da grande aglomeração urbana nacional, fazendo dele, conscientemente, um produto oriundo e destinado à metrópole brasileira, isto é, São Paulo-Rio. O artigo sobre o jogo do bicho é o Rio. Aquele sobre TFP São Paulo.

O futuro do Ex-está em promover, e descobrir até, a indentidade povo carioca-povo paulistano. Em São Paulo não existe nada ver página 29; no Rio, Opinião é aquele do branco-preto e Pasquim é só Ipanema. O Ex-pode deslanchar São Paulo e trazer para a imprensa as escolas de samba, o jogo do bicho, a Praça Mauá, a baixada, Copacabana, do lado carioca.

E por que não atrair para suas páginas os poetas desse Brasil cor de anil? Pela atenção, muito obrigado.

a) Italo Moricani Jr., Brasília.

Credo, Que Jornal!

Pessoal do Ex- (em suma, editores, repórteres, colaboradores, etc., etc.). Primeiro de tudo, parabéns pelo jornal, e pela força que ele traz. Tomei contato com ele há apenas duas edições, e fiquei contente paca porque ele existe e está aí. Resolvi escrever para dar uma força, dizer que tem pessoal paca sabendo do trabalho sério de vocês, e botando fé.

AJUDE A LIMPAR O NOSSO BANHEIRO

Ex - atrasados a partir do nº 7 (\$5) em vale postal ou cheque nominal para Ex-Editora Ltda. Endereço: Rua Santo Antônio, 1043, SP/SP. CEP 01314.

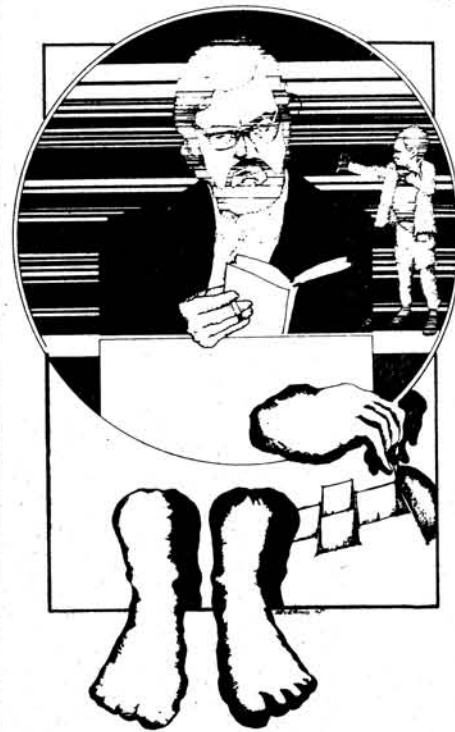
Isso eu digo porque acho importante que vocês tenham uma resposta, ainda que relativa, de seu público leitor...

Se o papel de vocês é escrever e curtir o máximo as possibilidades jornalísticas do Ex- o da gente é receptionar com todos os poros as criações que nos agradam. E entra aí a importância do elogio.

Queria também falar do número 11 e deixar claro que vocês capricharam bem nele. Tanto a matéria sobre a TFP, que tá o maior barato, aquela beleza de Prisoões do Foucault (de onde vocês chuparam?), a da Dadá, maravilhosa, e sem dúvida a do Galeano, que vem me abrir horizontes na literatura latino-americana (estou renascendo). Não me lembro que mais. Ah, o aborto do Eco. Bom. Fora os Espiões. Fora os pesares ao Kiss. Não sei se vocês fizeram melhores edições, mas achei essa um tesão. Li assim de uma tirada só. E paguei 5 sem piar, mesmo na pior.

Sou de Campinas e fui lá passar o fim de semana. Levei os Ex para o pessoal ver. Aí pintou na mão do meu pai, da mãe. Da tia. Transcreverei as opiniões para vocês rirem (ou chorarem): meu pai achou que era coisa de comunista, por causa da TFP. Minha mãe ficou P da vida com aquela do "faça sua família sorrir, entre numa faculdade", por causa da opinião da mãe do cara, toda estereotipada, quase se reconheceu. Minha tia folheou, folheou e disse: "credo, que jornal esquisito, não tem nada. Você lê isso? As manas gostaram. Ufa! Aliás, aumentem exemplares para Campinas. O pessoal da Unicamp reclamou que não chega, mesmo eu contando a estória toda de vocês, da distribuidora, e o cacete. Pensem. Cresçam. Ex- é um antídoto contra o marasmo. Não morram...

a) Marilda de Oliveira, São Paulo.



Até Sempre, Cortázar!

Querido Marcos (Faerman):

Todo salió bien y ya que estoy de vuelta en Francia. Quiero agradecer tu amistad y tu afecto, en momentos en que las cosas se habían complicado en São Paulo. Confio en que nos veremos otra vez.

No he olvidado mi promesa de enviarte un texto para la revista; cuando esté más tranquilo (ahora me voy de viaje por un mes) lo haré.

Hasta siempre, cronopio Marcos, con un abrazo.

a) Julio Cortázar, Paris.

Matou-se De Câncer

Caros colegas do Ex: o importante é que a informação é incerta. O que daria vigor para aquela matéria do Van Gogh, publicada no Ex-Loucura, feita pelo Antonin Artaud, é que ele, o Artaud, não se matou. Ele morreu em pé, como tinha anunciado que morreria. A causa-moris, se não me engano foi câncer no reto, como morreu o Sri Hamana Maharishie.

a) Rogério Duarte, São Paulo.

O Fim Da República

Já acabaram com quase tudo, agora querem o fim da República. E só olhar pros buracos do metrô de São Paulo, chegando pela 7 de Abril. Ninguém fala nada, o Secretário de Turismo diz que já temos a nova feira, no Ibirapuera. Mas o pessoal está preocupado a praça é deles, ganha na porrada. A história é essa: em 66 um grupo de pintores resolveu fugir da exploração das galerias. Se instalaram na praça pra falar direto com o povo. Mas, logo, veio a polícia e a Prefeitura para expulsá-los. A saída foi fundar a Associação de Artistas Plásticos da Praça da República.

Numa madrugada, uns 50 homens, de cacetete, chegaram batendo, jogando tudo no chão, dando tiro. Prenderam 200 artesãos como vagabundos. Para evitar mais confusão a Secretaria de Turismo instituiu a carteirinha de artesão. Tudo organizado. Agora é o metrô atropelando tudo. Perguntei pro Secretário de Turismo porque não fazem a estação no lugar do Cine República? Aí ele me olhou e disse "sabe como é, o metrô é de interesse federal, o que é que se pode fazer?" Eu é que não sei.

a) Rinaldo, 6 anos de Praça, escultor.

ex-12

HEI DE VENCER HEI DE VENCER HEI DE VENCER HEI DE VENCER



Aniversário: Jornalista Da Abril Pede Emprego No Ex.

Nome: Paulo Patarra. Ficha profissional: 1954/1957 - Estagiário, "foca" e repórter-colaborador nos Diários Associados, Folha da Manhã, O Tempo e A Gazeta, jornais de SP.

1957/58 - Repórter, Última Hora de SP.

1959/60 - Copidesque, editor da cidade, editor internacional e subsecretário do mesmo jornal.

1961/62 - Repórter e fotógrafo de Quatro Rodas.

1963 - Secretário de redação de QR.

1964/65 - Redator-chefe e diretor de redação de QR.

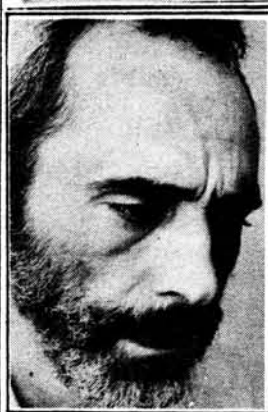
1966/68 - Redator-chefe e diretor de redação de Realidade.

1969 - Diretor de Novos Projetos da Abril Cultural, área de fascículos, com (entre outros) os seguintes lançamentos: Mãos de Ouro, A Arte nos Séculos, Trabalhos Maravilhosos, Ciência Ilustrada, Fábulas, Grandes Personagens da Nossa História.

1970/71 - Diretor de Projetos Editoriais da Abril (Divisão Revistas), acumulando o cargo de diretor de redação de Capricho e demais revistas da linha feminina-popular da Editora Abril: Supernovelas, Contigo Ilusão, Noturno, Almanaque Capricho, Linda, etc.

1972 - Por 4 meses, editor-chefe da Rio Gráfica Editora, RJ, respondendo pela direção de 29 publicações.

GRANDE ENTREVISTA: ELLSBERG, O QUE ROUBOU OS DOCUMENTOS DO PENTAGONO



1973 - Dois meses como redator-chefe da Editora Três, SP.

1973/74 - Gerente do Centro de Criação da Editora Abril.

1975 - Diretor de redação de Novos Projetos. (Resumo do currículo do professor Paulo Patarra, da cadeira de Teoria e Técnica dos Meios de Comunicação da Faculdade de Comunicação Social Anhembi, SP.).

Ficha pessoal: 41 anos, 3 filhos - 16, 15 e 12 (menina) - solteiro pela quinta vez. Ex - Você gosta do Ex?



6 PRATAS

1. O primeiro número do Ex (ex-Grilo) saiu em novembro de 1973: jornal mensal, 32 páginas, 7 mil exemplares, distribuição própria, \$5. Hoje, 19 meses depois, chegamos a 12.a edição: 40 páginas, 20 mil exemplares, distribuição nacional (Superbancas), insistindo em ser jornal mensal e (pior pra todos) precisamos subir o preço de capa pra \$6. Você vai desistir ou continuar responsável pela nossa existência?

2. O volume de publicidade, em 12 números, nunca ultrapassou 3 páginas por edição, sendo que 50% dos anúncios por nós impressos são permutas. O melhor preço de uma 4.a capa do Ex alcançou \$4,5 mil (Homem, próximo lançamento mensal da Abril, cobra \$42.410). Em outubro de 1974, data de nossa última tabela de preços para publicidade, dizíamos: "Continuamos abertos e o nosso ramo é este. Só que nunca fizemos negócio - sempre jornalismo. Mas quem sabe fazer negócio não são vocês, publicitários? Se vocês são leitores do Ex, porque não ajudar a gente vender?" Sobrevivemos na banca.

3. Editorialmente, nenhuma colaboração foi paga em 12 números. Mas fomos capazes de dar a morte de Allende por Garcia Marquez, fazer um jornal dentro da prisão, outro com material de hospícios e hospitais psiquiátricos, além de sentenciar - numa capa - o fim de Nixon. Norman Mailer, Wilhelm Reich, José Ângelo Gaiarsa, o Vampiro de Londres, Julio Cortázar, Don Martin, Jane Fonda, José Celso Martinez, Ronald Laing, Miguel Urbano Rodrigues, o falso Howard Hughes, Kung Fu, Getúlio Vargas, Dadá Corisco, Feiffer, Eduardo Galeano, Daniel Ellsberg, Nise da Silveira, Karl Marx, Caetano Veloso, Gracília no Ramos, Antonin Artaud, As Três Marias, David Cooper, Mariel Moryscotte, Robert Crumb, Erich Fromm, Jo Eszterhas, Otoniel Santos Pereira, Lewis Carroll e João Antônio, entre outros, colaboraram conosco.

4. Ao contrário de tantos, nada temos a acrescentar sobre censura ou abertura. Nós continuamos os mesmos. A censura também.

Ex-Editores. Hal Narciso Kallil, Amâncio Chiodi/Marcos Faerman/Mylton Severiano da Silva/Dácio Nitrini/Palmério Dória de Vasconcelos/Armando Machado/Percival de Souza/Luís Carlos Guerreiro/Rui/Alex Solnik/Domingos Cop Jr./Guilherme Cunha Pinto/Hermes Ursini/Joca/Vanira Codato/João Antônio/Cláudio Edson/Polé/Moacir Amâncio/Mário Paiva Jr./Eduardo Arra/Spinola/Jaime Leão/Enrique Elías Anfreato/Liberto Tadeu Felismino/Guy Szymon/Glauber Rocha/Inocente W. Adorno/Max Horkheimer/José Capela/Cláudio Edgar/Robert Crumb.

Ex-Editora Ltda. - Rua Santo Antônio, 1043 - SP/SP. Nenhum direito reservado/Direitos de reprodução e revista. Crisididos gratuitamente/Distribuição nacional: Superbancas Ltda. (matriz: rua do Rezende, 18 - RJ); filial: rua Guianazes, 248 - SP/SP/Tiragem: 20 mil exemplares/Impressão: PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda. - Rua Dr. Virgílio de Carvalho, 472 - SP/SP.

Ex-Editores (fundadores): Sérgio de Souza/Hamilton Almeida Filho/Narciso Kallil/Amâncio Chiodi/Marcos Faerman/Mylton Severiano da Silva/Eduardo Barreto Filho/Arv. Normanha/Dácio Nitrini/Palmério Dória de Vasconcelos/Suzana Regazzini/René Rafik/Caetano Alberto Caetano/Armando Machado/Roberto Feffer/Hamilton de Souza/Sumiko Arimori/Rudy Alves/Fernando Moraes/Lúcia de Souza/Ricardo Alves/Sérgio Fujiwara/Beñá João Garcia/Ana Maria Capovilla/Antônio Mancini/Deltim Fujiwara/Luís Carlos Guerreiro/Regis Arakaki/Paula Plank/Gabriel Romeiro/Beth Costa/Luís Reinaldo Alex Solnik/Sandra Aams/Gabriel Bonduck/Domingos Cop Jr./Guilherme Cunha Pinto/Cláudio Ferlauto/Cristina Burger/Hermes Ursini/Wilson Moraes/daui/Paulo Moreira Leite/Edimilton Lampião/Araken Joca/Miranda/Pharao/Vitor Vieira/Nelson Belcher/Cláudio Vanira Codato/Teresa Caldeira/Lina Gorenstain/Luís Fernando Verissimo/Edgar Vasquez/João Antônio/Sotodra M. Nitrini/Luís Henrique Froust/Cláudio Favien/Luís crecio Jr./José Antônio Severo/Lúcia Villar/Polé/Alex Grynzinski/Sandra Abdalla/Marcel Faerman/Moacir Amâncio/Nonato/Mário Paiva Jr./Percival de Souza/João Moises Rabinovitch/Cynthia de Almeida Prado/Mariela Quintela Medeiros/Marli Salvino de Araújo.

(*) Os nomes aparecem em ordem de "entrada cena" de cada expediente dos últimos 11 números. Embora colunista desde a primeira edição, o nome Percival de Souza só apareceu no expediente do último número.

P. Pat - É a única publicação nacional que eu leio.

Ex - É verdade que você foi convidado para dirigir a Visão?

P. Pat - Há 10 dias o engenheiro Henry Maksoud me chamou prum papo na Hidroservice. Só iria para a Visão com carta-branca pra formar a equipe e 45 contos por mês. Senti a barra do engenhorês e caí fora antes de saber que o Maksoud não ia me contratar. Uff!

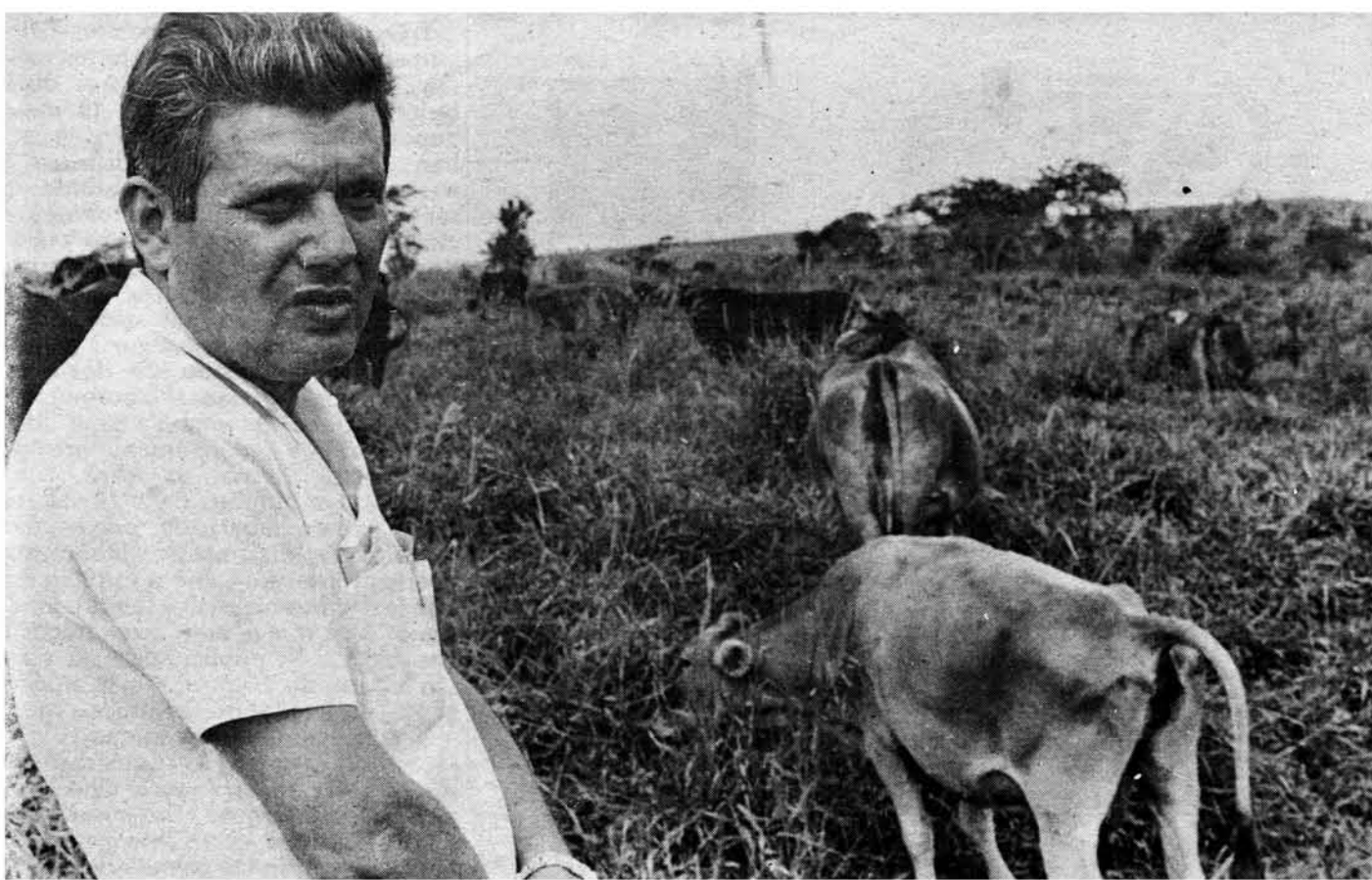
Ex - Por que?

P. Pat - Porque prefiro o Ex.

Capa: Amâncio Chiodi (Pelé)/Domingos Cop Jr.(Geraldo Vandré, mão)/Elías Andreato (desenho)/Robert Crumb (quadrinho).

salada

EXCLUSIVO: FAZENDEIRO ANALISA LIVRO DO CHICO.



FOTOS: NIVEA ABU JAMRA

Bento: Sou a Favor da Censura, Da Ditadura, Da Guerra e Da Merenda Escolar.

Bento Pacheco Ferraz, paulista, 40 anos, é dono da Fazenda Riacho Santa Cruz, em Londrina, norte do Paraná. Descende de duas famílias paulistas tradicionais (Almeida Prado e Dias Ferraz Pacheco), que inspiraram a peça Ossos de Barão, de Jorge Andrade, depois transformada em novela da Globo.

Mas da ligação familiar ficou apenas o nome: como a peça mostra, não sobrou nada de herança para as gerações novas.

Os 18 anos, Bento teve que sair pelo mundo para ganhar a vida. Foi administrador de fazenda e chofer de caminhão. Em 1962, parou em Londrina, montou uma transportadora e, com os lucros do negócio, comprou uma fazenda ("é minha vocação, coisa de saneeiro"), hoje com 70 alqueires e 3 mil cabeças de gado.

Todo fim de mês, Bento paga os empregados na casa da fazenda. Pega um talão de cheques ("qualquer vendida da região aceita meus cheques"), coloca uma máquina de somar em cima da mesa da sala, arrumada por uma preta velha - dona Benedita - e começa o pagamento.

Do seu lado senta o capataz fiel, Bebê, 33 anos, 18 filhos com duas mulheres. É Bebê que sabe quanto cada um deve receber. ("O Olívio deve 200, que o senhor emprestou para o casamento dele"). Mas Bento deixa por menos. Vamos descontar só 100, se não ele morre de fome"). As vezes, sem perder o carregado e com o cigarro de palha no canto da boca, Bento brinca com um outro empregado.

Encerra o pagamento com uma batida na máquina de somar: \$4.660, na média de \$ 517 para cada um (ninguém encontra salário assim por aqui"). Para ele, pagar melhor os empregados é

"uma maneira de investir em confiança, tranquilidade e segurança".

É em nome dessas 3 palavras que ele defende o Ato Institucional nº 5 - "uma arma de fogo que dificilmente você usa, mas carrega como precaução". E também a censura:

- Sou a favor que os livros, o cinema, a televisão e o teatro abordem temas sociais. Mas problemas que tenham solução. Mas também sou a favor de um organismo de censura que evite a difusão de problemas que não possam ser resolvidos rapidamente. A fome, por exemplo: todo mundo sabe que existe e vai continuar existindo por muito tempo.

- E verdade, existe muita miséria. Mas a coisa está melhorando, justamente por causa dessa tendência socializante que o governo está implantando pela distribuição da renda. O que vinha acontecendo até agora é que os filhos herdavam problemas orgânicos dos pais, que prejudicava a evolução cultural e, conseqüentemente, a econômica do indivíduo. Agora não: A família não tem dinheiro para alimentar a criança? A

escola dá a merenda escolar e a criança usufrui dos conhecimentos, em igualdade de condições com outra, bem nutrida. Assim a criança pobre também vai poder criar riqueza.

- Você já viu país mais tranquilo que o Brasil? Agora eu te pergunto: é justo deixar que um bando de comunistas fiquem fazendo agitação por aí? Só um exemplo: imagine aqui dentro da minha fazenda. Bagunçava tudo! Por isso acho justo acabar com esse tipo de gente, matar tudo.

- O povo brasileiro não tem cultura para praticar a democracia. Por isso sou a favor da ditadura. No Brasil as coisas estão nos seus lugares: falam de abertura, distensão, normalidade democrática.

Mas tudo é balela, coisa pra inglês ver. Nós temos uma ditadura, meio branda, mas é ditadura. Nós temos uma elite no poder, uma elite que conduz o país num processo socializante.

Bento defende a guerra ("é um instrumento de controle de natalidade") crê em Deus, mas sem nenhuma religião, e é inimigo da liberdade de imprensa:

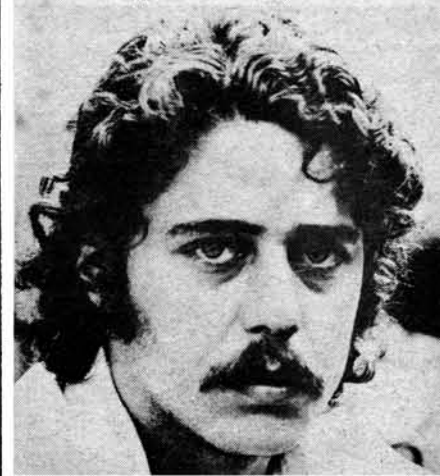
- O Bebê, meu capataz, tem televisão em casa. A dona Benedita, quando eu chego aqui, vive me dizendo que me viu na TV. O Olívio vai consertar uma cerca e leva o radinho de pilha. Se ninguém controla o que é divulgado, todo mundo vira revolucionário.
Tadeu Felismino



FAZENDA MODELO

novela pecuária,

um livro que diverte, irrita, inspira e consola



Revista Veja: 26 semanas entre os 10 mais.

Crítica: Não Fosse o Esmerado Português, a Obra Não Devia Circular.

Não me considero em condições de fazer uma crítica literária sobre o livro Fazenda Modelo de Chico Buarque. Sendo tão somente um pecuarista, não me atrevera a pretender analisar obras de um consagrado escritor, porém me reservo o direito de comentar que impressão me causou o referido livro.

Indiscutivelmente, o escritor manuseia o português, ao seu prazer, arrancando frases e palavras, que para um homem como eu são desconhecidas, mas certamente se o faz é para que seu crítico livro chegue somente ao alcance daqueles a quem ele pretende se dirigir. No entanto, o escritor, certamente num desabafo, comenta nossa política, transformando-a na organização da Fazenda Modelo. Não existe novidade nenhuma no que ele narra, nem politicamente nem no que tange à pecuária. Acho que tanto a política, como a pecuária, são assuntos bastante sérios, e portanto o escritor, que parece realmente entender dos dois assuntos, deveria escrever dois livros sérios, um sobre cada tema.

O livro deve ser recomendado somente a pessoas de bom nível cultural, nunca a um somente pecuarista, como eu.

Acho ainda que, se não fosse o esmerado padrão intelectual que contém o livro, sua circulação seria proibida.

O Chico narra no livro a situação política do Brasil de 64 para cá. Não chega a tomar uma posição crítica frente ao tema, apenas satiriza aquela situação, jogando o Brasil de 11 anos dentro de uma Fazenda Modelo. E os principais personagens desses 11 anos dentro de bois e vacas.

Ele transmite noções corretas de pecuária e de agricultura, numa linguagem de alto nível, universitária. Aliás, se não fosse assim, duvido que o livro passasse pela censura. Eu mesmo seria contra, uma vez que com aquele conteúdo e abrangendo muita gente, poderia representar um risco muito grande. Se o livro foi aprovado é porque ele vai abranger um público muito restrito, que não representa perigo nenhum para o governo.

Não gosto do aspecto satírico e considero uma falta de respeito a ligação de governantes com bois. Seria mesmo melhor que o Chico fizesse um livro sobre pecuária e outro sobre política.
Bento Pacheco Ferraz

salada

PAULO BAÍA SAIU DA TFP DIRETO PARA O HOSPÍCIO

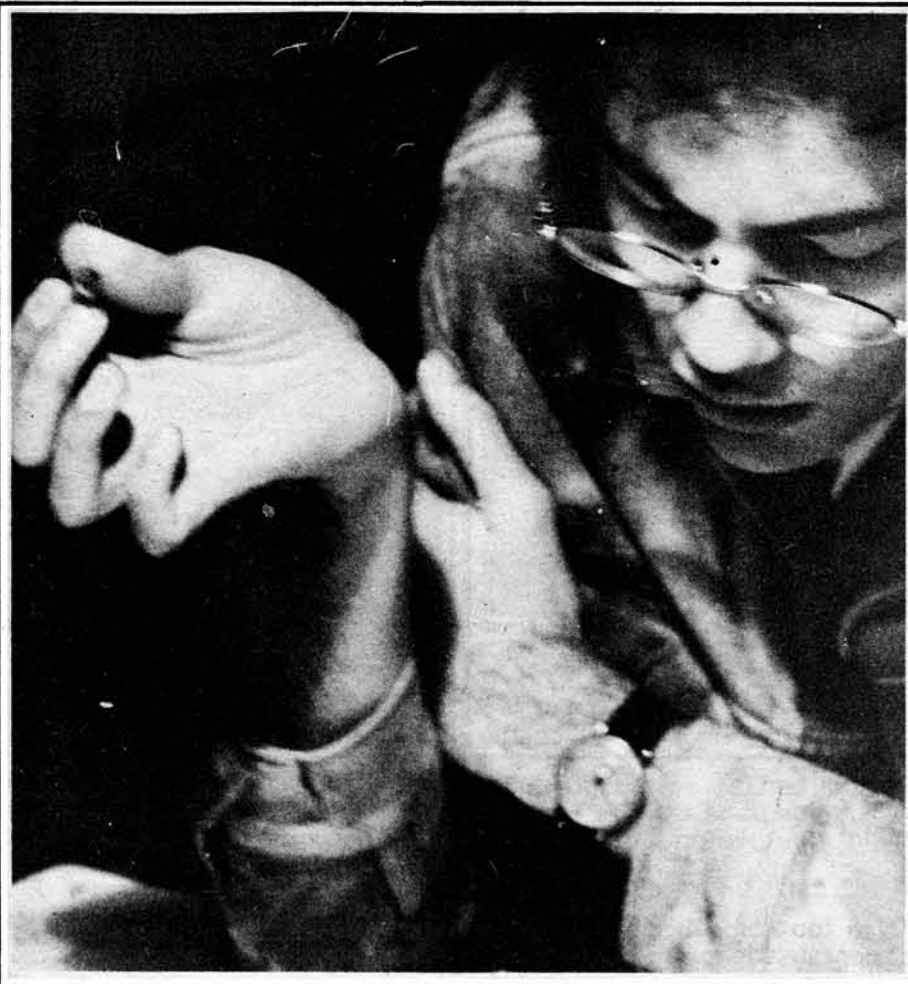


FOTO: DOMINGOS COP JR.

Eles Acham Que o Estadão é Jornal De Esquerda Dirigido Por Comunistas

Logo que entrou no Colégio São Paulo, aos 11 anos, Paulo Fernandes Baía fez amizade com Armando Alexandre dos Santos. Seis meses depois, sem nunca ter falado no assunto, Armando convidou Paulo para entrar numa "entidade anticomunista", a TFP. E Paulo virou tefepista, após algumas reuniões na sede da Móoca (a entidade tem outras 11 espalhadas na capital paulista). Mas só começou a trabalhar depois de um ano.

Sua primeira tarefa: junto com outros colegas, organizar um fichário com os nomes dos jovens do seu bairro, para depois ver quem tinha tao - a "marca" da Virgem Maria - a condição para entrar na TFP.

- Eramos 2 mil e a campanha era para chegar aos 10 mil - diz ele.

Foi para "atrair mais gente" que Paulo Baía foi para outro colégio, o Santo Antônio do Pari. Ele tinha 13 anos, era bom aluno (na 3ª série, tirou 8 de média geral), e odiava comunista:

- Eu rezava, mas de saco cheio, pois tinha mais consciência de estar numa sociedade de extrema-direita que numa sociedade católica.

Aos 15 anos, Paulo acabou saindo da TFP. Por discordar de certas diretrizes e se recusar a ter de chamar uma criança de 12 anos de "senhor". E só podia frequentar a sede uma vez por semana. Ele não aguentou.

- Quando saí, chorei semanas. E minha família me internou num sanatório, onde fui tratado com choque e insulina.

Paulo está agora com 17 anos e vai servir no Exército. Abaixo, trechos de seu depoimento ao repórter Dácio Nitrini:

"Há uma teoria de apostolado lá dentro que divide a humanidade em 4 classes: os que se interessam por religião, os que se interessam por política, os que se interessam por assuntos mais amenos, como arte, e os que não se interessam por porra nenhuma.

"Toda sede tem uma capela no maior estilo constantiniano, cruzeiros, imagens barrocas, genuflexórios e um estandarte. Tem a capela, sala de reuniões, projeção de slides, sala de estar e mostruário, que é a sala onde eles põem toda a imponência da sociedade: livros publicados em rumeno, russo, alemão, polonês, estandartes, emblemas. Algumas sedes têm dormitório, outras refeitório. Os donativos vão para as sedes. Eu recolhia donativos daquele pessoal que tem indústria no Tatuapé, ali pela Radial Leste. Você chega e se apresenta como sendo da TFP, uma entidade contra o comunismo. É só dizer isto e basta. O cara já contribui.

"Mas dentro ninguém usa a sigla TFP, usa "Grupo". Quem dirige o Grupo é o MNF - sigla de Manifesto, que tem 4 membros, um deles é o Plínio Correa de Oliveira. Há o DAFN (Diretoria Administrativa Financeira Nacional), a Comissão do Exterior, que controla as outras TFPs, e a Comissão do Movimento, a parte burocrática. Eu trabalhei mais tempo no Departamento de Fitas e Gravações - DFG. Tudo o que o Plínio fala é gravado e depois distribuído.



SP, campanha contra o divórcio.

"O Grupo mais importante dentro da TFP é o Cluny, que articula a união entre as bases e os dirigentes, diz o que pode e o que não pode, recebe técnicas de proselitismo, controla a vida dos militantes. O militante da TFP precisa de autorização para ler, para saber em que escola estudar, onde trabalhar. Não faz nada sem a palavra final do Cluny, composto de 40 ou 50 pessoas entre 25 e 30 anos. Só eles têm acesso ao Plínio.

"Tem também os Êremos, onde o cara entra e ganha hábito da Ordem Terceira do Carmo. Só pode conversar meia hora por dia, na hora do chá, das 4 às 4 e meia da tarde. Nesse monastério vigora a regra de São Bento, a mais austera de todas, com flagelações, correntes. Luz, só de vela.

"A sede da TFP fica na rua Maranhão (SP). Parece um castelo. Lá está a sala da Virgem Maria, toda acarpetada, aveludada. Ali guardam a coroa de prata que um dia será usada pelo imperador do Brasil e um estandarte de mais de 2 metros de altura, todo de fios de ouro trançados.

"O tefepista tem horror à história, teme tudo que tem começo e fim. Odeia o passageiro, o momentâneo. E atribui todos os males do mundo aos judeus. Marx era judeu, Freud era judeu, Marcuse é judeu. Foi a judaico-maçonaria que mudou o mundo, produziu a revolução protestante, a revolução francesa, a revolução comunista. Se não fossem os judeus, o mundo seria uma maravilha. No Reino de Maria, que seria a nova Idade Média (patrocinada por Deus e agenciada materialmente pela TFP), ou os judeus se convertem ou morrem. Os negros também são inferiores, mas toleráveis, pois é preciso que alguém pegue o serviço pesado.

"Não há história. Daí em diante, tudo é coerente: nada deve mudar, porque Deus é imutável. O que muda não presta. Sexo é expressão do gratuito. Muita gente me pergunta como fiquei 4 anos sem mulher. Isso é o mais fácil. Quando o cara acata até estruturas que vêm do filósofo grego Parmênides, não custa manter o celibato.

"Sexo só depois do casamento. Mas isso para os outros, porque militante da TFP não casa, não pode fazer sexo. Santa Teresa de Jesus é muito admirada pelos militantes. Seus poemas são mais lidos que Fernando Pessoa entre bichas. É muito comum pensar que lá dentro há homossexualismo. Sei de apenas um caso: um cara me cantou, eu o denunciei num relatório e ele foi expulso. O militante não se imagina com uma mulher e muito menos com um homem.

"O grande ritual que envolve a sublimação sexual é o da escravidão à Virgem Maria. Há um livro, o Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem, de São Luiz Maria Grignon de Montfort. Seguindo seus princípios, nenhum militante reza ou fala em nome



Com motoca e sem mulher

de Deus, porque um pobre pecador não pode se dirigir a Deus. Então é através de quem? Da esposa do Espírito Santo, a Virgem Maria.

"Para se atingir Deus precisa ser escravo de Maria. Para ser escravo de Maria precisa fazer consagração com o próprio sangue. Tentei duas vezes, mas nunca me autorizaram a ser escravo de Maria. Meu irmão conseguiu. (Ele também já saiu da TFP).

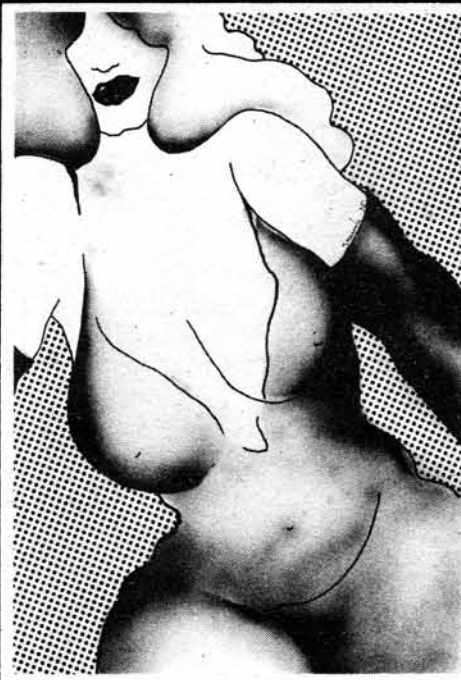
"O treino de caratê era intensivo. Eu sabia que tinha treinamento de tiro. Quanto a metralhadora, eu só estou sabendo da escolta do Plínio, que tinha metralhadoras e fuzis. O resto do pessoal treinava tiro, mas com revólver. Não sei o que o Cluny fazia, mas acho que não chegava a ter treinamento de guerrilha. Em Amparo tem uma fazenda da TFP. Nunca fui lá. Meu irmão foi, andou a cavalo, remou. Agora, é evidente que a TFP não ia alugar uma fazenda só para o pessoal cavalgar e remar.

"Os jornais são censurados. No começo o Estado de S. Paulo era grifado pelo Plínio e o militante só podia ler aquilo. Eles acham o Estadão um jornal de esquerda, dirigido por comunistas. Agora, só trechos mimeografados do jornal podem ser lidos.

"O que me esclareceu foi ter saído de lá. Saí mas continuei a manter a mesma atitude psicológica por muito tempo. Quando a pessoa está envolvida nem nota que está agindo diferente, o quanto sua vida é antinatural. Não era sacrifício para mim dormir numa tábuca, por exemplo. Me incomodava mais ver nos mínimos aspectos o amor ao fixo, ao riço. Soube de alguns indivíduos que ficaram completamente arrasados ao sair de lá.

"A explicação do Plínio é: tao é uma vocação dada por Nossa Senhora pra você; se você falhar, já sabe o que acontece. Só tenho notícia de um cara que saiu da TFP a fim de mulher. Era um cara muito bonito. E mais frequente alguém sair por divergências ou tédio. O cara acorda, reza, vai pro curso, trabalha, comunga, janta, tem um tempinho livre, vai pra reunião e dorme".

ADELAIDE CARRARO QUERIA SER QUE NEM HITLER



Adelaide tem casa em Campô do Jordão, SP, onde passa as férias. E vive do trabalho de escritora, que defende assim:

- Não sou como Pelé! Perdemos a Copa por causa dele, que falta de patriotismo! Agora ele vai para os Estados Unidos... Americano nem gosta de preto...

Adelaide Carraro não está disposta a ter o fim daquele seu personagem de Podridão. Ela já marcou pontos baixos, muito baixos, mesmo depois de se lançar como escritora. Veneno é coisa séria, inclusive é título de um dos seus livros.

- E a vida de hoje?

- Olha, deputado hoje, são uma molecada. Se o presidente Geisel não fosse um homem de fibra... O Geisel é que aguenta mão. Eu confio muito no exército. Sempre gostei do exército, desde menina eu gostava das fardas. Polícia não, exército!

- Desculpe, Adelaide, mas a pergunta era sobre a moral brasileira de hoje.

- A moral brasileira, na minha opinião, tem muita gente vaidosa e querendo aparecer, dentro dos cargos importantes do governo. O secretário da segurança de São Paulo, o do INPS, o presidente Geisel, esses são os bons. O moral mais alto do Brasil é o exército.

Moral conforme a classe: a alta, rica, está ainda achando que tem muita importância, não se mistura; a média luta pra entrar na dos ricos, não quer ficar feliz onde está; quanto ao pobre, a tendência é mentir, mentir muito. Você dá uma esmola e eles inventam, inventam, ninguém ajuda e instrução que é bom... O Mobral só ensina a ler e escrever, ninguém ajuda. Mas eles só dormem. A pobreza é um saco sem fundo, você dá uma esmola, nunca mais para.

Agora, o moral do sexo. Adelaide acha que apenas 10% das mulheres brasileiras são honestas e que os tóxicos têm grande influência no comportamento dos jovens, a ponto de levá-la a concluir que "brasileiro não liga muito para sexo".

- Não há mais machões como antigamente, tanto no sexo como na palavra.

- E se você ficasse por cima, com poder?

- Eu seria igual a Hitler: cuidar primeiro do homem, do ser humano.

Moacir Amâncio

A foto acima não é de Amancio Chiodi, mas foi ele que fotografou. Esta e outras 19 fotos que igualmente não são dele, mas que igualmente foram por ele fotografadas, estão expostas até 30 de junho na União Brasileira de Escritores, r. 24 de Maio, 250, 13º, SP. (Mais Chiodi na pág. 18).

Não Há Mais Machões Como Antigamente. Tanto Em Sexo, Quanto Na Palavra!

Mês passado, em Belém, alunos do Colégio Grão-Pará queimaram mais de mil livros e revistas: era uma campanha da diretoria contra a "má literatura". Entre as publicações queimadas estavam livros do norte-americano Henry Miller e da brasileira Adelaide Carraro.

Quem é Adelaide? A voz no telefone se dizia "secretário particular" da escritora Adelaide Carraro e marcou a entrevista. Ela vive num sobrado da Vila Guilherme, SP. Na sala de paredes cobertas por quadros, um deles pintado pela escritora: é o retrato (ingênuo) de um negro. Adelaide, no à vontade de uma tarde de sábado, madura e um tanto melancólica nos gestos, tom e ritmo de voz, chupa uvas italianas ("cultivadas por um português"), fala sobre o livro que está escrevendo. O Estudante.

- É contra os tóxicos, para um Brasil melhor. Acho que vai ser o meu livro mais importante. Me desafiaram, dizendo que escrever sexo é muito fácil, basta descrever o que acontece nas ruas de São Paulo, pois todo mundo hoje em dia só pratica coisas erradas.

As pessoas que leram seu primeiro livro, Eu e o Governador, ou alguns dos outros, como Falência das Elites, percebem que Adelaide continua a mesma, dividindo o mundo em duas partes, ricos e pobres. Não se trata de preconceito ("na minha casa entra o rico e o pobre"). É o que ela pôde ver vida afora: orfanato, sanatório para tuberculosos, um caso de amor bastante complicado e até certo ponto histórico (na época falava-se no sr. Jânio Quadros) e uma tentativa de suicídio. De repente ela pergunta:

- Você já comeu feijão bichado? Eu já.

Quando a água ferve, os bichinhos ficam boiando e são retirados com uma concha. São uns bichinhos brancos, parece bicho de goiaba.

O Estudante é a história de um rapaz que, na primeira parte da vida, dedica-se a boas ações. Uma delas é mudar a vida de presidiários, tornando-os "úteis à sociedade". Depois vem o tóxico e vai tudo para o brejo.

Antes de começar a escrever, Adelaide procurou um traficante profissional e pagou cinco mil cruzeiros por uma entrevista que está no romance. Eis um trecho:

- Você é traficante?
- Sou.
- Como você está solto?
- Meu advogado cortou o flagrante. Tenho filhos e preciso viver. Tenho um filho de 17 anos.
- Por que você vende para estudante?
- Porque é um negócio.
- E se alguém viciar seu filho na escola?
- Mato.
- Por quê?
- Por quê? Não quero meu filho louco.

Depois, ela conta que no ano passado A Falência das Elites foi apreendido e agora tem gente querendo filmar o livro.

- E o que você pensa da censura?
- Eu concordaria com a censura, só se fosse válida para todos, mas a censura só vale para os pobres, para os ricos não. Escritor pobre é marginal, principalmente no Brasil, onde ninguém lê. Veja como o escritor é tratado aqui. Ninguém quer ficar perto da gente...

- Quanto você ganha com seus livros?

- Uns 10 ou 15 mil por mês. As edições são em média de 10 mil exemplares.

Preto é Gente

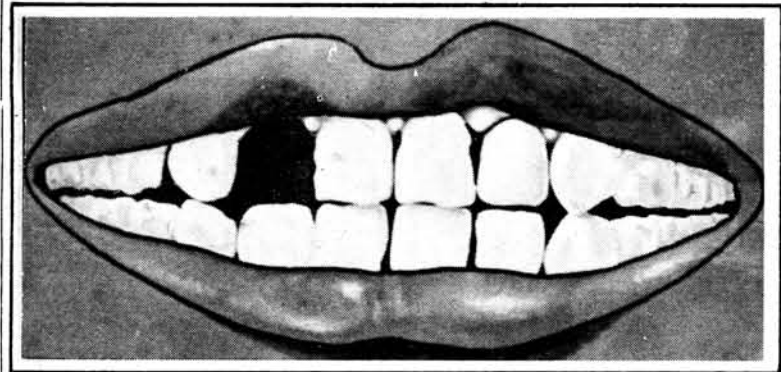
Campanha Ex



Patrice Lumumba, nascido no Congo Belga em 1926. Lutou a vida toda pela libertação de seu país, o que aconteceu em 1960, quando ele estava preso. Libertado, assumiu cargo de primeiro-ministro do novo país - hoje, o Zaire - e, pouco depois, foi sequestrado a mando dos brancos, torturado e degolado. A cabeça foi enterrada perto da aldeia onde nasceu. Tinha 35 anos. Seu nome foi dado à Universidade dos Povos em Moscou.

CRIAÇÃO: SERGIO DE SOUZA

SP: BOCA ESTÁ NO FIM. E O BEBÊ-DIABO NO CÉU.



Guerra Quente Na Boca Do Luxo: Quem Tem Carro Vai Ganhar!

Em São Paulo, a boca do luxo está no fim. Ainda funcionam as boates La Vie en Rose, Club de Paris e algumas outras, menores. As que fecharam foram para outros lugares, agora mais dispersas. Com elas, lá se foram os clientes.

No quarteirão formado pela Major Sertório, Araújo, Ipiranga e praça da República, as meninas paqueram nos próprios carros. São uns 30 automóveis: de Maverick ou Passat aos fusquinhas.

Entre as moças das boates e as dos carros existe uma "guerra". As das boates são defendidas pelos porteiros:

- Não correm o risco de sair com malandro, e o freguês não corre o risco de pegar doença...

Para o porteiro do Club de Paris, as paqueradoras não prestam:

São umas bocuda, umas escandalosa, e só continuam a parquerar na rua porque a maioria é amante de polícia.. Aqui, não entram!

Iara, uns 30 anos, natural de Campinas, vivida em Sorocaba, há 2 anos trabalha com fusquinha próprio e apartamento alugado na rua Maria Antonia.

- A gente não tem problema com a polícia, eles vêm aqui, toca a gente, a gente corre na frente, eles correm atrás, mas tudo bem. Depois eles se mandam e nós voltamos. Não podem com a gente! Dentro do carro então, nos estamos dentro de uma propriedade nossa. Não estamos dando show, não estamos brigando, não estamos fazendo nada. Eles só podem pedir pra gente sair do meio da rua, não ficar em fila dupla.

- E não tem problema?

- A gente tem é com os caras. Ah, isso tem. Isso tem demais! Caras que querem assaltar a gente, roubar o carro, matar e tudo o mais. Sei lá! É uma vida que se enfrenta de tudo. Tem os bons, tem os ruins. Comigo nunca aconteceu, mas com outras meninas... Já sumiu carro que nem apareceu mais, já mataram uma em 73. Vira e mexe um cara tenta matar, tenta estrangular, tudo bem.

Depois que fechou a boate, apareceu muita mulher nova aqui, com carro de amigo, de não sei quem lá. Nem todas têm carro próprio. Tem carro alugado, tem carro de amigo que bota as mulheres pra faturar, sei lá mais o quê! Pra mim comprar esse carro, quem deu boa parte do dinheiro foi um diretor da Fiat. Ainda no ano passado ele esteve aqui. Sempre que ele pode, manda dinheiro.

- E a coisa com os policiais, qual é?

- Esse negócio de que a maioria das meninas é amante de polícia não é verdade. Tem menina com amigo aí da 3ª delegacia, falam. E isso, aquilo, não é tanto assim, não. Porque na hora que a gente ferve, a gente ferve com eles. Eu ferve! Comigo eles não tiram uma!

Outro dia eles deram uma onda de correr atrás de mulher com carro. Com o carrão deles, entende? Ligavam a sirene e mandavam ver. Um dia eles correram atrás de mim até a porta da minha casa. Passei tudo quanto foi farol vermelho, mas quando chegou na porta de casa (eu moro do lado de uma padaria, todo mundo me conhece), abri o vidro e xinguei. Falei pra eles o que eles nunca imaginariam: "Amanhã, vou no juiz corregedor?" E fui! Não sou obrigada a arriscar a vida, porque se é caso de dar documentos, eles levam a gente, entende, querem encarnar. Então quando eles chegaram pra mim, pediram documento, eu falei "não tenho". Ele falou: "Eu vou tocar toda a sirene". Eu falei: "Pode tocar. Não estou nem aí. Não devo nada". Daí, abriu o farol, olhei de um lado, de outro, puxei o carro e deixei eles em pé. Daí eles correram atrás. Eles querem pegar os documentos. Depois não devolvem e mandam a gente pra 3ª. Eu digo que não tenho, ou fecho os vidros do carro até em cima, e mostro os documentos pelo vidro. Se eles quiserem correr atrás de mim, que corram...

- E os "negócios", que tal?

- Eu não tenho concorrência! Sou a única mulata do pedaço, posso dizer que sou conhecida internacionalmente. Enquanto fazem programa de 100, eu faço de 300, 400, 500, porque se eu saio com gringo, só vale dólar!

- E as boates da boca?

- Fecharam a boca. Tem é muita maloca atrás dessas boates. Querem construir prédios, vão derrubar tudo. Eu acredito que as boates não influem no nosso trabalho: nós aqui temos fregueses. Mas agora caiu mesmo o movimento, não é questão de boate. Você vai lá e as meninas estão todas apelando. Tá tudo mal, sabe? As meninas vão pra boate é pra ficar azucrinando com os boy. A tarde ficam nas portinhas, às 5 horas já fizeram 50 programas, tudo de 10, 15 cruzeiros. Entra um, sai outro, entra um, sai outro, só cara escroto. Chega de noite, bota uma peruca nova, vem pra boate, fica azucrinando com os boy. De noite elas podem aguentar, fazer um programinha só. Se eles vivessem só da boate não dava, elas morriam tudo de fome!

Claudio Favieri

BEBÊ-DIABO FOGE PARA O NORDESTE



O Menino Morreu No Terceiro Dia. Mas Ressuscitou e Vendeu Muito Jornal.

O bebê está no céu, sem dúvida nenhuma - diz frei Angelino do Convento do Carmo, na rua Martiniano de Carvalho, São Paulo.

O bebê-diabo nasceu no Dia das Mães de 1975, na primeira página do jornal Notícias Populares, pertencente a Empresa Folha da Manhã S.A., que também edita a Folha de São Paulo, Folha da Tarde, Última Hora, A Gazeta e A Gazeta Esportiva. "Nasceu peludo, com chifres, cauda e até falando", dizia o Notícias Populares do segundo domingo de maio. E a manchete berrava: "Nasceu o Diabo em São Paulo". Durante 19 dias o bebê-diabo assaltou motoristas de táxi, pulou pelos telhados, foi causador de um eclipse, bebeu sangue, disse palavras, fez profecias "ainda não reveladas", chegou a anunciar o fim do mundo. E Notícias Populares, jornal com tiragem média de 80 mil exemplares, chegou a atingir 146 mil, a \$ 1,50 o exemplar.

O bebê-diabo era filho de sífilíticos e nasceu com falhas na estrutura óssea: duas saliências na testa (os chifres), uma deformação na coluna vertebral, com alongamento na parte inferior (o rabo).

A criança morreu 3 dias depois de nascer, em Santo André, na Grande SP. A notícia de que um bebê-monstro tinha nascido foi publicada no Diário do Grande ABC e lida pelo secretário e pela redação do Notícias Populares. E então, nasceu o bebê-diabo.

Durante a campanha, as manchetes iam variando. "Médico Afirma: Bebê-diabo Existe" foi uma delas. Descobriram também um pai do bebê-diabo em Marília SP, "fazendeiro que não tira o chapéu nem no barbeiro para não mostrar os chifres".

Com o passar dos dias, a vendagem de Notícias Populares caiu para o normal, e a redação resolveu terminar com a campanha, "matando" o bebe-diabo. Mas no dia 2 de junho veio ordem superior: mandem a coisa para o Nordeste. Foi uma correria no fechamento daquela edição. O secretário, que além de fazer os títulos da primeira página também diagramava o jornal naquele dia, gritou:

- Deixa 30 linhas na página 16. Vou escrever a matéria agora mesmo. No dia seguinte o povo foi informado de que o bebê-diabo havia sido sequestrado por um grupo de fanáticos religiosos, e que "teria sido mandado lá para o Nordeste".

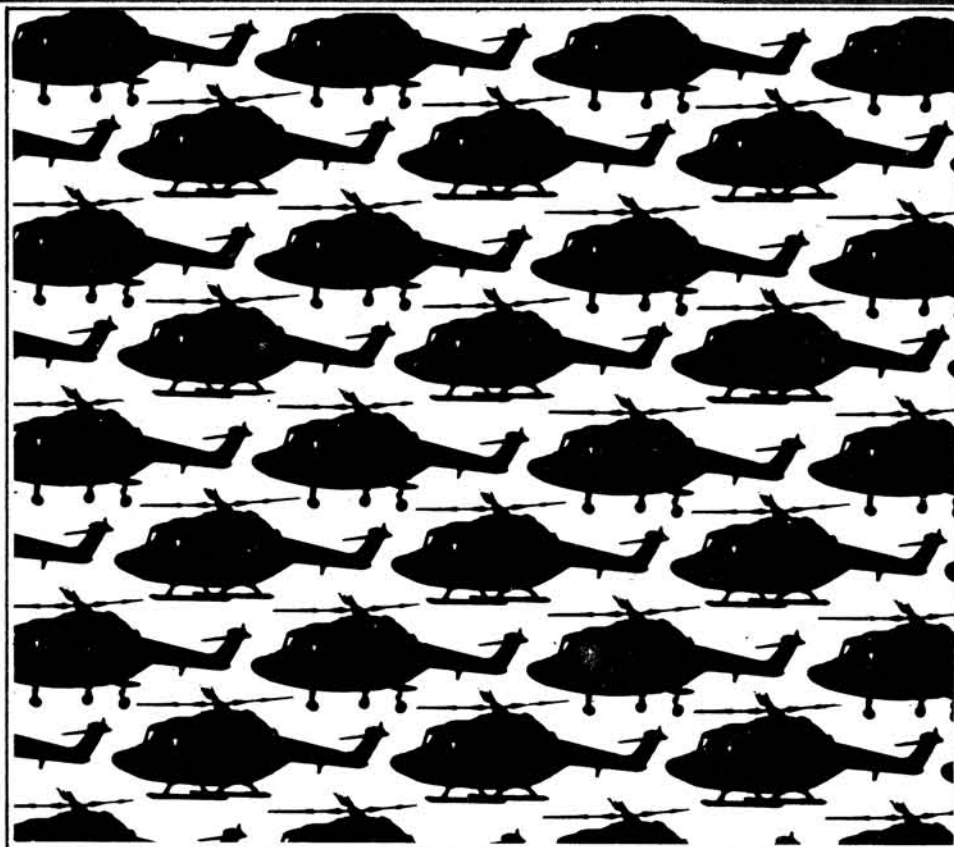
O bebê-diabo aumentou a venda do jornal mas trouxe 2 processos contra o Notícias Populares: o primeiro, dos Lencóis Santista, porque um de seus advogados foi citado como testemunha ocular da existência do satânico bebê; outro, de uma senhora, a quem o jornal atribuiu erroneamente a maternidade.

Como a idéia trouxe mais lucros que prejuízos, tentaram continuar no assunto. Na mesma edição do "sequestro", 3 de junho, a redação tinha pensado em dar em manchete "50 Mil Diabos em São Paulo".

- Ai já seria demais, e então mudamos a manchete para "50 Mil Pessoas Adoram o Diabo". Não tem nenhuma relação com o bebê-diabo, mas como é diabo, tá vendendo bem - afirma Lázaro, o secretário.

Claudio Favieri

MAILER GOZA JAGGER. VIETCONG JOGA COMIDA FORA.



Grave Desvio Ideológico Em Saigon: Debateram Tanto Que o Jantar Apodreceu.

Quando o coronel Tin, do exército norte-vietnamita, entrou no palácio presidencial, em Saigon, encontrou o general Minh, então presidente do Vietnã do Sul, e ordenou: "rendição incondicional".

Logo depois começou a revirar o gabinete presidencial. O coronel norte-vietnamita conta que em uma das gavetas encontrou o cardápio do jantar do general vencido. Foi ler e dizer: "este jantar não sai".

Eles (o presidente, o vice-presidente e o primeiro-ministro) iam é comer a mesma comida de todos: arroz e carne em conserva, fornecidos pelo governo vietcong. A primeira medida tomada pelo governo revolucionário me parece ser o maravilhoso símbolo da justiça, enfim restabelecida. Há coisa mais escandalosa do que privilegiados enchendo a pança, enquanto as massas estão reduzidas ao bolo de arroz? Para todos, as mesmas misérias. Para todos, as mesmas alegrias. Eis uma igualdade que bem me convém. Mas resta um probleminha a resolver.

O jantar do palácio naquela noite já estava pronto, só faltava servir. Quem iria comer? A questão, aparentemente inofensiva, levanta uma série de problemas econômicos, políticos e teóricos, nada fáceis de resolver.

Uma vez encerrada a revolução, os deliciosos produtos da cozinha vietnamita, preciosos testemunhos da história e da cultura nacionais, voltam evidentemente para o povo. Mas o povo é numeroso e a refeição estava prevista apenas para 3 pessoas. Dividir a refeição em 40 milhões de partes seria um perigoso desvio esquerdista.

Mas se poderia, por uma audaciosa iniciativa teórica, levar em conta o princípio "A terra àqueles que a trabalham", e estendê-lo para "a cozinha àqueles que a fazem", oferecendo as refeições aos 3 cozinheiros do presidente. Porém, a interpretação seria um desvio dog-

mático, porque o princípio diz "a terra àqueles que a trabalham" e não "os produtos da terra aos que a trabalham". Os cozinheiros são trabalhadores como os outros e não devem se beneficiar de nenhum privilégio especial, extraído de seu lugar no processo produtivo. Isso poderia abrir caminho para outros abusos, como "os carros para aqueles que os fabricam", ou "as casas de campo para aqueles que as constroem".

Por que não escolher 3 heróis, patriotas e revolucionários, merecedores, por abnegação, coragem e sentido de disciplina, demonstrado em suas ligações com o povo, além da dedicação à linha do Partido? A refeição presidencial poderia, então, ser servida. Mas como escolher? Foram tantos os heróis, que no fim a seleção poderia ser uma injustiça mais grave do que a que se procurava reparar, privando o general Minh do jantar. E, afinal de contas, só há um herói: o povo.

Seria possível, também, exportar a refeição, parte da produção nacional, trocando-a por máquinas que ajudariam a construção do socialismo. Isso, talvez, fosse a posição mais correta a ser adotada na ocasião. Mas acontece que circunstâncias teoricamente corretas sejam contrariadas por obstáculos puramente técnicos: é sabido que a cozinha vietnamita, fria ou aquecida, é absolutamente intragável. A refeição de Minh seria invendável, mesmo a baixo preço, num restaurante (chinês) de Paris.

Não havia saída. Iam precisar jogar fora da refeição presidencial. Jogar fora? Desprezar a obra de trabalhadores patriotas? Desperdiçar os produtos da terra sagrada, recuperada após 30 anos de luta? Nunca!

Enquanto se discutia, a refeição esfriou, ressecou e, segundo informações não confirmadas, estaria em adiantado estado de decomposição. Colocada a par da situação, a direção do Partido dos trabalhadores condenou a falta de iniciativa da base, o que testemunharia um desvio burocrático do qual o movimento revolucionário deve, a todo preço, se desembaraçar. Esta análise do burô político me parece exata. Só resta saber: quem deveria comer a última refeição do presidente Minh?

Guy Sitbon, do Le Nouvel Observateur

Os Rolling Stones Berram Demais. No Fundo, São Uns Chatos. (*)

O escritor norte-americano Norman Mailer, falando ao jornal Rolling Stone, faz críticas ao conjunto inglês Rolling Stones (eles vêm ao Brasil, em julho). Algumas opiniões de Mailer:

1 - Existe algo de insatisfatório quanto a Mick Jagger. Está sempre prometendo muito mais do que realmente oferece. Se tomarmos os 5, 6 maiores conjuntos de rock dos últimos 10 anos, Jagger foi o mais sinistro. Mas não é terrificante, de jeito nenhum. Falo da música. Sobre ele não sei nada.

2 - Acho que os Beatles atingiram o ponto máximo em Sargent Peppers, e que são mais amedrontadores, embora não sejam sinistros. Os Beatles tinham mais consciência dos poderes que podiam desencadear, ao tocar a nota torta em determinado momento. É como se eles fossem mais terrificados pela música do que Jagger.

3 - Jagger é terrivelmente mimado. Existe todo aquele murmúrio ao fundo: "Oh, você não quebraria este coração de pedra" (na música "Heart of Stone", 1965). Que ameaça! Além daquela música fúnebre constante, além dos gritos guturais que fazem pensar que ele está fora de si, com toda aquela masturbação elétrica, com todo aquele som de tiro-freio - de cada batida de bateria - existe também um monte de merda (de vaca). Considero algumas de suas músicas maravilhosamente promissoras. Mas é irritante pra diabo escutá-las durante horas, porque você fica esperando uma recompensa que nunca vem.

4 - O baterista deles (Charles Watts) é

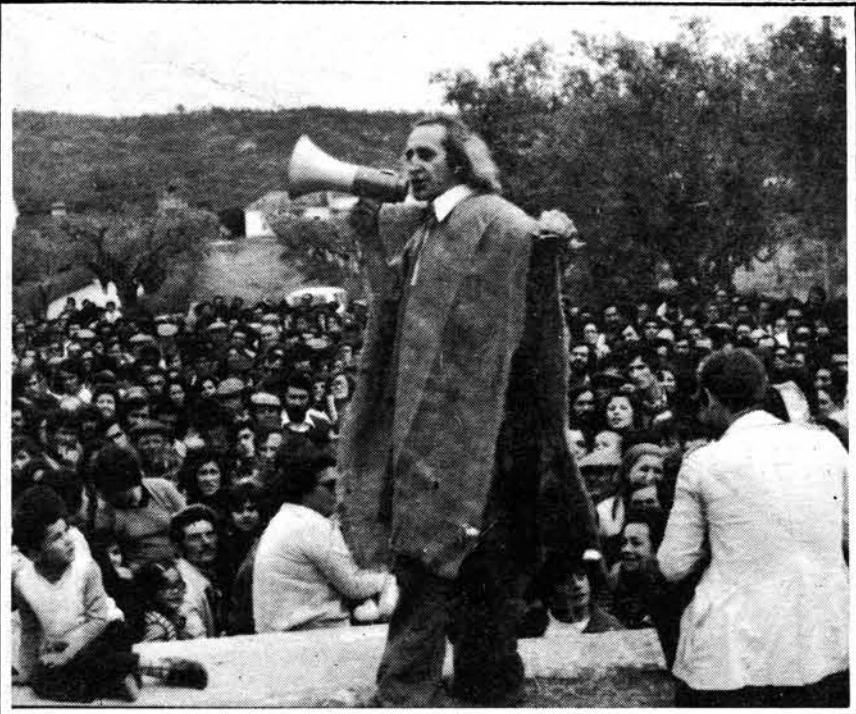
incrivelmente bom. Pra mim ele é metade do conjunto. Porque você tem todos aqueles miados, aquelas ameaças ouvidas pela metade, e tem um senso de desordem, uma sensação de mamãe com os nervos arrebatados esperando receber sua picada. Tudo isso você tem. Mas o que mantém tudo isso junto é aquele maravilhoso baterista. Estou criticando eles no que considero o mais alto nível. Mas afinal, no mais alto nível eles decepcionam. Eles dependem do barulho. E nós não ouvimos o disco no maior volume. Nós ouvimos à meia altura. Se eu berro com toda a força, se eu grito no teu ouvido, você vai ficar impressionado com a minha piração. Nós nos formamos numa cultura de som médio. Portanto o som ao máximo só tem de provocar isso.

5 - Não acho que estas composições se comparem com as de Bob Dylan. A voz de Dylan é menor. As vezes acho até nasal demais. Suas composições, sim, são excelentes. Dylan pode provar que é o nosso maior poeta lírico dessa fase. Com Dylan é a poesia que sustenta a sica, e não o cantor.

6 - Com Jagger é o contrário. Ele tem o sentido maravilhoso do dia em que a família entra em crise. O filho joga ácido na cara da mãe, a mãe pisa na cabeça do filho, aí vem o primo gordo e pergunta "por que todo mundo tá brigando? Vamos jantar". E todos sentam, o filho com a cara arrebatada, a mãe com a cara cheia de cicatrizes, mas eles continuam. Você sabe, a família inglesa continua.

7 - Sympathy for the Devil (Simpatia pelo Demônio) eu achei muito auto-consciente. Mal se podia entender as palavras. Existe mais profundidade em Eleanor Rigby do que em Sympathy for the Devil.

*: Norman Mailer às vezes também enche o saco.



De megafone na mão, Zé Celso.

Sem Verbas, Zé Celso Continua Animando (Culturalmente) a Revolução Portuguesa.

Este mês, o grupo brasileiro Oficina-Samba começou a apresentar Galileu Galilei, de Brecht, nas províncias portuguesas, depois de encená-la alguns dias no Teatro São Luís, de Lisboa, e na vila de São João do Campo, no dia 5 de janeiro. Na vila, uma divergência sobre a maneira de fazer teatro levou o Ministério da Educação e Cultura português a cortar as verbas que fornecia ao grupo, que só agora, por conta própria, pôde retomar sua experiência de animação cultural pelo interior.

O programa de Galileu Galilei (um jornal de 12 páginas, editado pelo Oficina) conta o que houve na vila de São João do Campo: o grupo ia se apresentar na casa paroquial, onde não cabia nem metade das pessoas que queriam ver a peça. Aí os atores tentaram apresentá-la na praça. "Ou todos, ou ninguém", disse José Celso Martinez Corrêa. Depois resolveram ir ao campo de futebol, até que houve uma proposta definitiva: os atores voltariam para duas apresentações, organizadas pelos moradores da vila.

Mas Judith Cortesão, a latifundiária progressista do lugar, que convidou o grupo, não gostou do modo ruidoso como ele saiu pela rua - com bandeiras, faixas coloridas e batuque - o que fez muitos aldeões dançar samba em pleno inverno. Judith achou isso inconciliável "com a seriedade exigida para introduzir Galileu Galilei ao povo". E como ela era influente no MEC, o grupo ficou sem subsídio. Mesmo assim, continuou seu trabalho. Além de levar Galileu ao São Luís, fez uma série de espetáculos em quartéis, fábricas e cooperativas. Nota do Luar, um semanário revolucionário, sobre apresentação em um quartel: "Além de Zé Afonso (compositor popular português), autor de Grândola Vila Morena, destacou-se o grupo Oficina-Samba, que teve uma atuação alegre, realçando a constante necessidade de criação do poder popular em todas as suas formas".

Em carta enviada a São Paulo, Carlos Alberto Caetano, (editor fundador do Ex), um dos 20 membros do Oficina, diz que o grupo "está duríssimo", mas disposto a se organizar de maneira independente para levar à frente um projeto de trabalho apresentado ao Movimento das Forças Armadas - MFA - no fim do ano passado: encenar, depois de Galileu Galilei, outros trabalhos para o público português, como Pequenos Burgueses (de Máximo Gorki, mais de mil apresentações em todo o Brasil e América Latina), Gracias Señor (a primeira criação coletiva do Oficina), As Criadas (de Genet, apresentada em prisões, sanatórios, vilas e praças) e ainda exibir o filme Rei da Vela, feito sobre a peça de Oswald de Andrade, que o Oficina apresentou no Brasil. No dia 25 de abril, a televisão portuguesa apresentou um filme do Oficina sobre a revolução de 25 de abril - Nove Meses Depois.

Oficina samba

de dentro: Teatro para fora: Russos, campos, todos os lugares, O PAI DO MUNDO. Como o MOVIMENTO atravessa a Inquisição, o Imperialismo e, hoje, em Portugal, a língua portuguesa, encontra uma brecha para ser público e colocar-se como força, ao lado de todas as forças progressistas, para se enfrentar a confrontação básica deste nosso ano: que é entre o capitalismo e a REVOLUÇÃO DA NAÇÃO - a revolução do trabalho, da força e do trabalho, da vida na cidade, de tudo que possa acabar no mundo contra a exploração e as autorizações da dominação sem os erros de Galilei.

OFICINA SAMBA FELE PASSAGEM A TODOS

ao samba	ao campo, que tem voracidade
ao vira	da nossa presença
ao fado	ao proletariado
ao fado	GALILEU GALILEI é o nosso
ao fado	cartão de apresentação
ao fado	endossado por companheiros
ao fado	portugueses e africanos
ao fado	é o nosso código
ao fado	pedindo passagens
ao fado	ao nosso movimento de união
ao fado	cação de todas as lutas
ao fado	nossa ao direito. A contribui
ao fado	ção milenar de todos os erros
ao fado	Recorremos a Brecht, que
ao fado	dentro das mãos sejas da
ao fado	política, deu sua contribuição
ao fado	avancada para a unidade
ao fado	sem cair na simplificação
ao fado	ou no vanguardismo.
ao fado	Toda invenção possível para
ao fado	transmitir a ideia correta
ao fado	social política sexual
ao fado	econômica
ao fado	senhorial
ao fado	estética moral
ao fado	de UMA NOVA ERA, ao que
ao fado	viver dará prazer!
ao fado	TUDO SE NOVE

O nº 0 do jornal-programa.



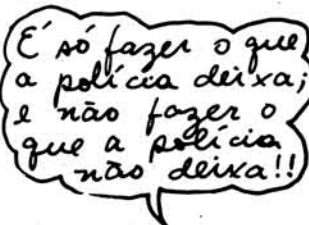
No último trimestre de 74, Veja vendeu uma média de 154 mil exemplares, 1.500 a mais que Manchete, diz o diretor de Veja. (Mais Manchete na página 27, e mais Veja na página 35.)

No Terceiro Mundo, Padres Rezam Em Nome Do Pai, Do Filho e Da CIA.

- Na América Latina, todo missionário é suspeito de ligação com a CIA - diz William Winpfler, do Grupo de Trabalho Latino-Americano do Conselho Nacional das Igrejas, dos Estados Unidos. Essa é uma das organizações, católicas e protestantes, que está estudando como enfrentar os problemas que 12 mil missionários vêm tendo após as revelações sobre as atividades da CIA no continente. O governo peruano expulsou do país os 137 membros do Corpo de Paz, acusando-os de conspirar contra o regime. E a imprensa de Lima andou tratando de missionários e outras organizações "altamente suspeitas". Em outros países latino-americanos, a imprensa afirma que a CIA está infiltrada nas missões. "Mas não é para rezar", diz a revista Pueblo, da Costa Rica.

Uma das saídas que os missionários encontraram, para melhorar a imagem, foi passar a atacar a CIA. Numa carta-aberta ao presidente Ford, em outubro de 1974, 17 deles disseram que o serviço de inteligência dos EUA "é absolutamente incompatível com os nossos ideais" e chamaram de "imorais" as posições do executivo norte-americano. As missões pediram que o Congresso investigue todas as "operações secretas no Terceiro Mundo".

De qualquer forma, os próprios missionários reconhecem que a CIA chegou a se infiltrar entre eles, argumentando que é a luta contra o comunismo. Por isso, o assistente do diretor para a América Latina da Conferência Católica Americana, Tom Quigley, propõe "um rito comunitário de penitência, durante o qual os missionários confessariam sua vergonha de terem sido utilizados, conscientemente ou não, pelos agentes da CIA, e pediriam publicamente perdão aos povos oprimidos do Chile, Guatemala, Bolívia, etc.".



mythinho 75

ANIMATÓGRAFO DOSSIER GLAUBER ROCHA
ANIMATÓGRAFO DOSSIER GLAUBER ROCHA
ANIMATÓGRAFO DOSSIER GLAUBER ROCHA

ANIMATÓGRAFO DOSSIER GLAUBER ROCHA
ANIMATÓGRAFO DOSSIER GLAUBER ROCHA
ANIMATÓGRAFO DOSSIER GLAUBER ROCHA

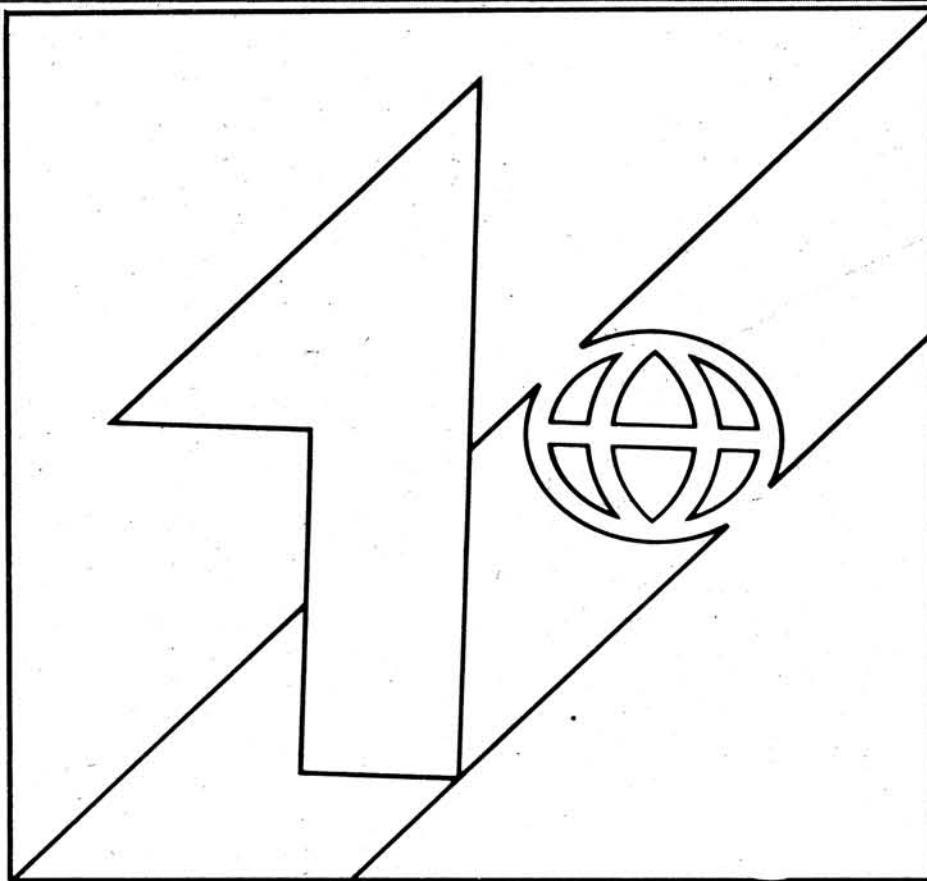
Não é Só a Globo. A "Estética Da Fome" (De Glauber Rocha) Também Faz 10 Anos.

Dispensando a introdução informativa que se tem transformado em característica geral das discussões sobre América Latina, prefiro situar as relações entre nossa cultura e a cultura civilizada em termos menos reduzidos do que aqueles que, também, caracterizam a análise do observador europeu. Assim, enquanto a América Latina lamenta suas misérias gerais, o interlocutor estrangeiro cultiva o sabor dessa miséria, não como sintoma trágico, mas apenas como um dado formal em seu campo de interesse. Nem o latino comunica sua verdadeira miséria ao homem civilizado, nem o homem civilizado compreende verdadeiramente a miséria do latino.

Eis - fundamentalmente - a situação das artes no Brasil diante do mundo: até hoje, somente mentiras elaboradas da verdade (os exotismos formais que vulgarizam problemas sociais) conseguiram se comunicar em termos quantitativos, provocando uma série de equívocos que terminam nos limites da arte mas contaminam sobretudo o terreno geral do político. Para o observador europeu, os processos de criação artística do mundo subdesenvolvido, só o interessam na medida em que satisfazem sua nostalgia de primitivismo, se apresenta híbrido, disfarçado sob as tardias heranças do mundo civilizado, heranças mal compreendidas porque impostas pelo condicionamento colonialista. A América Latina, inegavelmente, permanece colônia, e o que diferencia o colonialismo, de ontem do atual é apenas a forma mais aprimorada do colonizador: e, além dos colonizadores de fato, as formas sutis daqueles que também sobre nós armam futuros botes. O problema internacional da América Latina é ainda um caso de mudança de colonizadores, sendo que uma libertação possível estará sempre em função de uma nova dependência.

Este condicionamento econômico e político nos levou ao raquitismo filosófico e à impotência, que, às vezes, inconsciente, às vezes não, geram no primeiro caso a esterilidade e no segundo a histeria.

Esterilidade: aquelas obras encontradas fartamente em nossas artes, onde o autor se castra em exercícios formais que, todavia, não atingem a plena possessão das suas formas. O sonho frustrado da universalização: artistas que não despertaram do ideal estético adolescente. Assim, vemos centenas de quadros nas galerias, empoeirados e



esquecidos, livros de contos e poemas, peças teatrais, filmes (que sobretudo em São Paulo, provocam inclusive falências). O mundo oficial encarregado das artes gerou exposições carnavalescas em vários festivais e bienais, conferências fabricadas, fórmulas fáceis de sucesso, vários coquetéis em várias partes do mundo, além de alguns monstros oficiais da cultura, acadêmicos de letras e artes, jûris de pintura e marchas culturais pelo país a fora.

A histeria: um capítulo mais complexo. A indignação social provoca discursos flamejantes. O primeiro sintoma é o anarquismo pornográfico que marca a poesia jovem até hoje, (e a pintura). O segundo é uma redução política da arte que faz má política por excesso de sectarismo. O terceiro, e mais eficaz, é a procura de uma sistematização para a arte popular. Mas o engano de tudo isso é que nosso possível equilíbrio não resulta de um corpo orgânico, mas sim de um titânico e autodevastador esforço no sentido de superar a impotência: e, no resultado desta operação a força, nos vemos frustrados apenas nos limites inferiores do colonizador: e se ele nos compreende, então, não é pela lucidez do nosso diálogo, mas pelo humanitarismo que nossa informação lhe inspira. Mais uma vez o paternalismo é o método de compreensão para uma linguagem de lágrimas ou de mudo sofrimento.

A fome latina, por isso, não é somente um sintoma alarmante: é o nervo da própria sociedade. Ai reside a trágica originalidade do cinema novo diante do cinema mundial: nossa originalidade é nossa fome e nossa maior miséria é que está com fome, sendo sentida, não é compreendida. De Aruanda a Vidas Secas, o Cinema Novo narrou, descreveu, poetizou, discursou, excitou os temas da fome: personagens comendo terra, personagens comendo raízes, personagens roubando para comer, personagens matando para comer, per-

sonagens fugindo para comer, personagens sujas, descaradas, morando em casas sujas, feias, escuras, foi esta galeria de famintos que indentificou o Cinema Novo com o miserabilismo. O que fez do Cinema Novo um fenômeno de importância internacional foi justamente seu alto nível de compromisso com a verdade, foi seu próprio miserabilismo que, antes escrito pela literatura de 30, foi agora fotografado pelo cinema de 60 e, se antes era escrito como denúncia social, hoje passou a ser discutido como problema político. Os próprios estágios do miserabilismo em nosso cinema são internamente evolutivos. Assim, como observa Gustavo Dahl, vai desde o fenomenológico (Porto das Caixas) ao social (Vidas Secas), ao político (Deus e o Diabo na Terra do Sol), ao poético (Ganga Zumba), ao demagógico (Cinco Vezes Favela), ao experimental (Sol sobre a Lama), ao documental (Garrincha, Alegria do Povo), à comédia (Os Mendigos), experiências em vários sentidos, frustradas, umas realizadas, outras não, mas todas compondo, no final de 3 anos, um quadro histórico que, não por acaso, vai caracterizar o período Jânio-Jango: o período das grandes crises de consciência e de rebeldia, de agitação e revolução.

Nós compreendemos esta fome que o europeu e o brasileiro, na maioria, não entendeu. Para o europeu, é um estranho surrealismo tropical. Para o brasileiro, é uma vergonha nacional. Ele não come mas tem vergonha de dizer isso; e sobretudo, não sabe de onde vem esta fome.

Sabemos nós - que fizemos estes filmes feios e tristes, estes filmes gritados e desesperados onde nem sempre a razão falou mais alto - que a fome não será curada pelos planejamentos de gabinete e que os remédios do technicolor não escondem, mas agravam seus tumores.

Pelo Cinema Novo: o comportamento exato de um faminto é a violência, e a violência de um faminto não é primitivismo. Fabiano (Vidas Secas) é primitivo? Corisco (Deus e o Diabo) é primitivo? A mulher do porto de Caixas é primitiva?



Do Cinema Novo: uma estética da violência antes de ser primitiva é revolucionária, eis aí o ponto inicial para que o colonizador compreenda a existência do colonizado. Somente conscientizando sua possibilidade única, a violência, o colonizador pode compreender, pelo horror, a força da cultura que ele explora.

De uma moral: essa violência, contudo, não está incorporada ao ódio, como também não diríamos que está ligada ao velho humanismo colonizador. O amor que esta violência encerra é tão brutal quanto a própria violência, porque não é um amor de complacência ou contemplação, mas um amor de ação e transformação.

Explicação: o Cinema Novo não pode desenvolver-se efetivamente enquanto permanecer marginal ao processo econômico e cultural do continente latino-americano; além do mais, porque o Cinema Novo é um fenômeno dos povos novos e não uma entidade privilegiada do Brasil: onde houver um cineasta disposto a filmar a verdade, e a enfrentar os padrões hipócritas e policiaescos da censura intelectual, aí haverá um germe vivo de Cinema Novo. Onde houver um cineasta disposto a enfrentar o comercialismo, a exploração, a pornografia, o tecnicismo, aí haverá um germe de Cinema Novo. Onde houver um cineasta, de qualquer idade ou de qualquer procedência, pronto a pôr seu cinema e sua profissão a serviço das causas importantes do seu tempo, aí haverá um germe de Cinema Novo. A definição é esta e por esta definição o Cinema Novo se marginaliza da indústria porque o compromisso do cinema industrial, é com a mentira e a exploração.

O Cinema Novo é um projeto que se realiza na política da fome, e sofre, por isso mesmo, todas as fraquezas consequentes da sua existência. Nova York, Milão, Rio de Janeiro, 1965. **Glauber Rocha**

salada

LANÇAMENTOS: SUCESSO EM RIBEIRÃO, PAU NA ABRIL!

o Domingo

RIBEIRÃO PRETO: 8-15 JUNHO 1975 ANO I N.º 2

Não era macumba
pg.4

Até os 50 anos
a gente cresce
pg.9

Benito na pg.12
Bruno na 8
Librandi na 6

Quem acredita
na fusão?
pg.15



Revista para homem consumir e mulher ser consumida é o lançamento Abril de agosto. Prova: a campanha de lançamento de Homem (o Playboy caboclo), para publicitários e anunciantes. No programa, coquetéis e almoços, onde o prato principal é Livia, loira, 20 anos, a primeira a posar nua para o futuro Homem. Pelas fotos, Livia ganhou 4 mil, sem nenhum contrato de exclusividade. Quando ela resolveu faturar o fato de ser "playmate" do Homem, a casa quase caiu. Livia tinha posado nua, exibindo jóias, para o Jornal da Tarde. Enquanto a Abril puxava os cabelos, ia pra rua a Nova de junho, da própria Abril. Coisa engrossou: Livia estava na capa. E os machões daquela editora não perdoaram: mulher não pode furar homem.

Propaganda: Você é Livre Pra Pensar o Que Ela Quiser.

Este texto, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, faz parte de livro que reúne escritos dos 2 pensadores alemães, publicados sob o título *Dialética do Iluminismo. São textos da Segunda Guerra, quando os escritores fugiram da Alemanha Nazista.*

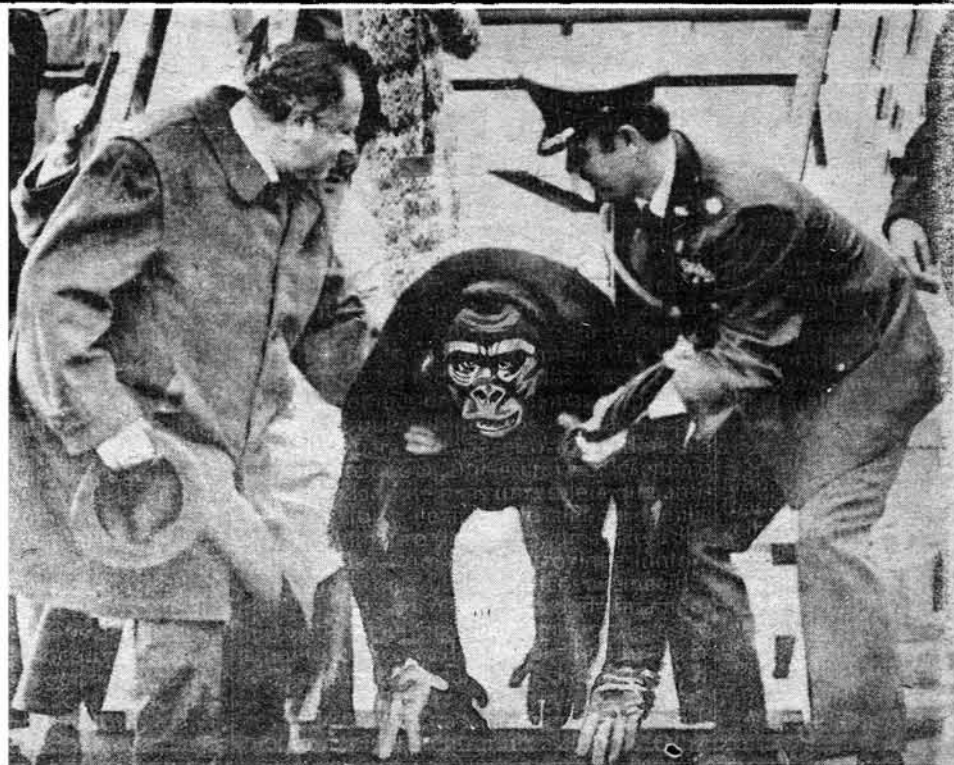
Publicidade para transformar o mundo: que asneira! A propaganda faz da língua um instrumento, uma máquina. Fixa a constituição dos homens tal como se tornaram sob a injustiça social, no próprio momento em que os põe em movimento. A propaganda acha que pode contar com eles. No íntimo, cada

um sabe que, através do meio, a gente mesmo se transforma em um meio como na fábrica. A ira que todos percebem em si quando seguem a propaganda é a antiga raiva contra o jugo, reforçada pela sensação de que a saída indicada pela propaganda é falsa.

A propaganda manipula os homens ao gritar liberdade e ela se contradiz a mesma. A falsidade é inseparável da propaganda. Os chefes e os homens gregários se reencontram na comunidade da mentira através da propaganda, ainda quando os conteúdos dela sejam justos. Para a propaganda, até a verdade se transforma em um simples meio mais para conquistar adeptos. A propaganda altera a verdade no próprio ato de formulá-la. A propaganda é anti-humana. Para ela o princípio segundo o qual a política deve nascer de uma compreensão comum não é o mais do que uma forma verbal.

Em uma sociedade que fixa prudentemente limites à super-abundância que a ameaça, tudo que não é recomendado pelos outros merece desconfiança. A advertência contra a publicidade comercial, no sentido de que nenhuma firma dá nada de graça, vale em todos os campos, e diante da moderna fusão dos negócios e da política, vale sobretudo no que se refere à propaganda política.

O volume de anúncios é inversamente proporcional à qualidade. A fábrica Volkswagen depende da publicidade muito mais do que a Rolls Royce. Os interesses da indústria e dos consumidores não coincidem nem sequer quando aquela procura seriamente oferecer alguma coisa. Inclusive a propaganda da liberdade pode gerar confusão, posto que deve anular a diferença entre a teoria e a peculiaridade dos interesses daqueles a quem se dirige.



Mais Uma Do Sérgio De Souza: Domingão Já Nasce Feito!

Ribeirão Preto, 4 de junho, uma quarta-feira. A praça principal da cidade paulista amanhece com uma mesa de doces bem no meio da calçada. Sobre uma toalha branca, pratinhos de quindins, tortas de maçã, balas e bombons da Copenhagen e um bolo coberto de chantilly. Ninguém tomando conta. Em volta, aos poucos, as pessoas começam a discutir. Um homem passa e diz:

— É macumba.

Quatro dias depois, o nº 2 de O Domingo, semanário lançado um domingo antes, explica à população: "Não era macumba". Era mais uma brincadeira do jornalista Sérgio de Souza, ex-editor da Realidade, fundador da A&C (Bondinho, Jornalivo, Grilo), fundador da Ex- Editora, e agora fundador da Editora União, que publica O Domingo - 10 mil exemplares distribuídos gratuitamente em Ribeirão Preto. A fórmula do jornal - serviço e reportagens sobre a cidade - deu certo. Além de oferecer doces à cidade, O Domingo botou uma repórter como varredora de rua por um dia; contou a vida de um homem que casou 25 mil vezes - o Juiz de Casamentos; desvendou quem era o único detetive particular da cidade, especialista em casos de infidelidade; e levantou um debate maldito: a fusão do Comercial FC e do Botafogo FC, inimigos velhos, para que o futebol

de Ribeirão possa ganhar algum respeito no campeonato paulista.

Do 1º para o 2º número, a publicidade aumentou em 30% (9 das 24 páginas do tablóide tomadas por anúncios). E como disse o próprio jornal, se a voz da Câmara é a voz do povo, O Domingo está consagrado:

"O dia 1º de junho passará para a história de nossa cidade. Nesse dia nasceu o Domingo. Jornal semanal que neste primeiro número mostra ao povo de Ribeirão Preto que os veículos de informação devem ser utilizados como meio de construção positivo. E de todo evidente que O Domingo atualizou em nossa cidade os meios de informação, as técnicas de impressão, as fotografias, fazendo uma total subversão na imprensa", diz um requerimento de congratulações assinado por 13 vereadores, quase a unanimidade do Legislativo da cidade.

"Inchado, O Domingo agradece", respondeu O Domingo.

ex-12
11

comicus

APROVEITE, LIQUIDAÇÃO: ELE PAROU DE DESENHAR.



baixa sociedade

CRETINO POBRE É CRETINO. CRETINO RICO É RICO.



Fumeta Bacano é Doente. Pobre Não Passa de Maconheiro Sem Vergonha.

Quando, na madrugada de 23 de abril, São Pedro sacou o famoso lance da rua Argentina com Alaska, no bairro dos nababos de São Paulo, e deu 3 cartões vermelhos, como diria o Beija-Flor, nasceu um dos maiores boxixos de 75.

Trata-se daquele lance em que 3 rapazes escorregavam a mão em um toca-fitas de uma tremenda caranga reluzente (Puma 75) na rua José Clemente. Os moços estavam a bordo de uma fusqueta, pilotada por um deles, de 17 anos, quando - para azar deles - os homens de boina preta pintaram na esquina. Os sherloques se tocaram de que havia bububu no bobobó e foram em cima. A fusca escafedeu-se. Através das ondas hertzianas, os sherloques acionaram as chamadas demais viaturas. Até que a de prefixo 66 mandou arrebite para tudo quanto é lado, alegando ter recebido chumbo antes.

Os boys - De repente, um monte de obtusos resolveu adquirir consciência. Seguente: neste mesmo ano de 75, antes do lance da rua Argentina, já haviam sido acionados 56 cartões vermelhos. Mas como tais fatos se deram em São Miguel Paulista, Brasília e outros mocós habitados pela chamada gentinha, ninguém abriu o bico. Tudo jóia. Afinal, bandido tem é que amanhecer com a boca cheia de formiga (palmas, muitas palmas).

Curiosamente, os chamados bacanas da metrópole são os que mais aplaudem tais métodos. Mas, ao sentir o drama na carne, fariam paças. É o que sempre disse: quando você aponta um dedo para alguém, 4 dedos ficam voltados para você mesmo!

Não estou a defender os homens de boina, nem a aplaudir os cartões vermelhos. Afinal, tinham 17, 19 e 22 anos - e se foram precocemente por causa dessa sociedade podre, da qual estavam no topo. Mas vamos aos fatos, exclusivamente aos fatos, porque elocubrações - ao contrário do que entendem alguns idiotas, inclusive de redação - não interessam.

O piloto - É normal menino de 17 anos dirigir e ficar dando bandola de madrugada, quase todo dia? O quadrado aqui entende que não. Mas tem um monte de gente que acha que sim. Então, azeite: você está dando sopa aí na rua, motorizado qu não, e vem um fedelho que te atropela (ou te mata), como tem acontecido paças. Na hora agá, tadinho do menino, você que se dane. Com uma diferença: se for das bibocas, ele e seu pai ou responsável sifu, porque o Código de Trânsito prevê nabos para tais casos. Mas, se for de

"gente bem"... tadinho do menino, quem mandou você dar sopa na frente dele?

Os fumacês - De todos aqueles que costumam vacilar no artigo 281 do Código, só conheço nego que virou verdadeiro farrapo humano. Sou pela valorização do homem e, consequentemente, não condescendo com fumetas. Lamento informar que os jovens que receberam cartão vermelho estavam violentamente nesse embalo. Dois deles, inclusive, se dedicavam ao abastecimento de várias escolas. Vai dançar gente pra burro nessa história, porque existe uma gang por trás de tudo isso - além dos falecidos, uns sherloques e outros pintas bravas. Já escrevi, aqui mesmo na coluna, e repito: o "barato" sai caro demais. Vamos botar miolo, idéias na cabeça, e não enchê-la de canabis e outros baratos. No caso da 66, a mesma conceituação se repete: se o cara dança nas quebradas, é maconheiro sem-vergonha; entre os bacanas, é difícil dançar. E quando dança é doente...

Lógico, também, que o fato de ser fumacê e dirigir sem carta não significa que os sherloques possam mandar chumbo em cima deles sem mais nem menos. Sem esquecer dos 6 arrebitos na perua dos boinas pretas e evitando detalhes - as coisas mudam muito nesse inquérito - gostaria que vocês parassem para pensar na origem disso tudo: a desagregação familiar (bobagem falar disso?); o vale-tudo que caracteriza os nossos dias; a impunidade dos "costas quentes". Meus caros, isso aí da rua Argentina acontece todo dia nas quebradas. Dura lex, sed lex... e lei é para todos, ou só para os vagaus da vida?

Cabeça no lugar - O mural de certo vespertino apareceu um dia desses com uma nota anônima, característica dos covardes, feita por algum centauro com cabeça de cavalo. Era um fumeta, achando que eu estava pendendo a balança para o lado dos boinas-pretas no caso do prefixo 66. A ele, e outros, lembro que ninguém sentou mais a pua nos sherloques do que eu nesta praça. Então, estou inteiramente à vontade para buscar o equilíbrio, coisa rara nos dias que correm.

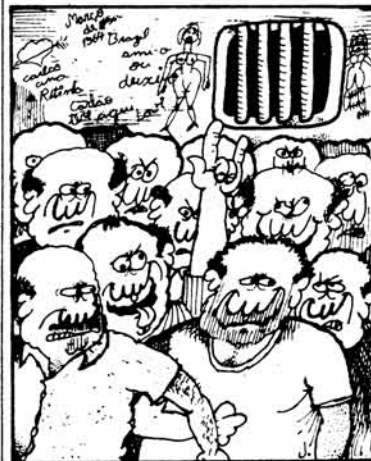
Escreba Dá De Pinote



Credencial apreendida - O Vicente, escriba da Barão de Limeira, foi jantar no "51" da praça do seu Julinho, aquela na qual o Fininho espetou o Saponga-Il. Acompanhado de duas peças, Viça curtiu o maior ragu, ser-

vido pelo meu considerado garçon Catarino e... na hora de pagar, os 3 saíram de pinote. Catarino correu e alcançou um só, cujo entregou-lhe sua credencial de escriba e mandou-o cobrar no império do seu Frias. Meu amigo Catarino teve de pagar as despesas. Sugiro ao Vicente que vá apanhar seu babilaque de volta e... pô, pague o Catarino, que ele não merece um 171 deste tamanho...

De Butuca No Jaulão



Hotel do seu Guedes - Sempre bato nesta tecla. Os fumetas que se doem tanto por coleguinhas com prontuário requisitado, não dão a mínima para este jaulão da avenida Cruzeiro do Sul. Cabem 2.200, lá estão 5.600 e, antes de dezembro, do jeito que as coisas vão, teremos ali 6 mil homens puxando corda. Dessa forma, recuperar quem? Na última correição que fez, o capa-preta das Execuções Criminais topou com 500 leles aguardando vaga no Manicômio, sem contar as dezenas de xaropes à beira de curto-circuito cerebral. Este ano, um grupo de gente na qual se pode botar fé assumiu o controle dos xilindros paulistas. A coisa anda muito ruim, mas temos esperança nessa gente - que não é de enganar, mas de fazer. Estamos de butuca...

Atenção, Sherloques!



Ramón no Hilton - Em abril, os sherloques da Cidade Ademar anunciaram a descoberta de uma tremenda gang de caranguejeiros: os caras levavam os carangos para uma aprazível cidade chamada Assunção e de lá traziam, em troca, canabis sativa e boletas. Entrou um monte de gente em cana, vários carros foram apreendidos etc. e tal. Tudo muito jóia. Mas ninguém contou que o Hoover paraguaio, Ramón, o Saldívar, esteve aqui para entregar o outro. O homem, muito na moita, esteve hospedado no Hilton Hotel. Evidentemente, houve uma troca pelas dicas que deu, mas isso é outra história... Registro o fato para os sherloques paulistas saberem que não me levam para grupo com lorota e ninguém entra nas bocas sem que eu fique por dentro.

Por isso, dou risada quando os loques metidos a vivos tentam me engrupir: cartinhas anônimas, telefonemas sutis... vou pôr todo mundo para dançar, inclusive aquela múmia que mandou uma carta com nome de "Júlio Matoso Neto". Você não perde por esperar, "Júlio"... Como diz aquele provérbio romano: o bom pastor tósquia suas ovelhas, não lhes tira a pele.

Ele e Ela: 1 a 1.



Outro cartão vermelho - Aquela mulher que deu um teco no Deodato, famoso tira que assim se foi, teve sua prisão relaxada, como noticiamos anteriormente. Há poucos dias, ela teve uma briga por questões de lenocínio, com outra mulher, cuja mandou-lhe umas facadas. Assim, ela também foi para o além: 1 a 1.

Pensar Não Dói.

Quás quás - Estive dando uns plás para os considerados futuros coleguinhas da Faap e do Objetivo, onde Miguel - Turco - Jorge e o Luciano - Mineiro Pobre - Ornelas faturam algum em troca de sábios ensinamentos.

Agradeço as citações elogiosas do último exemplar do jornal da Associação dos Datas Venias e, principalmente, a colher de chá do mestre H. Frágoso, na sua Revista de Direito Penal, sobre o meu modesto livro Mil Mortes.

Este mês, não darei a ficha das audiências semanais nas bocas, porque estou mudando de mocó. Aviso aos navegantes: agora não será qualquer um que terá o meu macaco, por excesso de solicitações... É muito nego entrutando, principalmente fumeta, querendo colher de chá em cana. Assim não dá, filhos. Querem curtir, aguentem o rojão.

E guardem para meditação essa de Anacarsis: "as leis são como as teias de aranha; os pequenos insetos prendem-se nelas, e os grandes rasgam-nas sem custo". Você é insetinho ou insetão? Pense, não dói!



Por Percival de Souza

HISTÓRIA UNIVERSAL SÉCULO XXI

los fundamentos del mundo moderno
 edad media tardía, reforma, renacimiento

RUGERO ROMANO
ALBERTO TENENTI

Cine, cultura y descolonización

Fernando E. Solanas
Octavio Getino

DE LOS HORRORS

lógica formal / lógica dialética

HENRI LÉFEBVRE

A Revolução Burguesa no Brasil

Ensaio de interpretação Sociológica

FLORESTAN FERNANDES

MIGUEL ARTOLA

HISTÓRIA UNIVERSAL SÉCULO XXI

la época del Imperialismo
 Europa 1885-1918

MOLINARI
J. MORRIS

teses

MODOS DE PRODUÇÃO E FORMAÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

AUTORITARISMO E DEMOCRATIZAÇÃO

ensaios

O Espírito e a Letra

Roberto Schwarz

JÁ NA LIVRARIA CIÊNCIAS HUMANAS

FILOSOFIA SOCIOLOGIA POLITICA HISTORIA

Rua Sete de Abril, 264 - Loja B - Fone 36.9544
 CP 4439 - CEP 01044- São Paulo - SP

UM PAPEL DE RESPONSABILIDADE

A SELECTA RESPONSABILIZA-SE PELO PAPEL QUE VENDE. SÓ TEM DO IMPORTADO. E PELO PREÇO QUE COBRA: 40% MENOS QUE AS OUTRAS LOJAS. POR ISSO, PESSOAS DE MUITA RESPONSABILIDADE DIRIGEM-SE A SELECTA: PUBLICITÁRIOS, ARQUITETOS, ENGENHEIROS, ESTUDANTES.

VEGETAL SCHOELLER, EM ROLOS E FOLHAS MILIMETRADO, ONION-SKIN (BLOCOS), PARASSOL, OPALINE, CARMEN, CARTÕES DE DESENHO SCHOELLER, EM TODOS OS TAMANHOS, FOLHAS CORTADAS OU MARGEADAS, TODOS OS TIPOS DE BLOCOS DE DESENHO NUMERADOS.

DIRIJA-SE À
SELECTA

UMA LOJA PARA UMA CLASSE SELETA
 Marquês de Itú, 134 (esq. Bento Freitas) Fone 37-7988

eu vou... eu vou... na LAVE e SEC'S AGORA EU VOU.

4 kg de roupa por R\$14,00. As máquinas lavam você vê.
 Quem levar o Anúncio ganha 50% de desconto.
 Rua MAJOR Sertório 318 - das 8 às 24 horas.

CLASSIFICADOS DE IMPRENSA

Procure Conhecer

POEIRA

179

RUA ANTONINA Nº 1779 - D.C.E. - LONDRINA-PR

BALÃO Nº 8

UMA REVISTA CONTRA OS BANDIDÕES DO HQ

E MAIS 18 NOVAS DESENHISTAS CHARGE DO GAUCHO NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

8-TM

OBICHO Nº 4 VEM AÍ

COM VÃO GÔGO E CARLOS ESTEVÃO EM QUADRINHOS!

Leia e Dance

ROCK

A HISTÓRIA E A GLÓRIA

Jimi Hendrix

leia e assinie

CRÍTICA

PEDIDO DE ASSINATURA

Destaque este cupom e mande junto ao pagamento à ordem de

EDITORA CRÍTICA LTDA.
 Av. Rio Branco, 156, sala 1222, Rio - RJ, Brasil

DESEJO FAZER UMA ASSINATURA DE

1 ANO ☐ BRASIL (C: \$ 200,00) ☐ EXTERIOR (US\$ 50,00)
 6 MESES ☐ BRASIL (C: \$ 100,00) ☐ EXTERIOR (US\$ 30,00)

NOME _____ Nº _____
 RUA _____
 CIDADE _____ ESTADO _____
 PAÍS _____ CEP _____

JUNTO MEU PAGAMENTO POR

☐ CHEQUE VISADO PAGAVEL NO RIO ☐
☐ VALE POSTAL ☐



REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Autor: Augusto Boal

Augusto Boal, teatrólogo brasileiro, 43 anos. Autor de *Revolução na América do Sul*. Co-autor, junto com Gianfrancesco Guarnieri, de *Arena Conta Zumbi*, o maior sucesso do grupo Arena. Há mais de 4 anos fora do Brasil, mora em Buenos Aires, onde apresentou seus últimos trabalhos - *Tio Patinhas e Torquemada*. Tem viajado muito pela América Latina, a convite de várias instituições, para fazer conferências, apresentar suas peças ou participar de experiências como a que ele relata aqui.

Em 1973, o governo revolucionário peruano iniciou um plano nacional de alfabetização denominado *Operación Alfabetización Integral* (ALFIN), para acabar com o analfabetismo num prazo aproximado de 4 anos. Supõe-se que há de 3 a 4 milhões de analfabetos ou semi-analfabetos no Peru para uma população de 14 milhões de pessoas.

Ensinar um adulto a ler e a escrever é um problema difícil e delicado em qualquer parte, ainda mais no Peru, devido à enorme quantidade de línguas e dialetos que seus habitantes falam. Segundo estudos recentes, calcula-se que existem pelo menos 41 dialetos das duas línguas principais fora o castelhano - o quechua e o aymara. Só na província de Lorena, no norte do país, existem 45 dialetos. E isso na província que talvez seja a menos povoada do país.

Essa enorme variedade de línguas talvez tenha facilitado a compreensão, por parte dos organizadores da operação ALFIN, de que os analfabetos não são pessoas "que não se expressam", mas pessoas incapazes de se expressar em determinada linguagem, que é o castelhano. Todos os idiomas são "linguagem", mas há uma infinidade de linguagens que não são idiomáticas. Há muitas linguagens além das línguas faladas ou escritas. O domínio de uma nova linguagem oferece à pessoa uma nova forma de conhecer a realidade, e de transmitir esse conhecimento aos demais. Cada linguagem é absolutamente insubstituível. Todas as linguagens se completam no mais amplo e perfeito conhecimento do real.

Partindo daí, o projeto ALFIN tinha dois pontos essenciais: alfabetizar em língua materna e no castelhano, sem forçar o abandono daquela em benefício desta; alfabetizar em todas as linguagens possíveis, especialmente artísticas, como o teatro, a fotografia, os marionetes, o cinema, o jornalismo, etc.

O plano ALFIN ainda está no começo, e é muito cedo para avaliar seus resultados. O que me proponho é descrever minha experiência pessoal no setor de teatro, bem como todas as experiências que fizemos considerando o teatro como linguagem apta para ser utilizada por qualquer pessoa, tenha ou não aptidões artísticas.

O objetivo desta "poética" é transformar o espectador - em sujeito, ator, transformador da ação dramática. Espero que fiquem claras as diferenças: Aristóteles propõe uma poética na qual o espectador delega poderes ao personagem para que atue e pense em seu lugar; Brecht propõe uma poética na qual o espectador delega poderes ao personagem para que atue em seu lugar, mas se reserva o direito de pensar por si mesmo, muitas vezes em oposição ao personagem. No primeiro caso, dá-se a "catarse"; no segundo, uma "conscientização". Nossa "poética" propõe a ação: o espectador não delega poderes ao personagem, nem para que pense, nem para que atue em seu lugar; ao contrário, ele mesmo assume seu papel de protagonista, modifica a ação dramática, propõe soluções, discute projetos de mudanças - em resumo, ensaia para a ação real. O espectador liberado, um homem íntegro, se lança a uma ação

- não importa que seja fictícia; importa que é ação.

A primeira palavra do vocabulário teatral é o corpo humano, principal fonte de som e movimento. Por isso, para dominar os meios de produção do teatro, o homem tem que conhecer seu próprio corpo em primeiro lugar. Depois, tem de torná-lo mais expressivo. Então estará habilitado a praticar formas teatrais nas quais se libera, por etapas, da condição de "espectador" e assume a de "ator".

O plano geral para a conversão do espectador em ator pode ser sistematizado no seguinte esquema geral de quatro etapas: *Conhecimento do corpo* - sequência de exercícios em que se começa a conhecer o corpo, suas limitações e possibilidades, suas deformações sociais e possibilidades de recuperação; *tornar o corpo expressivo* - sequência de jogos em que a pessoa começa a se expressar através do corpo, abandonando todas as outras formas de expressão mais usuais e cotidianas; *teatro como linguagem* - onde se começa a praticar o teatro como linguagem viva e presente, e não como produto acabado que mostra imagens do passado (essa etapa divide-se em 3 estágios: *dramaturgia simultânea* - espectadores "escrevem" simultaneamente com atores que atuam; *teatro-imagem* - espectadores intervêm diretamente, "falando" através de imagens feitas com os corpos dos atores; *foro-teatro* - espectadores intervêm diretamente na ação dramática e atuam). E finalmente *teatro como discurso* - onde o espectador-ator apresenta "espetáculos" para discutir certos temas ou ensaiar ações, segundo suas necessidades.

O contato inicial com um grupo de pessoas simples é extremamente difícil se são solicitadas a "fazer teatro". Provavelmente nunca tenham ouvido falar nisso, e quando têm alguma idéia a respeito, é certamente uma idéia deformada pela TV, com suas novelas lacrimogêneas, ou por algum grupo circense. É muito comum também associarem teatro ao ódio ou aos perfumes. Assim, é necessário ter cuidado, mesmo quando o contato se dá através de um alfabetizador que pertence à mesma classe social dos analfabetos ou semi-analfabetos. O simples fato de o alfabetizador ter a missão de alfabetizar (que se supõe uma ação coercitiva, impositiva) já o afasta da gente do lugar. Por isso convém começar não por algo que seja alheio a essa gente (técnicas teatrais que se ensinam ou se impõem), mas pelo próprio corpo das pessoas que se propõem a participar da experiência.

Há uma quantidade enorme de exercícios - todos com o primeiro objetivo de fazer cada pessoa consciente de seu corpo, de suas possibilidades corporais e das deformações que seu corpo sofre de acordo com o tipo de trabalho que realiza. Quer dizer: exercícios que façam a pessoa sentir "alienação muscular" que o trabalho impõe a seu corpo.

Um pequeno exemplo pode esclarecer esse ponto: compare-se as estruturas musculares do corpo de um datilógrafo com as de um vigia de fábrica. O primeiro faz seu trabalho sentado: durante o trabalho, seu corpo do umbigo para baixo se transforma numa espécie de pedestal, enquanto seus braços e dedos se movimentam. O vigia, por sua vez, é obrigado a caminhar de um lado para outro durante oito horas seguidas e consequentemente desenvolverá estruturas musculares que o ajudam a caminhar. Os corpos de ambos alienam-se em seus trabalhos específicos.

Isso acontece com qualquer pessoa em qualquer função, em qualquer status social.

O conjunto de "papéis" que uma pessoa tem que desempenhar, impõe a ela uma "máscara" de comportamento. Por isso acabam por parecer-se entre si pessoas que desempenham os mesmos papéis: artistas, militares, religiosos, professores, operários, camponeses, etc.

Os exercícios desta primeira etapa têm por fim desfazer as estruturas musculares de seus participantes. Quer dizer, desmontá-las, verificá-las, analisá-las. Não para que desapareçam, mas para que se tornem conscientes. Para que cada pessoa sinta até que ponto seu corpo é determinado por seu trabalho.

Se uma pessoa é capaz de desmontar suas próprias estruturas musculares será com certeza mais capaz de "montar" estruturas musculares próprias de outras profissões ou status social; isto é, estará mais preparada para "interpretar" fisicamente outros personagens diferentes de si mesma.

Exemplo de um desses exercícios: *corrida em câmara lenta* - os participantes são convidados a tomar parte numa corrida, para perder: ganha o último. Assim, ao mover-se em câmara lenta, todo o corpo terá de reencontrar uma nova estrutura muscular que promova o equilíbrio no momento em que muda seu centro de gravidade. Os participantes não podem interromper o movimento e ficar parados; devem dar os passos mais largos possíveis e fazer com que seus pés passem por cima dos joelhos. Neste exercício, uma corrida de 10 metros pode cansar mais que uma corrida convencional de 500 metros: o esforço necessário para manter o equilíbrio a cada novo movimento é muito intenso.

Numa segunda etapa, desenvolve-se a capacidade expressiva do corpo. Estamos acostumados a nos expressar totalmente através da palavra, deixando subdesenvolvida toda a enorme capacidade expressiva do corpo. Uma segunda série de "jogos" pode ajudar os participantes a expressar-se com os recursos do corpo. Trata-se de jogos de salão e não necessariamente de laboratório tea-

ex-12
15

VAMOS AO TEATRO

tral. Os participantes são convidados a "jogar e não a interpretar" personagens.

Por exemplo: num dos jogos, os participantes recebem papeizinhos com nomes de animais, macho e fêmea, um papelzinho para cada um. Nos 10 minutos seguintes, tentarão dar uma visão física, corporal, do animal que lhes coube. É proibido falar ou fazer ruídos que denunciem o animal: latidos, miados, etc. A comunicação deve ser exclusivamente corporal. Após os 10 minutos iniciais, cada participante deve procurar seu par entre os demais, pois sempre haverá macho e fêmea. Quando dois participantes estão convencidos de que formam um par, saem de "cena" e o jogo termina quando todos os participantes encontrarem seus pares.

Regina Duarte em REVELLON
de Flávio Márcio

Yara Amaral, Sérgio Mamberti, Énio Gonçalves, Mário Prata.
Cenografia e Figurinos: Flávio Império.
Direção: Paulo José.

Teatro Anchieta (SESC): R. Dr. Vila Nova, 245.
Teis: 256-2281 - 256-2322 - 32-0263.

3.a a 6.a. 21 h — 5.áb. 20 e 22 h — Dom. 18 e 21 h.
CENSURA: 16 ANOS
(Pede-se não chegar após o início do espetáculo)

Este tipo de jogo pode variar e os papeizinhos podem conter, por exemplo, nomes de profissões, ou os próprios nomes dos participantes, que terão assim de interpretar uns aos outros, revelando dessa maneira suas opiniões, e fazendo, fisicamente, suas críticas.

Também nessa etapa, como na primeira, o importante é fazer com que os participantes inventem sempre novos jogos a partir dos propostos, para que não sejam receptores passivos do divertimento que vem de fora.

Na terceira etapa, trata-se de fazer com que o espectador se disponha a intervir na ação, abandonando sua condição de objeto e assumindo completamente seu papel de sujeito. As duas etapas anteriores são preparatórias, centradas no trabalho do participante com seu próprio corpo. Esta etapa tem por centro o tema a ser discutido, e encaminha o espectador à ação.

Não é preciso colocá-lo em "cena" no início, basta convidá-lo a propor uma historinha de 10 ou 20 minutos, improvisada pelos atores em cima de um roteiro previamente elaborado, ou escrito e memorizado durante a sessão. Em qualquer caso, o espetáculo ganha em teatralidade se a pessoa que propôs o tema encontra-se na platéia. A cena tem início, e é conduzida até o ponto em

TIO VANIA
de A. Tchekov
Direção: EMILIO DI BIASI
Teatro Ruth Escobar
(Sala do Melo) — R. dos Ingleses, 209 — telex: 219-2358 e 32-0263
3.a a 6.a: 21 h — sáb.: 19:30 e 22:30 — dom.: 18 e 21 h — Preços: 25,00 e 15,00.

que o problema principal chega à crise e necessita solução. Ai os atores deixam de interpretar e pedem soluções ao público. Em seguida, todas as soluções apresentadas vão à cena, e o público sempre tem o direito de intervir, corrigir ações ou diálogos dos atores, que são obrigados a retroceder e interpretar o que o público sugere. Assim, a platéia "escreve" a peça e os atores a inter-

pretam ao mesmo tempo. Tudo o que os espectadores pensam é discutido "teatralmente" em cena, com a ajuda dos atores.

Todas as soluções, propostas, opiniões são expostas em forma teatral. A discussão não se encaminha tão só por palavras, mas através de todos os demais elementos do teatro.

Um pequeno exemplo: uma senhora do bairro de San Hilarión, em Lima, contou que anos antes seu marido tinha pedido para que ela guardasse alguns "documentos", muitos importantes, segundo ele. Analfabeta, a mulher guardou os papéis sem suspeitar de nada. Um dia marido e mulher brigaram e ela quis saber o que eram aqueles "documentos", achando que podiam ter alguma coisa a ver com a escritura de sua casa. Pediu então para a vizinha ler os papéis: eram cartas de amor escritas pela amante do marido dela. Os atores interpretaram a cena até o ponto em que o marido volta pra casa, à noite, quando a mulher já sabe de tudo. Ela quer vingança. Como pode vingar-se? Aqui, a atriz participante pergunta aos participantes espectadores qual deve ser sua atitude diante do marido.

Todas as mulheres da platéia começaram a discutir e opinar. Os atores ouviam as sugestões e atuavam segundo as indicações do público. Todas as possibilidades eram examinadas. As soluções propostas foram:

1 - chorar para fazer-lo sentir-se culpado - a atriz chorou muitíssimo, foi consolada pelo "marido" e tudo ficou como estava, ele prometendo que a amante tinha sido esquecida, que amava só ela, mas o público não aceitou essa solução;

2 - abandonar a casa para que o marido aprenda - depois de mostrar ao marido que ele tinha sido muito mau com ela, a atriz fez a mala, e foi embora, mas depois de sair de cena perguntou ao público o que faria, se não tinha nem casa para morar, mostrando que ela é mais castigada nesse caso que o marido;

Helena Rubinstein
apresenta
CIDINHA CAMPOS
NO SHOW SO PARA MULHERES
HOMEM NÃO ENTRA
TEATRO PAQUARIUS
TEL. 289-1522 - 5. DOMINGO
CENSURA 18 ANOS - 17 HS
CR\$ 30,00

ULTIMAS SEMANAS

3 - não deixar o marido entrar em casa para que se vá - o marido pede e pede para entrar, a mulher resiste, então ele diz "está bem, hoje recebi meu ordenado e com esse dinheiro vou viver com minha amante, e você vai ficar sozinha", e a solução não agrada à atriz, que além de ficar sozinha terá o problema de se sustentar, não tem condições para isso.

A última solução, apresentada por uma mulher gorda e exuberante, foi aceita por todos, homens e mulheres: "Faça assim: deixe ele entrar, pegue um pau grande e bata nele com toda a força. Depois de bater bastante, deixe o pau de lado, ponha a sopa na mesa com muito carinho, e o perdoe..."

Esta forma de teatro produz uma grande excitação entre os participantes; começa a demolir-se o muro que separa espectadores e atores. Uns escrevem, outros interpretam quase ao mesmo tempo. Os espectadores sentem que podem intervir na ação. A ação deixa de ser apresentada determinística-mente, como uma fatalidade, como o Destino. O Homem é o Destino do Homem. E o Homem-Espectador é o criador do destino do Homem-Personagem. Tudo está sujeito à crítica, à retificação. Tudo é transformável, e tudo pode se transformar no instante: os atores devem estar abertos para aceitar qual-

VOCÊ TEM POUCO TEMPO
PARA VER PAULO GOULART EM

ORQUESTRA DE SENHORITAS

HOJE • DUAS SESSÕES • HOJE
18:30 e 21:15 hs.

Na Vespéral Preços Reduzidos.
DRURY S. colabora
AUDITÓRIO AUGUSTA
Augusta, 943 (galeria) Reservas: 257-7575.
Amplio estacionamento em frente

quer proposta sem rejeitá-la nunca: devem simplesmente encená-la, mostrar ao vivo quais são suas consequências, seus desdobramentos. Todo espectador, por ser espectador, tem o direito de provar sua versão.

No estágio denominado "teatro imagem" o espectador tem de intervir mais diretamente. Pede-se a ele que expresse sua opinião sobre um tema, de interesse comum, que se deseja discutir. Esse tema pode ser amplo, abstrato como "o imperialismo"; ou concreto e local, como a falta de água. O participante expressa sua opinião sem falar, usando só os corpos dos outros participantes e "esculpindo" com eles um conjunto de estátuas para mostrar suas opiniões e sensações. O participante deverá usar os corpos dos outros como se fosse o escultor e os outros fossem feitos de barro: deverá determinar a posição de cada corpo até os detalhes mais sutis de suas expressões fisionômicas.

O "escultor" não pode falar: pode, no máximo, mostrar com seu rosto o que deseja que o espectador-estátua faça. Organizado o conjunto de estátuas, discute-se com os demais participantes se todos estão de acordo. Podem ocorrer modificações: cada espectador tem o direito de modificar as estátuas, totalmente ou em parte. Quando finalmente se chega a uma figura aceita o mais unanimemente possível, pede-se ao espectador-escultor para fazer outro conjunto mostrando como ele gostaria que fosse o tema dado; isto é, no primeiro conjunto mostra-se a imagem-real e no segundo a imagem-ideal. Finalmente, pede-se a ele que mostre a imagem-trânsito: como será possível passar de uma realidade à outra.

Outro exemplo concreto pode esclarecer melhor o assunto. Para mostrar ao grupo como era sua cidade natal, Otusco, uma jovem alfabetizadora colocou um participante no chão, outro fazendo o gesto de castrá-lo e o terceiro segurando o primeiro. Na frente deles, colocou uma mulher rezando de joelhos de um lado, e de outro um grupo de homens e mulheres, também ajoelhados e de mãos atadas. Atrás do homem castrado,

PARANDUBAS POPULARES
de CARLOS QUEIROZ TELLES
músicas de Zé Augusto Menni
A PRIMEIRA GRANDE COMÉDIA MUSICAL PAULISTA
com VIC MILITELLO - RENATO DOBAL
e grande elenco
Horário: 3.ª a 6.ª 21:00 h - sáb. 20:00 e 22:00 h
dom. 18:00 e 21:00 h - censa. 14 anos.
TEATRO STUDIO SÃO PEDRO
R. Albuquerque Lima, 171 - Tel. 66-3348

a moça pôs outro participante em ostensiva atitude de poder e violência, e atrás deles dois homens armados, apontando suas armas ao prisioneiro. Esta era a imagem que a jovem tinha de sua cidade. Imagem terrível, pessimista, derrotista, mas verdadeira: a cena tinha realmente acontecido.

Em seguida, pediu-se que esculpisse uma Otusco ideal: a cidade como ela gostaria que fosse. Ela modificou completamente as estátuas desse conjunto e fez outro conjunto de gente que se amava, trabalhava, uma Otusco feliz. Depois veio a terceira parte, a mais

importante desta forma de teatro: como se pode chegar à imagem ideal a partir da imagem real? Com produzir a transformação?

Cada um dos participantes dirigia-se ao conjunto real e modificava as posições de seus elementos, discutindo, assim, o que deveria ser feito para se chegar ao conjunto ideal. Mas sem falar. Quando era a vez de alguma jovem do interior fazer as modificações, ela nunca mudava a imagem da mulher ajoelhada, mostrando claramente que não via na mulher nenhuma força transformadora. As moças de Lima, ao contrário, começavam exatamente por mudar a imagem da mulher, identificadas com ela: umas faziam a mulher agarrar o homem castrado, outras a colocavam em posição de luta contra o cas-

TOTALMENTE DIFERENTE DE TUDO QUE VOCÊ VIU ATÉ HOJE!

FARSA COM CANGACEIRO, TRUQUE E PADRE
de Chico de Assis
Direção de Carlos A. Soffredini
com elenco do **TEATRO DE CORDEL**
de 5.a a domingo às 21 hs. no

CIRCO TEATRO DE CORDEL — Rua São Vicente, esquina com Rua Cardeal Leme (ao lado da Praça 14-Bis), Censura 16 anos — tel.: 62-1085.
Ingressos à venda também na Casr. do Espectador — tel.: 32-0263.
preços: Cr\$ 20,00 e Cr\$ 10,00 p/estudantes

trador. As pessoas que acreditavam em soluções mágicas começavam por modificar os castradores como se eles mudassem por motu-próprio e à poderosa figura central, que se regenerava; as que não acreditavam nessa forma de transformação, colocavam em pé os homens ajoelhados.

Esta forma de teatro-imagem é, sem dúvida, uma das mais estimulantes por ser tão fácil de praticar e por sua extraordinária capacidade de tornar o pensamento visível. Quando se emprega a linguagem idioma, cada palavra possui uma denotação igual para todos, mas também uma conotação, diferente para cada um. A imagem sintetiza a conotação individual e a denotação coletiva.

Já o teatro-foro exige a intervenção decidida do espectador sobre a ação dramática, para modificá-la: o espectador entra em cena no lugar do ator cujo desempenho não lhe satisfaz.

Os participantes contam uma história que os atores ensaiam e representam até colocar a solução do problema apresentado para ser discutido por todos. A solução, propositalmente, não deve agradar à platéia, que fica estimulada a apresentar soluções próprias.

Então, a cena é repetida do começo ao fim, mas desta vez qualquer pessoa da platéia pode substituir qualquer ator e conduzir a ação na direção que lhe pareça mais adequada. O ator substituído espera fora, pronto para voltar à cena no momento em que o participante dê por terminada sua intervenção. Os demais atores têm de enfrentar a nova situação criada, examinando no calor da representação todas as possibilidades que a nova proposta oferece.

Não se permite aos participantes que entrem em cena e falem e falem e falem: eles devem ser obrigados a dar sequência às ações físicas dos atores substituídos, a atividade teatral deve ser igual para todos. Qualquer solução pode ser proposta, mas em cena, trabalhando, atuando, fazendo coisas, e não a partir da comodidade de uma cadeira. Muitas vezes as pessoas têm muitas idéias como espectadoras, e na hora de encená-las elas próprias, vêem que as coisas não são assim tão fáceis.

O teatro-discurso, última etapa da transformação do espectador em ator, tem várias modalidades, uma das quais, o teatro-jornal, muito difundida entre grupos teatrais brasileiros. Outra das modalidades, o teatro-invisível, ainda não foi levada no Brasil, mas sim em outros países latino-americanos, como a Argentina e o Peru.

O teatro-invisível consiste na representação de uma cena num ambiente que não o

TEATRO DAS NAÇÕES
O MAIOR ESPETÁCULO
TRAVESTIDO DO MUNDO
AS GIGOLETES
ÚLTIMOS DIAS
De Terça a Sexta - 21 hs.
Sábado - 20,00 e 22,00 hs.
Domingo - 18 e 21 hs.
AV. SÃO JOÃO, 1737 - TEL.: 220-8012

A TEORIA NA PRÁTICA É A OUTRA
de ANA DIOSDADO
Versão: ARMINDO BLANCO
Direção: ANTONIO PEDRO
Cenário e figurino: BIA VASCONCELOS
com
NUNO LEAL MAIA - SUZANA GONÇALVES
RICARDO PETRAGLIA
IZADORA DE FARIA - LUIZ SERRA
e RENATO CONSORTE (no papel de Barbosa)
TEATRO ITALIA (tels. 257-3138 e 32-0263)
3ª a 6ª 21h 15h sáb 20 e 22h 30h dom 18 e 21h 15h

teatro e diante de pessoas que não sejam espectadores. O local pode ser um restaurante, uma rua, um mercado, uma estação ferroviária, etc. As pessoas que assistem a uma cena são as pessoas que acidentalmente ali se encontram. Durante todo o espetáculo estas pessoas não devem ter a mínima consciência de que se trata de um "espetáculo" pois isto as transformaria em "espectadores".

A cena é minuciosamente preparada, com texto completo ou simples roteiro. É necessário ensaiá-la suficientemente como para que os atores possam incorporar em suas atuações e em suas ações as interferências dos espectadores. Durante os ensaios são examinadas todas as possíveis e imagináveis intervenções dos espectadores, que formarão uma espécie de texto optativo.

Eis um pequeno exemplo de como funciona o teatro-invisível: num enorme restaurante de um hotel de Chaclacayo que hospedava os alfabetizadores do ALFIN e mais 400 pessoas, os "atores" sentam-se em mesas separadas. Os garçons começam a servir. O "protagonista", levantando mais ou menos a voz para atrair a atenção de todos sem tornar esse objetivo óbvio demais, informa a um garção que não gosta da comida do hotel. O garção não aceita a observação, e sugere que ele escolha outro prato. O ator escolheu uma comida chamada "Churrasco a lo Pobre", mas foi advertido de que teria que pagar 70 soles por ela. Sempre com voz razoavelmente forte, o ator disse que não haveria problema, isso era o que ele queria, e pagaria o preço. Minutos depois o "Churrasco a lo Pobre" foi servido, o ator comeu rapidamente e se levantou para sair do restaurante, quando o garção trouxe a conta. O ator fez cara de preocupado, disse algo aos vizinhos de mesa, comentando que seu churrasco era muito melhor que o deles, mas sentia ter que pagar.

Os efeitos do Raio Gama nas Margaridas do Campo
De Paul Zindel - Prêmio Pulitzer - 1971
NICETTE BRUNO
Prêmio A.P.C.A. - 1974
Melhor Atriz
Cenários Flávio Phebo
Prêmio A.P.C.A. - 1974
Direção
Antonio Abujamra
TEATRO DE ARENA
De 5ª a Domingo
Rua Teodoro Baima, 94 - Tels.: 256-9463 e 32-0263
7.º MÊS DE SUCESSO
A caminho das 200 apresentações.
PREÇOS ESPECIAIS PARA ESCOLAS

- Eu vou pagar, não tenha dúvida - disse ao garção. Comi o churrasco e vou pagá-lo. Mas há um problema: não tenho dinheiro.

- E como vai pagar? - perguntou o indignado garção. - O senhor sabia o preço antes de pedir o churrasco. E agora como vai pagar?

Os vizinhos seguiam atentamente a cena; muito mais atentamente que num teatro. O ator prosseguia:

- Não se preocupe, vou pagar já. Mas como não tenho dinheiro, pagarei em trabalho. Posso trabalhar em algo tantas horas quantas forem necessárias para pagar o "Churrasco a lo Pobre", que estava delicioso, muito melhor que a comida que esses coitados foram obrigados a comer.

Nesta altura, alguns dos presentes comentam entre si, em suas mesas, o preço da comida, a qualidade dos serviços do hotel, etc. O garção foi chamar o gerente para resolver a questão e o ator explicou de novo como poderia pagar, acrescentando:

- Eu alugo minha força de trabalho, mas como não sei fazer nada ou quase nada, quero um emprego humilde, modesto. Por exemplo: posso fazer a faxina do hotel. Quanto ganha o faxineiro de vocês?

O gerente não quis falar sobre os salários, mas um segundo ator já estava preparado, e depois de explicar como se fizera amigo de um dos faxineiros do hotel, revelou quanto ganhava: 7 soles por hora. Os dois atores fazem contas e o protagonista exclama:

- Não é possível! Quer dizer que se trabalho como faxineiro tenho que trabalhar 10 horas para pagar um churrasco que levei 10 minutos para comer? Não pode ser. Ou aumentam o salário do faxineiro ou baixam o preço do churrasco! Mas, por ora, posso fazer algo mais especializado: por exemplo, cuidar dos jardins do hotel que são tão lindos, tão bem cuidados. Vê-se que é trabalho de uma pessoa muito talentosa. Quanto ganha o jardineiro deste hotel?

Outro ator, em outra mesa, diz que conhece bem esse jardineiro, pois nasceram na mesma cidade, e por isso sabe que ele ganha 10 soles por hora. O protagonista não se conforma:

TEATRO POPULAR DO SESI
11 anos de atividades
2 milhões de espectadores
de 3a. a sábado - 21hs.
domingo - 18 e 21hs.
ingresso grátis
LEONOR DE MENDONÇA
de Gonçalves Dias
Teatro Brasileiro de Comédia
R. Major Diogo 315 - fone 36-4408

- Não é possível! Esse homem que cuida tão bem dos jardins, exposto à chuva, vento, ao sol, teria que trabalhar 7 horas seguidas para poder comer um churrasco de 10 minutos. Como se explica isso, senhor gerente?

O gerente já estava desesperado, ia e vinha, gritava ordens para os outros garçons tentando distrair a atenção dos comensais, ria e ficava sério, enquanto o restaurante parecia uma assembléia, com opiniões contra e a favor.

Concluindo a cena, outro ator propôs:
- Parece que estamos contra o garção e o gerente, e isso não tem sentido. Eles trabalham como nós, não têm culpa dos preços que o hotel cobra. Vamos fazer uma coleta, cada um contribui com o que pode, 1 sole, 2 soles, e com esse dinheiro pagaremos o churrasco. E que não falte a gorjeta do garção.

Apesar do protesto de alguns, a arrecadação chegou a 100 soles, e a discussão prosseguiu até de manhã. Sempre é muito importante insistir num ponto: os atores não

podem se revelar como tais, pois isto contradiz o caráter invisível deste teatro. Só desse modo o espectador atua livre e totalmente, como se estivesse vivendo uma situação real: e a situação é real mesmo.

Em muitos países latino-americanos há uma verdadeira epidemia de foto-novelas que utilizam o que de mais baixo se pode imaginar em matéria de subliteratura. A técnica teatral chamada teatro-fotonovela consiste em ler para os participantes, em linhas gerais, a história de uma fotonovela sem contar-lhes que é uma história de fotonovela. Pede-se aos participantes que interpretem a história contada. No fim, compara-se a história representada com a história da fotonovela e se discute as diferenças.

TEATRO ROTUNDA apresenta
DR. ZOTE
de GOMES DE MARIA
(prêmio Anchieta/1974)
Direção: TEREZA AGUIAR
HOJE: 21 H
TEATRO RUTH ESCOBAR (Sala Gil Vicente)
Rua dos Ingleses, 209 - tels. 289-2358 e 32-0263
Governo do Estado de S. Paulo
Secr. de Cultura, Ciência e Tecnologia
Conselho Estadual de Cultura

Um dos autores desse gênero embrutecedor, Corin Tellado, escreveu uma história bem imbecil que começa assim: "Uma senhora espera o marido, em companhia de outra senhora que a auxilia nos trabalhos de casa". Os participantes colocaram essa frase em cena de acordo com seus próprios costumes: uma mulher esperando o marido estará preparando a comida; a que ajuda é uma vizinha, e as duas conversam sobre vários assuntos; o marido chega em casa cansado após um dia inteiro de trabalho; a casa é uma choça, um cômodo, etc.

Na história de Corin Tellado, a mulher usa um vestido longo e colares de pérolas; a mulher que ajuda é uma empregada preta que só diz "sim senhora", "está bem, senhora" e nada mais; e o marido chega em casa após uma jornada de trabalho em sua fábrica, cansado de discutir com os empregados, pois eles "não compreendem a crise que todos vivemos e querem aumento de salário".

DEPOIS DO GRANDE SUCESSO
"GRETA GARBO QUEM DIRIA ACABOU NO IRA-
MA A COARTE"
APRESENTA
O JOGO DO SEXO
A Comédia mais sofisticada do ano
35 figurinos em um cenário de alto Luxo
TEATRO PAIOL
Rua Amaral Gurgel, 104 - Tel. 221-2462 e 32-0263

A história prossegue: a jovem senhora recebe uma carta de uma desconhecida, vai vê-la, e a remetente revela ter sido amante do marido da senhora, abandonada por ele não para se casar com outra mulher, mas para se casar com alguma filha de industrial. Para cúmulo, a amante exclamava:

- Sim, ele me traiu, me enganou! Mas eu o perdoo porque ele sempre foi muito ambicioso e bem sabia que comigo não poderia subir muito alto. Com a senhora, ao contrário, ele conseguiu o que queria.

A jovem esposa não conta nada ao marido, finge-se doente para que fique a seu lado e se enamore dela através desse ardil. O mais pobre dos happy-ends coroa essa história de amor.

Contada sem os diálogos e sem as fotografias, e interpretada por gente do povo, a história muda completamente. Quando os par-

PLINIO MARCOS
pessoalmente apresenta
HUMOR GROSSO E MALDITO
DAS QUEBRADAS DO MANDARÊU
Texto de Plinio Marcos,
musica de Geraldo Filme.
3 ÚLTIMOS DIAS
SOMENTE ATÉ SABADO
TEATRO OFICINA
Rua Jacaqui, 520
Reservas: 32-3039
Horários: 5a e 6a as 21hs
Sábados: 20:30 e 22:30 hs
Domingos: 19:00 e 21:00 hs
Preço: Estudante Cr\$12,00
Produção de Chico Bergamo

ticipantes são informados da origem da história, no fim da representação, ficam chocados. Não é difícil entender por quê: quando lêem a fotonovela, assumem imediatamente o papel passivo de "espectadores". Mas, se eles têm que encenar uma história, depois, ao lerem a fotonovela, já não adotam mais a atitude passiva, espectante, e sim uma atitude crítica, comparativa: olham a casa da senhora comparando-a com a sua, as atitudes do marido dela com as do seu, etc. E já estarão preparados para detectar o veneno que se infiltra através dessas histórias com fotos ou através de historietas cômicas e outras formas de dominação cultural. Essa mesma técnica foi também utilizada pelos alfabetizadores peruanos na análise de novelas de TV. Outras formas de teatro como discurso: "quebra de repressão", "teatro-mito", "teatro-juízo" e "rituais e máscaras".

De toda a minha atividade no teatro popular em tantos países latino-americanos, pude observar uma verdade: o público popular interessa-se em experimentar, ensaiar, e se

DIFUSÃO H. SUSTER Apresenta
EQUUS
de PETER SHAFFER
com PAULO AUTRAN
direção CELSO NUNES
TEATRO MARIA DELLA COSTA
RUA PAIM, 72 - RESERVAS: 256-9115
HOJE: 21 HORAS
SABADO: AS 20 E 23 HORAS (IMPRETERIVELMENTE)
DOMINGO: 18 E 21 HORAS

NEY MATOGROSSO
CURTA TEMPORADA
SOMENTE ATÉ 22 DE JUNHO AS 21 HORAS
TEATRO TREZE DE MAIO
Rua Treze de Maio, 134
fone: 256-0001
Ingresso: \$ 40,00
Estudantes: \$ 25,00
Sábados, ingresso único: \$ 40,00

aborrece com espetáculos "fechados". Nestes casos tenta dialogar com os atores, interrompe a ação, pede explicações sem esperar o fim da representação, pois sua educação permite e o estímulo a perguntar, dialogar, participar.

Mas não basta ser apenas um espectador atento. O espectador é menos que um homem; tem que ser humanizado para ter de volta, em toda a plenitude, toda a sua capacidade de ação.

Estas experiências de teatro popular têm o mesmo objetivo: a liberação do espectador, sobre quem o teatro impôs visões acabadas de mundo. O espectador do teatro popular não pode continuar sendo vítima passiva dessas imagens.



Banana Split. As fotos que você vai ver durante 6 páginas são de Amancio Chiodi (v. pág. 6). Palavras de Chiodi: "Ele é uma banana. E os caras estão descascando. E vão comer. Yes, nós temos banana. Banana pra dar e vender, 9 milhões de dólares? Que chefe de Estado chega parte dele? Realmente os Estados Unidos são The Negro's Paradise. Já pensou o que é que ele poderia fazer pelo negro? Agora ele está jogando na Ferroviária de Nova York, capital mundial do esporte, alias capital do mundo. Melhor ainda: capital. O único valor dele é saber jogar futebol. Ele não se manca? Tinha 300 jornalistas entrevistando ele na chegada; se alguma coisa desse tipo lhe perguntaram, as agências de notícias não contaram, a não ser que havia uma loira apocalíptica ao lado, pedindo autógrafa, numa foto onde todo mundo é branco menos ele. Um negócio extra-sistema, cósmico, do Cosmos. Delírio americano. Vão mandar-lhe pra Lua. Mesmo se tratando de dinheiro, o cara que fica maquinando isso é muito poderoso. Mais forte que dinheiro. Se fosse eu, pedia demissão do cargo".

VOZES D'ÁFRICA

Cartas Do Povo De Moçambique

Cartas dos leitores de Voz Africana, de Lourenço Marques, Moçambique. O jornal - um tablóide de 4 páginas - foi criado em 1962 pelo jornalista José Capela. As vezes era feito só com cartas de moçambicanos, falando de seus problemas, apesar da vigilância dos colonizadores portugueses. Eles estavam escrevendo pela primeira vez, não só em suas vidas, mas também na História de um país que nasce.

SOARES QUE ATURE OS BÉBADOS

O que estou a lamentar é o seguinte os bebados de Nampula precisam de ser defendidos, um dia fui eu beber no bar do Senhor Pinto Soares e outro meu amigo que estava sentado ao meu lado levou bofetadas ponta pés socos e mais muitas coisas que são utilizados para alejar uma pessoa ou para castigar uma pessoa que merece castigo.

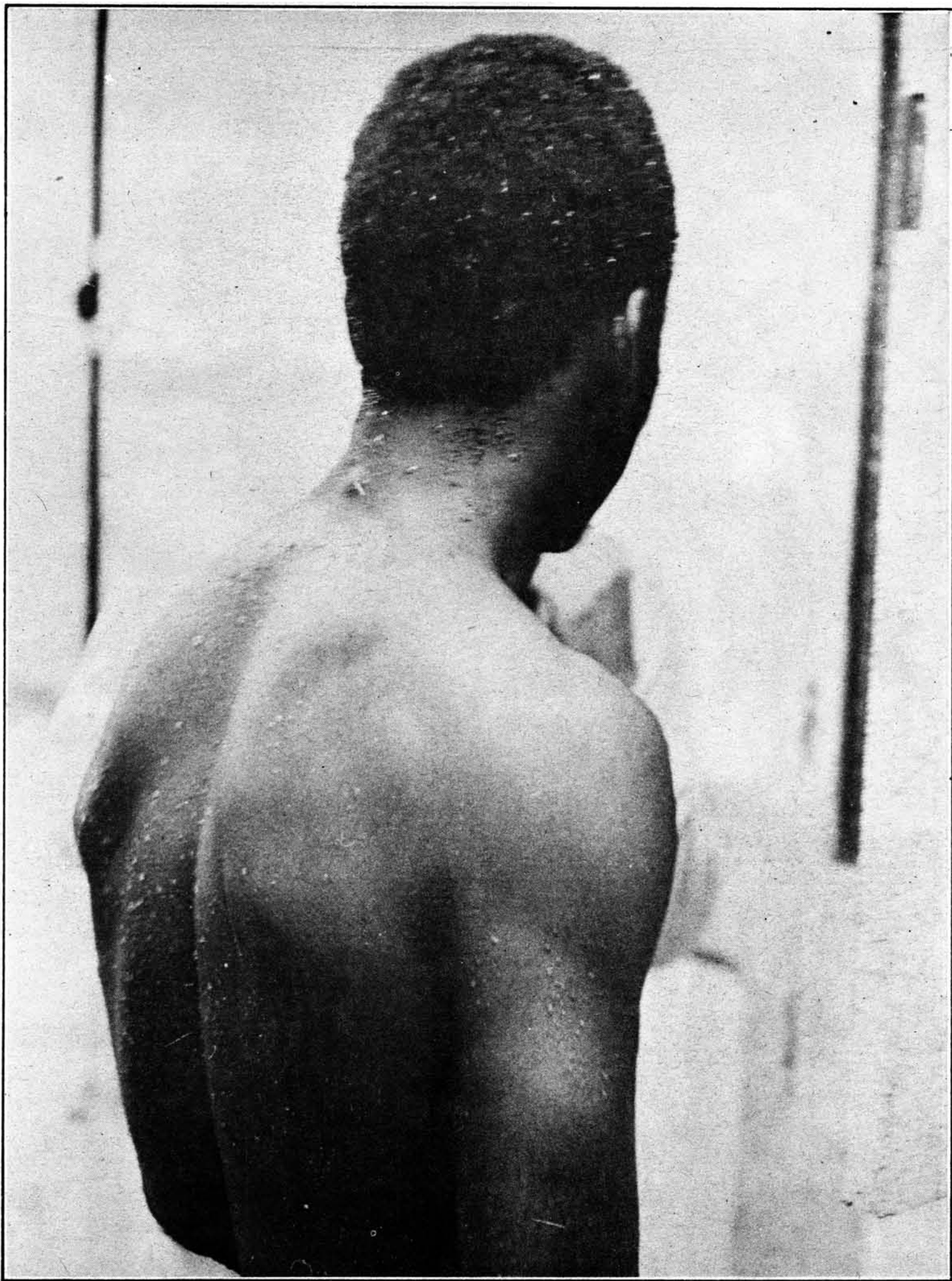
Eu como bebado apelo para autoridades competentes para ver este caso de nós os bebados (nakhajus) para sermos protegidos, porque o Senhor Pinto Soares precisa do dinheiro e o bebado precisa do vinho, Pinto Soares é uma pessoa educado e o bebado não é.

Eu sei muito bem que nós alcoolicos quando estamos grosso falamos mal e sem respeito, mas mesmo assim podia haver proteção nos bares de Nampula porque eu vi muitos brancos nos bares próprios da cidade bebem e ficam grossos a té outros recusam

de pagarem, mas não são mal tratados. E porque nós no Bar do senhor Pinto Soares como mal Tratados, se eu não vou beber no hotel portugal é porque tenho receio lá também vai o meu patrão tomar café agora eu não posso sentar junto com meu patrão, porque amanhã se eu pedir aumento patrão vai dizer que o dinheiro não te chega mas tens para gastar no vinho é por essa razão que eu gosto beber no Senhor Pinto Soares e no Senhor

Martins, porque lá tenho os meus amigos da minha classe eu podia ir no hotel Portugal onde podia ser respeitado mas as razões que me empedem são esse que eu escrevi bem cima desta carta, porque sei que em terras

Portuguesas não há distinção só o senhor Pinto Soares é que quer semear odio entre o o Portugues e negro agradeço muito e peço as autoridades para defender os bebados negros de Nampula que estão desprotegidos, além de gastarem o seu miserável salário por cima leva muro de Mucunha (Nota: branco, europeu).



Pinto Soares, estamos no século vinte o senhor tenha paciência porque diz uma História dos nossos ante passados que, quer chuva tem que aguentar lama, senhor Soares que dinheiro então que ature o os bebados se estou a mentir que um dos leitores de Nampula desminta o que eu escrevi.

a) Sou eu um dos bebados, I.K., padeiro nesta cidade de Nampula.

ENCONTRO COM UMA VIDA VIÚVA

Não se preocupe com os meus erros, porque sou pessoa de pouco estudo. O caso que me levou a escrever esta carta é o seguinte:

Realizei o meu casamento em 25 de Setembro de 1966, com D. Sáfe Muchidão da regedoria M'boi concelho de Namacurra. E com auxílio do "Nosso Senhor", a Senhora gravidou-se no mês de Janeiro do ano seguinte. Como eu sou catiquista de Mau-

metanos, fui na vila de Mocuba onde encontra empregado na Mesquita dessa vila.

Passando uns dias, da minha dislocação de Namacurra para a Mocuba a minha esposa deu luz, uma criança de sexo masculino; e no dia 22 de Junho de 1967 com os dores de barriga que sentia, às 22 horas faleceu junto a criança. E no dia seguinte às 8 horas recebi telefone que dizia a sua mulher deu luz. Passando uns momentos depois faleceu e a criança. Eu a ouvir aquilo fiquei 3 horas do tempo, completamente na aparência de um maluco, porque não tinha o que fazer e nem chorar. Porque era uma coisa que eu não esperava agora.

E no dia seguinte num sábado temei com-boio para a minha terra encontrei o cadáver supultado. Depois de 3 dias segui para o trabalho, foi uma desgraça imensa porque encontra-me com uma vida viúva.

a) A.C. Aboro, natural de Namacurra e residente em Mocuba.

CANETAS PARA ENGANAR MULHER

Sou auxiliar de recrutamento da Sociedade Mineira de Marropino, Ltda.

Senhor Director, peço pouca linhas para escreve poucas palavras. Eu sei que são palavras que pouca gente vai gostar, mas enfim vou escrever. Admiro muito como Senhores, sem habilitação e sem curso algum, chegam a enganar um amigo ou umas amigas, só por ele saber vestir bem e ter muito dinheiro passa a enganar os outros porquê? Eu fui sempre atrevido de ir nos danços. Nestes danços muita gente chega a enganar mulheres dos outros dizendo que deixe o seu marido, porque ele é uma pessoa sem serviço, ao passo que eu tenho muito dinheiro e quero casar contigo. Muitas vezes esses Senhores trazem nos bolsos das camisas tres canetas

ou mais quando não sabem ler nem escrever até nem contar até 5. Sim, quem não sabe e escrever a caneta serve-lhe de chibã (Nota: enfeite).

Afinal, uma pessoa pode ir na caça com uma arma quando não sabe atirar?

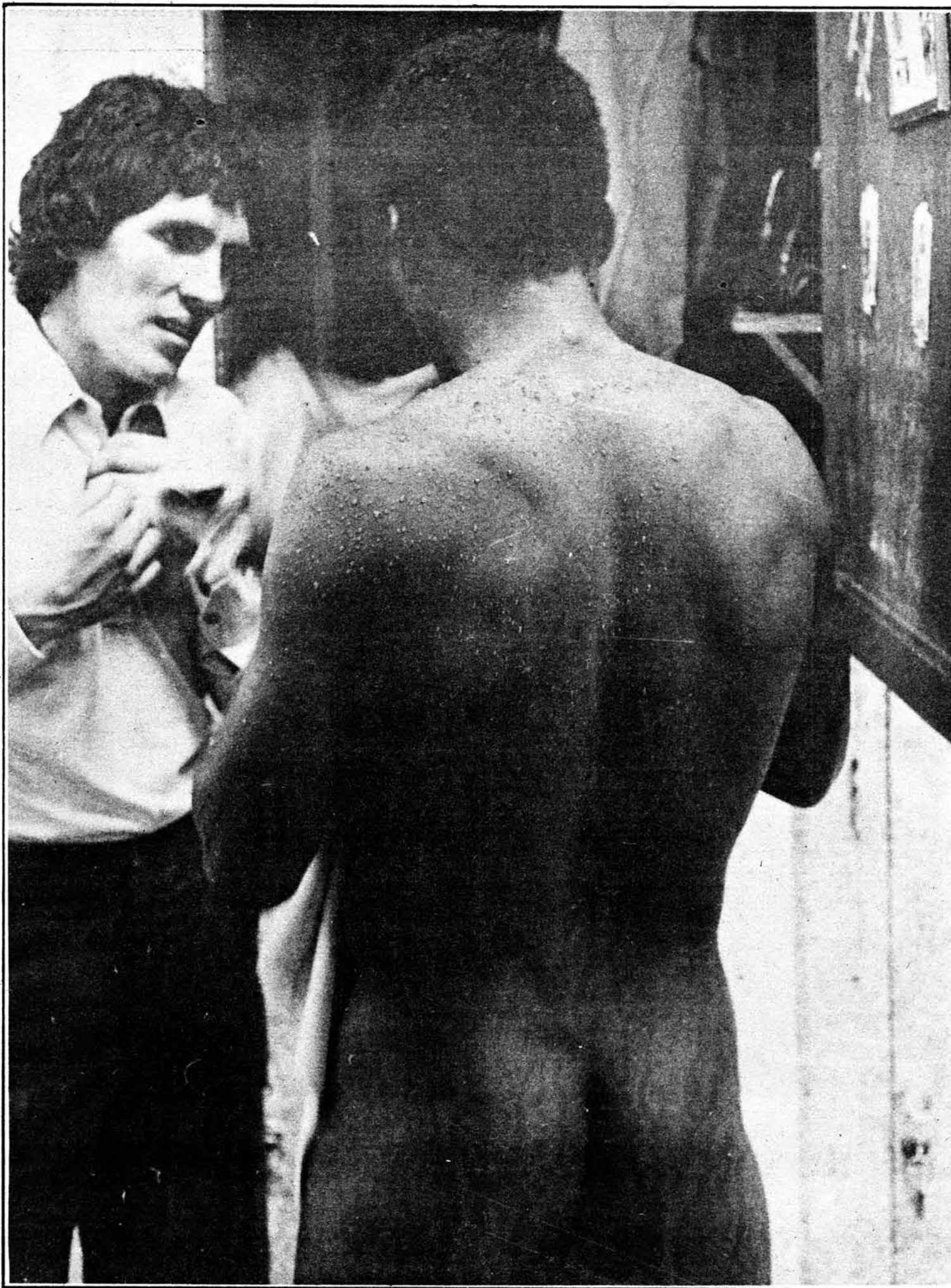
Amigos e Senhores tenhais respeito com as mulheres dos outros mesmo que os maridos delas sejam pobres; deixai estar com a pobreza dele e a mulher dele. Desculpem Senhores, sim? Vou terminar porque se continuar a escrever vou ofender-vos.

a) A.V.J. Nipuenha, 32 anos, natural do Molôcué.

PARA BRANCO MANJAR MELHOR

Sentindo-me em grande forma neste decidi expor ao público Murracense um, seus costumes que demonstra falta de se-

Não quero falar contra ninguém.



ã nas festas de casamento há o costume de se dar comidada diferente aos convivas. Todos a mesa. Quer dizer: comida bem parada para brancos e outra, inferior, para pretos, sendo a mesma festa.

Pouco importa a mim que isto vos pareça. Da minha parte digo assim: - Se as famílias dos noivos tem respeito aos brancos, que convide então só aos brancos, que é a lhes preparar bom manjar, mas se também estima aos pretos, então peço-lhe que prepare um manjar igual para todos, caso contrário, nenhum preto instruído e educado pisará o casa de alguns noivos.

R. V. Meireles.

NINAS DE 6 E HOMENS DE 70

O motivo que me levou a escrever esta é o seguinte: Munhama, é pior!... Munhama é tão pior que outros Postos ou inscrições que se encontram em tudo o Cambyque.

Senhor director, e amigos leitores, este costume tem em toda parte? Mas aqui é tão pior. Nessa região não se encontra uma menina de 4, 5, 6 anos de idade não têm o seu marido, senhor Director, isto está justo? O pior os homens que as ocupam, são aqueles cadetes, isto é, de 59, 70 anos de idade.

Senhor director, despajando água no 5 litro pode acabar numa garrafa toda a água? Porquê que não acabe toda? Não é da medida que não é a mesma? Eu pergunto um des-

ses homens a razão que casam-se com uma meúda tão pequenina assim sabe a resposta que ele me dá? E esta: eh pá, quero gozar o mundo. Não sabeis disto? É torno-lhe a perguntar outra vez quando há-de crescer e anos que com ela tirará filhos?

Sem vergonha aquele homem analfabeto, me responde: Ah! não sabes que uma menina quando dorme com um homem cresce depressa? Portanto, eu faço crescer essa minha menina. Senhor director, um homem

pode fazer crescer a outra? Senão, conheço Deus é que pode fazer tudo e fazer crescer coisas criadas. Nesse caso os culpados são os pais das jovens que as autorizam casá-las.

a) G.A. dos S. Ramos Munava, natural e residente em Munhamade.

A QUE NÃO SABIA SE LAVAR

O que me obrigou é o seguinte: Eu tinha casado com uma mulher que não estava bem instruída nem ela sabia tomar banho nem pelo menos lavar as suas próprias roupas.

Mas como eu sou um homem de pouca memória, ensinei a como devia ser - e em 1964 saí para Vila Cabral aonde acabei 8 meses e recebi uma carta enviada por meu sobrinho a dizer que a tua mulher casou-se com outro homem e quando a li fiquei muito aborrecido por causa das coisas que andei a estragar para ela nem me escreveu a carta a dizer que estou casada com outro homem e

se não fosse o meu sobrinho eu não devia gastar mais coisas para ela? E venho aconselhar a todos meus amigos, se uma pessoa casou não pode gastar tanto material, porque as mulheres africanas não têm certeza.

a) Alberto Francisco Muchia, 24 anos, residente em Vila Cabral.

ESCOLA SEM MULHER NEM FILHA

O caso é o seguinte:

Vou contar uma história; a minha mãe faleceu no ano passado mes de abril e fiquei sózinho como orfão da mãe. Então pensei de ir ter com Professor Luciano Napassa para que eu fosse matriculado na pré-primaria e

ele aceitou o meu pedido, no de Maio comecei a estudar. No mes de julho fiz exames e passei para a primeira classe. Outra coisa: antes de ir para a escola, um dia veio o meu amigo Paulo que me disse o meu amigo Valentin não queres ir para a escola; Eu dis-



se-lhe não, então ele disse-me tu és burro; não sabes que a escola é coisa boa? eu fui ter com meu cunhado Alberto Maita se era verdade aquilo que o rapaz disse-me e ele respondeu-me sim senhor.

Mais outra coisa; antes de entrar escola tive uma mulher e com ela tive uma filha, depois quis abandonar ir para escola. Deixei a mulher para se eu posso arranjar a minha vida e família, porque o homem não pode agarrar duas coisas apesar de ter duas mãos.

a) Valentin Cassiano Laissa, 19 anos, natural de Mauá.

QUER VOAR MAS NÃO TEM ASA

O que me levou escrever esta, é o seguinte: É sobre o que muito vejo e na mesma despercebo. Portanto, sendo eu de poucos estudos estou na falta de saber muitas coisas que no mundo actual estão passando.

Desta vez primeiramente é uma pergunta. Porque será que hoje em dia há muitos divorcios? Vejo muitos divorcios e não percebo como é que são motivados. Será que há falta de tratamento dos homens nos lares? Talvez que não. Eu percebo ou para bem dizer vejo que muitas mulheres, logo dois ou mais meses após o seu casamento, e bem percebo de que este homem quer viver comigo continuamente, começam então fazerem muita coisa contra o marido, para este aborrecer-se e mandá-la embora. Acontece que muitas vezes apresenta queixas às autoridades de que o meu marido fas-me isto ou aquilo, o que é muito mais que uma mentira, e no que também a autoridade aprova serem falsas queixas. Quando, depois de notar de que não há meio de haver anulação perante a autoridade, então chegando a casa, pronto sai da casa, depois de ter tido muitas mentiras contra si, sinal de lhe arranjar vergonhas só.

Mas, depois, pensando de que vai viver melhor, nada disso, só chega viver na vida

que não lhe dá nenhuma satisfação a si nem aos filhos sei caso ter. Eu mesmo que falo estou hoje a onze anos de casado Matrimonialmente, e que julgava de que estou vivendo bem com a minha mulher e filhos. Mas hoje em dia acontece que a minha mulher está afastando de Dona de casa, parecendo

uma louca, que até mesmo quer voar, mas não pode porque não tem asas. E, de boa maneira percebe de que quer fazer o mesmo que fazem outras. Mas a desgraça que me deixará é dos meus filhos pequeninos, que ainda não percebem o que é a vida. Portanto, caros leitores, aqui terminou a minha carta que penso de que talvez não ofenderá a ninguém, so estou a lamentar a vida das desgraças que nos encontramos mas por meio das nossas companheiras que mal sabem viver.

Querem viver bem, mas não sabem como é que se vive.

a) Baciano Capate, natural e residente em Murrupula, cozinheiro.

UM TIME INTEIRO NA CADEIA

O que me levou a escrever esta amável cartinha é o seguinte. Um dia destes estivemos numa reunião a conversar, e depois apareceu um rapaz chamado Candido Mussuma, ele estava a dever o Matias 3,00 e o

Matias viu que há tantos dias que não o pagava seu dinheiro, foi em casa da mãe do Candido e disse-lhe o seu filho deve-me 20,00 e não quer me pagar e a mãe do Candido deu 20,00 ao Matias, e ele foi-se embora com grande alegria e satisfação. E daí os passos chegou o Candido a casa da mãe, ela disse que estava aqui o Matias a pouco tempo, disse que tu devias 20,00 a ele e eu paguei-o já se foi embora. E o Candido dali não falou nada. Foi a caça do Matias afinal o Matias já tinha chegado naquela reunião onde estávamos, e de momento chegou o Candido de tantos nervos foi no bolso do Matias tiro u 20,00 e deu o troco dele que era 3,00. E dali o Matias não resolveu nada foi dar queixa no Comissariado de Polícia, disse que há um



rapaz chamado Candido Mussema, que encontrou-me sentado e tirou-me do meu bolso o meu dinheiro 37,50 sem motivo nenhum.

E o senhor chefe de policia disse ao cipiai que lhe acompanhasse ir buscar o rapaz que arrancau-me o dinheiro é este. E o cipiai disse que vamos lá e voces todos que são testemunhas, também não podem ficar; e nós não recusamos a ordem e fomos todos.

Quando lá chegamos, o tal Matias que nos disse que voces vão ser testemunhas, quando o senhor chefe de policia perguntou-lhe para que esta gente toda. Ele disse que são patoteiros e dali não resolveu nada; fomos todos na prisão.

Era eu o meu primo Afonso Alcofa, Amade, Essumaila, Braimo Mugatra, Portugal, Madeira, Iacumba, Aiuba Vali, e os dois únicos milandeiros que são Candido Mussema e Matias Oma Braimo. Éramos quase onze

rapazes que completavamos uma linha de futebol. E no mesmo dia lá na cadeia o nosso amigo Afonso Alcofa, disse-nos que eu vou sair daqui sem tomar banho, nem lavar a cara nem limpar os dentes e nem caçar enquanto estou a comer e nós dissemos que vamos lá ver e numa noite dessas, acabou por cacar nas calças.

Hoje eu tive o meu dinheiro na algibeira 50,00 foi roubado de noite enquanto estive a dormir; pelo Senhor Amade um nosso companheiro que fomos juntos pra cadeia com ele sobre o mesmo milandro. Assim meus caros leitores tínhamos ficado sete dias na cadeia (na gileira) e todo dia logo de manhã cedo quando iam os climar e aquela nossa pena acabou e cada um de nós ganhou 10 palmatórias e eu que era mais novo só deram 6. O tal Alcofa, que cacou nas calças tinha deixado as mesmas calças no calabouço e mandou a Essumaila ir buscar e prometeu-lhe 5,00 até agora não lhe deu. Caros leitores

acham que isso é bom o que nos fez o nosso amigo Matias e o que fez Afonso Alcofa ao Essumaila?

a) Manuel Assuene, antural de Moma e residente em Antônio Enes.

CASADO E DESCASADO 4 VEZES

Eu Admiro muito uma coisa que me fez admirar em o seguinte quando eu casar, uma mulher, toda gente gosta da quela mulher.

Casei com quatro mulheres, todas essas mulher, foi todo cabaçadas com migo não arrancar, os meus amigos falei primeiro os pais e casei. Quando são solteiras ninguém gostava, basta casar. Já abri caminho para o povo. Agora canssei-me porque não foi só uma vez, já as quatro vezes, da 1ª fui arrancado por um amigo; e a 2ª foi o mesmo da 3ª a mesma coisa, 4ª foi mesmo; Assim é justo? Se eu fosse leproso, essa gente podiam gostar de Arrancar a si mesmo para eles ficar lepro-

sos, querido Sr. faça o favor, de respeitar a mulher do outro; a quem esta casado com leproso deixa, ficar com a lepra dele a quem casou com a boa; Vida deixa ficar com a sua boa Vida dele foi Deus, é que lhe deu ser pobre ser rico todo foi Deus.

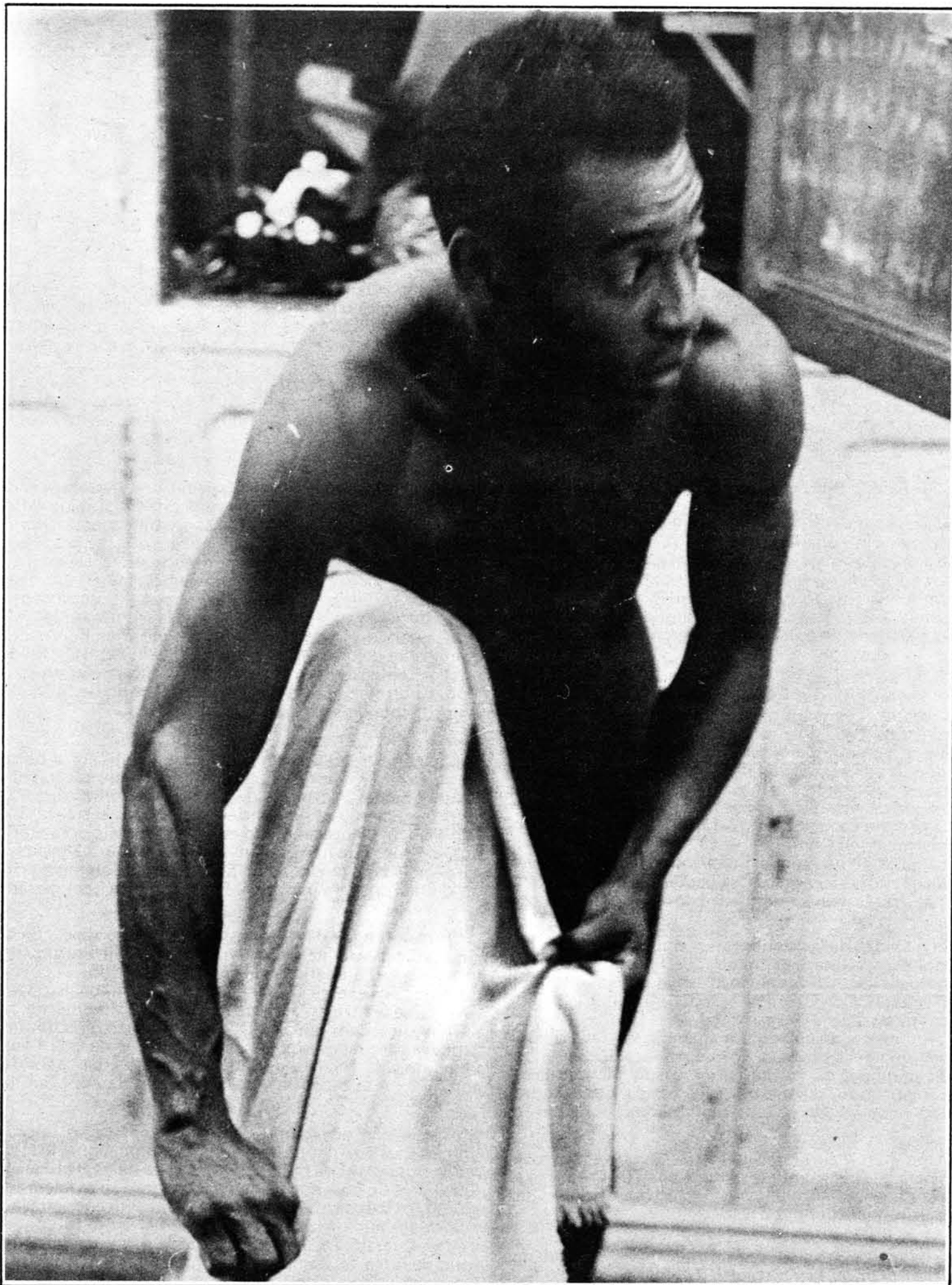
Senhor Director, Aqui no meu localidade de Mecufi, Estamos muito empregados, cada qual trabalha e, ganha o seu pão.

Mas eu no dia que arranjo 1 ou 2 kg de Peixe, toda gente me trato ser amigo começam amirmurar, me assim é bom Senhor Director?

a) Alberto Ossofo Sumail, casado, 37 anos, residente em Mecufi.

TRÊS RAPAZES SE METERAM COM UMA

Uma noite depois de ter saído do trabalho encontrei uma menina. A menina desceu do machibombo e dirigiu-se para a casa dela.



Eu vinha em direcção oposta da da menina.

De repente apareceram tres rapazes que se meteram com ela. A menina tinha muito medo daqueles rapazes. Os tres rapazes já mencionados pretendiam se apoderar da menina. Então eu me aproximei e perguntei se todos eles pretendiam a mesma menina.

Ora isto não está certo pois como deve ser é, uma rapariga e um rapaz, e uma rapariga e tres rapazes. É triste que ainda se vejam ainda estas cenas na nossa pacifica cidade. E por hoje é tudo. Obrigado Senhor Director.

a) Luis Agostinho, solteiro, 16 anos, natural de Mopeia e residente em Bera.

EUROPEU DA AFRICA NÃO É AFRICANO

Segundo esclareceu a Lina Magaia, afirma-se quando o africano - Africano é um individuo nascido na Africa, assim como um euro-

peu, é um individuo nascido na Europa. Da mesma forma é um Asiático aquele individuo que nasceu no "Continente" que os homens chamaram Asia.

Sim! Africano é um homem nascido na Africa, qualquer dele do corpo humano, não importa a cor. Ora neste Mundo de Deus e dos homens, há simplesmente quatro raças principais. Deus lá sabe porque fez isso; mas deu a cada uma das raças um vasto Território, que é chamado pelos homens, de "Continente".

Temos agora um problema, de (preto e branco).

Raça africana é o que tem a pele escura, cabelos em carapinhados, etc. e europeu é o que tem a pele clara, cabelos coridos e compridos, etc.

Sentimos ser ofensa, dessas duas frase, de (preto e branco); porque mesmo o nativo

africano, não é tão preto como muitos europeus exageram; assim como um europeu não é tão branco quanto se julga. Suporíamos: preto é o carvão, uma coisa sem vida; branco é cal, uma coisa também sem vida!

É português todo aquele que pertence a Nação Portuguesa; é americano todo aquele a Nação Americana, sem importar os casos de outro nascer na Africa e outro na Europa, isto já é secundário ou voluntário. Porque cada reça tem o seu ponto, que é tal "Continente", que Deus dera, segundo vimos atrás.

Chamamos africanos aqueles que Deus os deu o "Continente" cognominados por Africa, europeus aqueles também que Deus os deu a Europa, Asiáticos os da Asia e americanos os da América. Quanto as nacionalidades, cada qual não deixa de ser aquilo que é.

Embora que ele nasce na Europa, o dito africano, ou noutro Continente, não deixa de ser escuro, assim como um europeu natural

também de Africa, não deixa de tomar a sua respectiva claridade segundo a origem de cada. Por isso se fosse possível, para evitar dessabor sentimentais de muitos, e haver agrado a todos, na família Portuguesa, era conveniente esquecermos esta duas pur-núncias de (preto e branco). Acho que fica muitíssimo bem, chamar só africano e europeu, conforme a divisão como Deus havia determinado. Sendo assim a conclusão não haveria quem se pudesse ofender.

É raras vezes chamar um africano de europeu, embora que ele seja natural de Europa, como também não agrada a nenhum europeu chamar-lhe africano, embora seja cá natural.

Agradeço que o Governo tome certas medidas, daquilo que achar perfeito, a este problema que acabo de citar.

a) C.A. dos Reis.

Leão de

Um Inédito De

O luminoso se acende e, num golpe, fixa as oito letras do nome francês e isto aqui, a que os otários e os espertinhos chamam de boate, está aberto na noite. De olho em pé, aceso e bem. Que para essa gente afobadinha demais, metida a ter vontade, mal acostumada, fantasiada com seus leros e ondas, quase tudo é folgança e prosa fiada. Ainda mais no começo da noite. E o pior é que o movimento e o rumor, as idas e vindas, essa fricoteira toda, para esses caras distraídos e de cabeça fria é curtidão.

- Faça o favor, doutor.

Curvo-me, estiro uma fineza, dou o lado direito ao cidadão e à madame. O gajo finge me conhecer para fazer média com a dona e eu entro na dele. Meu cumprimento é largo, igualmente-cínico e conluiado. Abro a porta de madeira falsamente antiga, trabalhada de dourado. Com uma mesura, estendo o braço e ponho na casa o primeiro otário da noite.

A cambada é grande, folgada, pensando que a noite lhe pertence, ainda mais aqui nestas casas da Zona Sul. O que vai me baixar pela frente não está em nenhum caderno. O que vai pintar de trouxa, espertinho, pé grande, mocrorongo do pé lambuzado, muquira, bêbado amador, loque, cavalo de teta, zé mané dando bandeira, doutor de falsa fama, papagaio enfeitado, quiquiriquis, langanhos, paibas, não será fácil. Eu aturando, ô pedreira! Para mim a noite vai ser de murro.

Na noite malhada e escrota, disciplinando mulheres, beliscando os otários, distribuindo medidas e apanhando grojas, picardo e sonso; mas também molhando a mão dos ratos, que os arregos são de lei, acabarei dando muitas de cerca-lourenço, muita piaba e bastante pau nessa cambada de fariseus, sambudos e mal topados. Hoje é sexta-feira. E gajo nesta noite é falso boêmio, metido a alegre e sabidinho, achando que é algum manda-tudo na cidade. Mordo-lhes uma grana, é verdade, mas me dão canseira.

Não sou menino. De mais a mais, foi cedo que aprendi, debaixo de porrada, a ver sem fricotes as coisas desta vida. Como outros, rolando na noite e nas virações, ganhei cedo um nome de guerra: Pirraça. Que desde pixote eu sou um mordido, um emburrado, não deixando para tirar forra de desacato depois da hora: deveu para Pirraça, tem de me pagar ali, em cima do lance é depressinha. Engraxeí, lavei carro, vendi flores, amendoim, fui moleque de vida brava e, que me lembre, não tive grandes colheres de chá nem no Catumbi, nem no Estácio e nem em Fátima, lá nos barracos onde me criei. Conforme se vê, fui saber das coisas na rua, nos becos e muquinfos e não sentia muita vontade de esquecer os ensinamentos. Uma bobeada, um escorregão e os bandidos mais velhos me tascavam safanão nas ventas. Nunca um bom conselho.

Também me virei no vidão da Lapa antiga, no tempo em que aqueles cabarés recebiam políticos, artistas, endinheirados, figurões e nababos. Não me dei bem como garção. Meu negócio forte era a briga, aprendida sempre em becos e ladeiras. Quanto menos espaço, melhor e isto não é coisa para trouxa entender, não. O velho Manoel das Couves, um perigoso, hoje de cabelo branco, arrumado e mamando aluguel lá pelos lados do Grajaú, era um pedra noventa. Leão dos leões. Ele quem me notou a grossura da munheca e a pegada firme das minhas pernas. Comecei vigiando e leonando, pulando de casa em casa, mas todo o tempo na sombra do boi e levado pela mão de Manoel das Couves.

Muita vez o jogo me ajudou a levantar algum trocado. Tive mulher na vida, na rua ou nos dancings, se virando e mordendo os trouxas. Mas eu estava no ambiente e não era grande vantagem aliviar o pororó dos loques - pra que otário quer dinheiro?

Tudo isso e mais algumas trapalhadas que aprontei não permitem que eu me ache o bem bom, o ponta firme, o coleiro virado ou o sete estremo dos pontos. Nada. Mas é em cima de muita subida e muita piora que hoje me arrisco a dar fé de algumas coisas que sinto.

No mundo tem dois tipos de gente: os que aturam e os que faturam. E a grana vai falando mais alto e grosso. Cá de minha parte, tenho faturado pouco e aturado muito. Outras certezas: em lagoa de piranha, jacaré nada de costas ou procura as margens. Quem vacilar e não for duro se estrepa. A vida não procura fazer graça pra ninguém. É como a fêria que eu cato no fim da noite; ela chega porque me viro. Botem fé, nada cai do céu ou nasce por acaso. O que cai do céu é chuva e esta vida cachorra é uma dissimulada dos capetas, em que cada um está na sua, bem plantado e disfarçado. E, lá por dentro, uns querendo que os outros se ralem. O esperto muito acordado, o trouxa muito cavalo e o beldroegas. No fundo-fundo mesmo, empatam: cada um corre atrás do seu pedaço. Podendo, um come o outro pela perna. O otário mete grana em mão de mulher porque ela o atura na cama e nas vontades. Vem o malandreco, o cafiolo, e apanha a nota da infeliz. Mas esse mordedor também perde a boca se não disciplinar, orientar, aturar a mina; é um preço. Aquilo que da grana, dá canseira.

Dando um balanço, vou vivendo. Hoje pego trem na Central todos os dias para batalhar nas casas da cidade. Mas já tive carro, que passei nos cobres para movimentar o capital em jogo, agiotagem e, quase toda a noite, descontar cheque de otário a juro alto de um dia e cobrado antes.

Quem me vê aqui montando guarda do lado de fora da casa, levando frio nas pernas e no lombo e curtindo madrugada com este quepe na cabeça, parrudo mas jeitoso, pode me julgar um pé de chinelo sem eira nem beira. Plantado como um dois de paus. Um porteirinho mixuruco e só. Falando claro, até gosto que se pense assim: minha dissimulação é dos sete capetas. Enquanto pareço um maria-júdia e um merduícho, vou mexendo minhas arrumações e tenderepás, que só o meu povo, os cabras sarados da noite, os boiquiras das malandricas, os mamoeiros muito acordados é que sabem. A minha gente.

Deram para xingar esta minha viração de leão de chácara. Não gosto do nome. Ele marca e deixa na cara uma situação de fortaleza e mando. Isso é ruim. Prefiro que os trouxas me tratem como porteiro, seu Zé ou como Pirraça. Já é um disfarce, um agá. E que me permite fazer negaças e confundir a maioria quando a situação é preta. De mais a mais, em trinta anos de janela é raro um cara que saiba o meu nome - Jaime. O falador se dá mal na vida e o come-quieto só come porque não fala. Depois, eu gosto de respeito e distância com os fariseus a quem sirvo e aturo. A mim, quando me convém, respeito até menino vendedor de amendoim. Leão de chácara e toda a leonagem é um chaveco novo na noite do Rio. Tem mais de quinze anos, não. Alcancei tudo isso: na quizumba e no esporro das rodas da Lapa, num tempo de ouro. Ali se enrustia a maior escola que um bandido podia ter.

Até o finalzinho da guerra, em 45, e depois até as beiradas do ano de 55, devia haver interesse dos homens para que as casas da noite ficassem abertas. Xingava-se aquilo de pensões alegres e coisa e tal. Rasgando o verbo, eram cabarés e bordéis de polacas e francesas, umas gringas curemas, malandrecas muito escoladas no trato com otários endinheirados, figurões que não podiam ser vistos na farra. Umas professoras, umas gatas meladas e cheias de manha, tanto que algumas arrumaram o tufo do dinheiro, caftinaram alto, fizeram e dirigiram marafonas.

Os majorengos das leis destacavam gente deles, de confiança e fé, para proteção daquelas bocas do inferno. Uma turma da pesada, todos ferrabrás, quebra-largados na luta, selecionados na Polícia Especial, traquejados nos exercícios para levar e dar porrada. Isso vai longe, bastando ver que eram escolados no Morro de Santo Antônio, nas lutas livres e na ginástica com cordas. De capoeira não precisavam, que essa se ganhava nas ruas mesmo, no tenderepá feio da vida. Longe esse tempo, bem antes da geração do judô, do caratê e da capoeira que agora se aprende - e se esconde - nas academias da Zona Sul da cidade.

Aquele não era tempo de leonagem. Mas as bocadas da noite já tinham seus guardadores. Alguns deixaram nome, firmaram-se virando lenda nos boatos da noite. Boquejava-se deles até o que nunca fizeram. Que não é de hoje que da gente da boemia só se falam as grandezas e as glórias; os fiascos e os sofrimentos acabam ficando pra lá, esquecidos na poeira dos anos. Mas é verdade que havia um trio poderoso, linha de frente: Guarabira, Cachacinha e Caruara. Valentes muito sérios, professores de briga, ferviam, encaravam, arrepiavam os ambientes mais pesados e até os bailes do Carnaval antigo. Espertos como relógios.

Aqueles machuchos da PE tinham os bailes na mão e traziam na corda curta, dominavam o campo, conluiavam-se, distribuíam-se por tudo quanto era cantão. Os grandes salões eram deles: Tenentes do Diabo, Embaixadores, Fenianos, Bola Preta, Banda de Portugal. Quiquiricavam e mandavam de galos nos cabarés e leonavam, mal encarados, também pelos bordéis, pelos dancings e gafieiras que eram quentes e hoje estão apagadas: a Elite, a Estudantina Musical, o Dragão... Ninguém falasse enviesado com um cobrão daqueles, um mundrungleiro das picardias, sem correr o risco na pele. Guarabira, o mais falado dos três, mandava na ordem dos bailes do Bola Preta. Por aí já se sente a pisada firme do homem. Os bailes do Bola eram uma mistura de tudo que era bicho da noite: mulheres de dancings, cabras iniciados em jogo e malandricas ao lado de gente forte no dinheiro ou famosa nos seus ramos, artistas e homens do serviço público. Um balaio delicado de se guardar, necessário saber direitinho com quem se estava lidando. Apesar da sua marra, o velho Guarabira não podia, por exemplo, ajustar e botar pra fora da casa um tipo bebum, cachaça, quizumbeiro e que estivesse armando alteração. Não descia o braço assim-assim, tinha de pensar, bem pensado e três vezes antes. Que o freguês misturado àquela variedade de gente bem podia ser um majorengo enrustido, um manda-tudo lá do seu ramo. Se até políticos apareciam no Bola, cuidar do caroco não era fácil.

Chácara

João Antônio

Aqueles antigos eram mais empenhados. Enfrentaram, encararam e deram cartas em tempo de navalha comendo solta na mão dos vivórios, que mesmo sem ela e sem o soco inglês, só na pernada, na cabeçada e na capoeira, botavam três-quatro valentes pra correr. Os malandros grandes – Meia-Noite, Madame Satã, Camisa Preta, Miguelzinho da Lapa, Saturnino, João Cobra, Nelson Naval, Caneta – davam o tom e jogavam de mão na Lapa, num pedaço da Cinelândia e no Mangue. Tinham suas mulheres na vida e malandravam com os homens da polícia. Era um tempo de pisada brava e um porteiro de casa da noite tinha de ser um acordado e manhoso.

É uma topada. Tudo tem seu senão neste mundo. As ondas mudaram a cidade, as marés da boemia já tocaram do centro para a Zona Sul, já voltaram para o Centro e hoje estão divididas. As beiradas do cais, por exemplo, lá pelos cantões da Praça Mauá, fazem um corredor só, fervendo de inferninhos. Ali, a leonagem de hoje é mais poderosa e, no entanto, vacila o dobro. Não, não que eu tenha saudade do passado, que hoje vivo bem mais na sombra do boi do que os antigos (e não sou um cabra dado a fricotes); mas é que nos idos da malandragem não se dava um caso como o da semana que passou.

Dia desses, lá em Ramos, um leão deu mancada, caindo de quatro e levando pra cucuia até a casa que guardava, perdendo a linha e o respeito de malandro, se mordendo de ciúme por uma mina fuleira, muito da xexelenta e relaxada, uma sem vergonha precisando de lição. Ficou queimado e fechou o paletó de um trouxa. Almoçou o coió. Fez o cara, mas fez mal feito e entortou a gaiola. O caso anda rolando aí na boataria das curriolas, a boca pequena, que ninguém é besta. E a rataria, gente esperta demais, que quando os jornais falam precisa apresentar serviço, está fuçando tudo, encarnando, atrás do leão. Até já vieram me sondar. Mas se dá que eu sou um boca de mocó e daqui não se arranca nada. Nem vem que não tem.

O caso é que o leão era um tal Miguelito. Um loque baixou no inferninho descendo de uma Kombi. Bateu a porta, entrou, pediu um bebereite, embebeu-se duma bailarina, uma fedida com nome de Maricele. Uma hora depois, a boneca saiu da casa de braço com o trouxa. O leão encarou os dois, enciumado:

– Onde é que a senhora pensa que vai, princesa? Seu expediente ainda não terminou.

A mulher empombou-se num rompante e desrespeitou, desacatando que não tinha nenhum contrato com a casa. O otário quis abrir o bico. O leão foi avisando que ela perderia o emprego se não se disciplinasse. E mais: teimasse naquela folgança e Miguelito ia botar a boca na trombeta. A infeliz não teria mais ocupação na noite do Rio, a não ser na rua, batalhando, encarando a frio o trotoar. Então, a tal Maricele arreganhava-se para o mocoarongo:

– Meu neguinho, me espera lá fora, qu'eu saio às quatro.

O leão ficou mordido, trancou a cara, sentiu que a mulher ia mesmo dormir com o outro. Claro que Maricele era mulher de cama do leão Miguelito. Ópa! Ele estava gostando da dona, mas se esqueceu de uma lei dos malandros: a gente vê com os olhos e lambe com a testa. E fica esperando a hora. Depois, então, come com a boca toda. É de lei. Outra coisa: quem tem ciúme de marafona é coronel. Bem, o freguês foi para a Kombi esperar a mulher, sentou-se; o leão se chegou para o cara, não disse um a. Devagar, sacou da máquina, mirou direitinho e plantou-lhe um teco na testa. O zé mané caiu durinho. O tiro barulhou como uma senha. O dono do inferninho, que não era morto, voou para longe do Rio, que já carregava uns dois-três processos no lombo: lenocínio e outras encrencas. Foi o fim daquela boca de Ramos. Seu fechamento é pra sempre.

Um leão bobear e meter a mão numa cumbuca dessas não se via no tempo dos antigos.

E hoje temos tudo. Com o sumiço dos bordéis de tradição, com a blitz atacando a vida das mulheres na rua, o trotoar foi sendo apagado e a viração das minas deu para se enrustir e ferver nas boates e inferninhos.

O ano preto do trotoar foi o do IV Centenário. Os homens dos costumes partiram ansiosos para as ruas e de supetão fecharam hotelecos

meteram muito explorador de mulheres na cadeia. Vieram outras polícias e engrossaram a barra. Um tempo feio, um rabo de foguete. Os homens queriam limpar a cidade que ia receber gente importante e precisava ficar bonitinha para o IV Centenário. Foi um arrastão – ladrão, marafona, pedinte, maltrapilho, indigente, esmoleiro, cego de rua, engraxate, aleijado, limpador de carro – e toda a arraia miúda andou mal de vida, indo mofar no xadrez. A vida cachorra é assim. Os homens lá em cima assinam um papel e a gente aqui embaixo, na vida, vai comendo quente, aguentando ripada no lombo e cadeia. Comendo pão que o capeta amassou com o rabo.

O cabaré ficou pra lá, os últimos se desmilinguaram na Lapa – Novo México, Brasil Dourado, Primor. O Casanova ainda anda aberto, capengando das duas pernas, numa pior que mete nojo. Aquilo, sim, dá saudade.

Boate também é chaveco novo que baixou aqui, pouco antes de 45. Era diversão para soldados e combatentes, marujos, gente amargando e que se deixava enganar porque queria, aceitava o que a boate era e é: lugar apertado e escuro, nota alta, todo mundo muito sozinho, bebida fajuta, mulheres fuleiras. Os combatentes eram sabidos, vividos, andados, topei alguns que conheciam quase todos os cantos do mundo, doutores no conhecimento das estranhas. Mas não ligavam pro azar e nem estavam a fim de discutir bebida, mulher, música; queriam expandir, refrescar, desanuviar a cabeça das misérias da guerra. Por isso toleravam essas porcarias. Depois da guerra, as casas da noite viraram só ante-sala de bordéis. A marafona pede chá mate e seu otário paga preço de uísque importado.

Quem ganhou com a limpeza fui eu. E os outros, os leões, a leonagem raiada. A gente começou a nadar de braçada, à vontade e com folgança. Deitando e rolando, nossa patota foi se fazendo dona da noite. Tomamos o campo, nos unimos em conluio e dividimos a cidade. Evitando confusão, vamos nos revezando – um leão não deve ficar mais de seis-oito meses em casa alguma. Assim, ficamos por dentro de tudo na noite e os donos das casas dependem, cada vez mais da gente. Os leões grandes, Califa, Lupércio e Duca, pegaram o comando da curriola e fizeram uma lei. Só é leão quem é da patota e guerra em cima de quem se meter a sabido. Sapo de fora não chia. Como no código dos bandidos:

– Quer moleza? Vá morder água.

Com as blitz bravas fechando em cima do trotoar, começava a tomar chá de sumiço aquele tipinho de cafetão, cafiolo, cafiola de uma mulher só. Com a mina em cana, o malandro se apavorava, tinha de se virar e caía fora da noite. Ia pelejar como qualquer otário. E os valentes passaram a ser os leões. É com a gente mesmo: se a viração das mulheres, se a batalha delas é dentro das boates e inferninhos, são os leões que disciplinam, protegem. E não tem colher de chá. Pensando direitinho, elas sofriam mais na mão dos cafetões. Porque eles viviam só do dinheiro delas e apertavam mais a prensa. Então, tem que ser é com a gente mesmo. Escreveu, não leu, já viu: a gente machuca mesmo. Bate como se estivesse malhando um homem. Sem os leões, elas não vivem. Meu apelido é Pirraça e ele não me chegou sem bom motivo. Se uma mulher não for linha de frente e não me obedecer legal, boto a boca no trombone, os leões todos se alertam e ela não arruma emprego na viração das boates nunca mais. Vai ficar na saudade. Só se cair pra rua e isso ela não quer: tomará tanta cana dos homens dos costumes que vai virar chave de cadeia.

Quem controla as mulheres manda no inferninho. Se uma casa da noite não tiver mulher, pode arriar as portas porque vai pro brejo. Os otários só entram por causa das vadias. Então, até o gerente e o dono da casa dependem da gente. O baralho todo está na nossa mãozinha. Nenhum porteiro de toda a patota ganha mais de seiscentos cruzeiros por mês. E daí? Isso não está dizendo nada. Um leão ajuizado, cabeça no lugar, maneiro, jeitoso, arranca a erva de todos: do gerente da casa, dos fregueses e de tudo quanto for mocoarongo que aparecer dando sopa. É verdade que precisa ser devagar, mas que a grana sai, sai. Falei.

Nem vida ruim, nem boa. É vida. O que me deixa fulo é, quando em quando, um leão dar mancada e sujar a barra da gente, como o Miguelito, de Ramos. Também um enrosco na Praça Mauá me largou sacaneado. Miçanga, o leão de uma das boates do cais, era faixa meu e andou mal na profissão. Fez bobagem lá em Santos e correram com ele. Na matina, bateu-me aqui, querendo emprego e vinte pratos para matar a fome. Andava caladão e magriço. Espetei a barriga do malandro com o dedo:

– Guenta aí, meu compadre, que a gente vai comer uma galinha mais logo, rabo da manhã, lá no Beco da Fome, no muquinfo da das Dores.

No outro dia, me mandei mais cedo de casa lá de Inhaúma. Ia cavar uma viração pro Miçanga, que o cara estava na pior, mas era bom de luta e nunca foi de engessar, companheiro. Bati perna, falei, boquejei, pedi, arranhei um gancho para ele lá na Mauá. Não, não.

- Olhe aí, parceirinho, juízo agora, heim ô?

Mas é uma parada. Quando urubu está de azar, o de cima faz no de baixo. Miçanga, com dez dias de trabalho, me apronta. Baixa no inferninho um trouxa que bebe, come, apalpa mulher, torna a beber, torna a comer. Queima o pé nas bebidas caras. Mas o pedaço de zé mané estava duro, teso.

O gerente falou com Miçanga. Lá vai o leão, meu camarada, e conversa o freguês. Primeiro, na baba de quiabo:

- Como é que é, distinto? O senhor vai pagar.

O cara disse que não tinha, estava amarrotado naquele momento, mas era isso e aquilo na vida, e toda a despesa ia ficar por isso mesmo. Miçanga não vacilou. Chifrou o cara, dando-lhe um muquete no meio da caixa do pensamento. Urubu de cima faz no de baixo. O otário carregava máquina e deu no gatilho. O teco foi se plantar no peito do baterista do conjunto. Uma zorra, corre-corre, tropel arreliado, mulher desmaiando, gente fricotando, polícia chegando, cacete. O leão Miçanga deu sorte: ganhou as ruas, deu o pirandelo, tomou chá de pira e até agora ninguém viu em que buraco, fora do asfalto, ele se enfiou. Está corrido, pelos mórros.

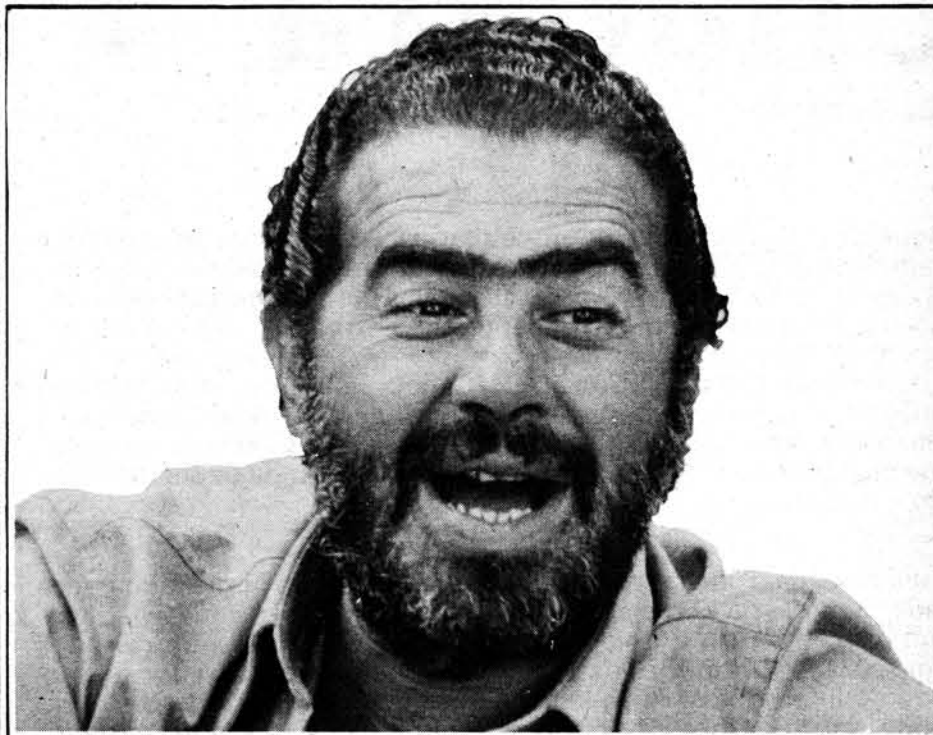
Os leões velhos eram mais de fé. A meninada de agora tem malandrice na luta, mas não sabe dar açúcar ao freguês, adoçar os mocorongos, tirar na picardia e na manha. Aturar. E tudo rapaz desempregado, do tipo boa vida e bonito, alguns até de família. Trambicam como leões porque não têm capacidade ou não encontram outro jeitão de vida. De comum, passaram por academia de luta e vivem pretos de sol e praia. As mulheres se embeicam deles, os gostosões das candongas. Algumas lhes oferecem dinheiro para ganhar o amorzinho. Depois, têm ainda a groja dos otários. Mas essa pixotada, maioria deles, não leva juízo. Querem quiquiricar de galo, dando trela a mulher, se estourando com os trouxas. Um desacerto. O bem bom é tomar na baba de quiabo, na maciota. Como se diz, cá no ambiente:

- A mina dá a mão cheia de dedos para o leão meter no buraco do bolso.

Que de pagar tudo o que consome, bebida, cigarros, comida, farras de cama, um leão de chácara gasta pouco. Isso é certo como um dia a gente vai morrer. A infeliz tem de servir ao mais acordado, tem de dar na marra. Tutu, o vento, o verdadeiro, a erva.

Que não sou menino, já disse. Moro na Zona Norte, lá onde o Judas perdeu as botas, e viajar nos trens da Central não é refresco. Estou nos quarenta e oito, tenho dois bacuris no colégio, uma mulher honesta. Na minha casa, em Inhaúma, tem uma horta e um papagaio que veio do Pará. Depois do almoço, me distraio cachimbando, dando uma capinada na terra e apanhando sol. Gosto disso tudo e bem. Também acontece que os meus cabelos estão pintando de branco. E não posso brincar em serviço. Não será agora, raspando a velhice, que facilitarei, dando as costas para algum, mais malandro, me fisgar e afanar a vida. Leão também morre, sabiam? Desconfio. Mal encarado, todo o tempo na minha, não há vivório que me arranque palavra ou informação distraída. Procuo, me empenho para saber onde piso. Há sempre um e outro moço forte, do esporte, das academias de luta, querendo uma boca como leão. Rondando, campanando. Pretendendo boa vida e a fim de tudo quanto é sujeira para desacreditar um porteiro já coroa como eu, com um pouco de barriga. Está na cara que não sou o mesmo dos vinte anos. Desmoralizar, pisar nele e tomar o lugar, a sombra do boi, a mamata.

Onde há tutu, os piranhudos vêm morder. E já era assim no tempo dos antigos. Por essas e por outras, isto aqui que trago à direita da cintura, enrustido, mas fazendo volume do lado de fora do paletó, não é nenhuma lata de vaselina. É uma automática, de pente pronto, cheio, dessas máquinas de guerra que comprei de um marítimo e que só os majorengos das três armas podem usar.



Um Escritor Que Cheira a Povo e Não Fede a Gabinete

João Antônio, um dos maiores escritores latino-americanos de língua portuguesa, lançou em 63 Malagueta, Perus e Bacanaço, premiadíssimo livro de contos que só agora chega à 2ª edição. Este ano, João edita também Leão de Chácara (3 contos premiados no Paraná em 74 e uma novela). Está também reeditando para a Editora Civilização Brasileira o Livro de Cabeceira do Homem, publicação mensal. Com a palavra, João Antônio.

Entrevista a **Hamilton Almeida Filho**

João - Aos amigos e aos falsos quiquiriquis doutores aí da informação e também aos escritores: o leão de chácara é um personagem urbano dos mais sofridos, dos mais particulares. Aquele indivíduo que toma conta. Que chama-se porteiro para os não iniciados, que desconhecem a intimidade de sua função. A idéia me surgiu, quando, faz algum tempo, ia fazer um perfil de leão de chácara, um perfil jornalístico, nunca esperei escrever aquilo literariamente. Mas fui buscar o leão de chácara na noite, com garçons, principalmente com garçons. Os leões não falavam. Evidentemente, ninguém vai contar o seu segredo, ainda mais quando ele é inconfessável. A profissão do leão é bater, impor a ordem, explorar e fazer de conta que é bonzinho. Quer dizer, no fundo também é um cara manejado por esse tipo de sociedade, essa coisa toda da noite, mas que está inteiramente consciente do papel dele. Mas o Garotinho garçon do Cantinho do Leme, que hoje é morto, começou a me dar os primeiros serviços. Ele me deu o serviço que tinha um trio, o Guarabira, o Caruara e o Cachacinha. Nesse trio tinha um sujeitinho muito importante que atualmente é leão de chácara de uma casa famosíssima, que ninguém pode supor que o leão de chácara. o

homem da segurança do Canecão, seja o Guarabira, um dos 3 maiores, um dos 3 leões. Bom, com aquelas dicas eu já tinha mais conversa, pra entrar nos leões, no leão que tinha o Jirau, no leão do Le Bateau, e desses inferninhos da barra mais pesada. Então, quando eu chegava num leão já tinha até vocabulário pra comprar alguma coisa dele, com a giria dele, quer dizer, "vim atrás de uma mulher aqui, você não viu fulana?" Então todo dia chegava de madrugada em casa e registrava o negócio, fui costurando aquele negócio e fui levantando também, com os leões antigos, principalmente do Bola Preta, Tenente do Diabo, como é que começou o negócio, como é que surgiu a figura do leão de chácara. Então veja que coisa curiosa, leão de chácara é aquele leão que ficava nas estátuas das chácaras, aqueles leões, esculpidos ali, bravos, só ele manda, é o leão. E resolvi fazer um conto.

Ex - Você, como escritor, vai enxergar no leão de chácara um personagem que foge inteiramente da ordem dos escritos e das literaturas. Por quê?

Literatura Latino-Americana

João – Primeiro porque eu acho que essas camadas assim...do merduncho, que os sabidos chamam aí de lumpen proletariats, esses pobres diabos, são esses caras que mais conseguem aprender na vida e mais têm pra ensinar. Embora eles não tenham uma cultura livresca nem universitária nem nada disso, eles têm um conhecimento da vida que não lhes permite grandes erros. Porque eles só levam porrada, porrada, o que é que me chamou a atenção num jogador de sinuca, ou num leão de chácara? São os homens mais atenciosos que já vi até hoje, eles estão realmente vivendo o que fazem, mas não podem errar, porque se errar a porrada é muito grande. Então a minha atração nesses tipos não é a sua autenticidade mas é o seu drama de viver. Viver para eles não é nada engraçado, não existem as facilidades da classe média. Um pouco também porque eu acho que o escritor brasileiro é um indivíduo que foge de qualquer tipo de realidade, que não seja uma realidade assim, agradável, componente de um bom comportamento, o escritor brasileiro é um homem que se coloca muito na classe média, e a classe média brasileira vive de mentiras, vive de consumos, vive de querer sustentar uma situação absolutamente mentirosa. Então a minha atração por esses tipos é que vejo neles a parte mais viva e menos frívola da vida. São os feios, são os malditos, são os condenados, são os caras que vivem numa situação muito de pingente, e eu como escritor, acho que a situação do escritor também é uma situação de pingente. Evidentemente que vivo melhor que o leão de chácara, vivo melhor que o jogador de sinuca, mas fundamentalmente a minha briga é que eu também não posso errar, também não posso entrar nessa de acreditar que esse tipo de literatura que se tenta fazer aqui no Brasil é sempre elitizada, é sempre comportada, é sempre arrumada, é sempre um pouco enlouquecida, e sem coragem de ir sempre dentro das coisas, enlouquecida no grande sentido dessa palavra, no sentido Lima Barreto, no sentido do próprio Monteiro Lobato de Jeca Tatu.

De repente baixa na literatura brasileira um Jeca Tatu em 1.918. Era um desbunde para a época, era uma época parnasiana, com Jeca Tatu apontando os maiores problemas, que continuam hoje também, segundo Demócrito Moura (repórter do Jornal da Tarde, SP). A grande literatura brasileira, sem dúvida nenhuma aquela que vai ficar, é Manuel Antonio de Almeida, é José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Lima Barreto, é essa coisa do Lobato, do Euclides. E a literatura da brutalidade, violenta, forte, firme, a que fica de pé sozinha, independente de escolas e épocas.

Ex – Nunca o escritor chegaria a ir realmente nos lugares como você foi como repórter, para ir fazer o leão, não é?

João – Os escritores estão muito elitizados, não é? O escritor em geral tem medo de ir pra um campo de futebol, ir pra geral e tirar a camisa porque tá quente. Se coloca numa posição de intelectual olhando as coisas por cima. Em geral é muito dono da verdade, não gosta de andar de ônibus, andar de trem, gosta muito de emprego público, de mecenato, aceita pequenas e médias corrupções, aceita isso como algo fatal na vida dele, os escritores se lamuriem muito da vida, acham que a vida é muito injusta com eles, só que não tratam de fazer uma boa obra, disso eles não tratam, não.

Ex – Malagueta é de 63. De lá pra cá, durante certo período, você deixou de ser considerado escritor, de tanto que você se envolveu com jornalismo.

João – Eu nunca deixei de ser escritor, o que existe é o incrível preconceito entre escritores e repórteres. Isso tudo tem que cair porque – meu Deus do céu – o Norman Mailer e o Truman Capote são homens que ultrapassaram isso. Escritores que foram fazer jornalismo, esses caras provaram uma coisa, que é importante para o escritor esse trato da reportagem, do acontecimento vivo. Nessa hora, só num país como o nosso se acha que escritor é superior a repórter, isso é um subdesenvolvimento tremendo.

Ex – Você também enfrentou como jornalista a fase mais negra da profissão nos últimos anos, não é?

João – Exatamente. Também de um grande desprestígio para o repórter. A reportagem foi sendo banida dos jornais e das revistas. E os poucos que sobraram, hoje são tidos

como românticos. Hoje em dia a reportagem deve ser pausterizada, não deve cheirar nem feder. Esse bom comportamento, essa omissão toda é um negócio que fere muito o repórter, o verdadeiro escritor. O que faz um grande escritor ou repórter, além do seu talento, é a sua bandeira, a verdade, a procura da elucidação das coisas. E essa sua busca de uma coisa melhor para o homem. Ficar acima dos empregos e dos conchavos, das regalias, das facilidades ou, se você quiser, até do pouco trabalho, do querer fazer as coisas na base só do talentinho, da bossinha. O repórter é um sujeito que acompanha o fato, que vai lá, que vê, que briga, enfim que suja as mãos, que suja as mãos na merda. O escritor também, é uma pessoa que se atraca com a vida, é o corpo-a-corpo, não existe mais a literatura beletrística, o negócio de ensaio, de laboratório, esta cozinha literária. Esses ismos todos não vão levar a nada, o que vai levar mesmo é uma literatura que tenha um comprometimento com a vida.

Ex – Eu queria que você desse uma visão do seu trabalho, nesse tempo todo.

João – Bom, eu não escrevi em forma de literatura, embora escrevesse em silêncio um livro grande chamado Pingentes. Mas eu sempre procurei fazer as reportagens com a mesma dignidade de quando vou fazer literatura. Em 64 ou 65 eu estava no Jornal do Brasil, trabalhando já nos últimos tempos bons do Jornal do Brasil. Aí fui para a Editora Abril, onde inicialmente fui trabalhar em Cláudia, depois passei para Realidade. Na Realidade, então, pude conviver com um tipo de gente, que embora não fossem escritores, não fossem homens de livros publicados, tinham preocupações muito idênticas às minhas, e faziam jornalismo com a mesma seriedade e a mesma entrega, com a mesma dedicação, doação e briga, com que eu me dedicava à literatura. Então aquela equipe toda ampliou em mim a minha visão jornalística, inclusive me ensinou a fazer muitas coisas, e eu também ensinei algumas coisas a um, a outro. Não havia espírito de mestres ali, havia um espírito de equipe. Essa equipe fez uma publicação que é sem dúvida a melhor da América do Sul. Vendeu horrores, 400 mil exemplares na época. Era uma revista séria, não tinha uma matéria que não tivesse essas características que eu disse, essa limpeza, essa briga, esse abrir caminho, esse ir de encontro ao sacrossanto, aquilo que é tido como imutável e como certinho. Depois disso, Realidade acabou em decorrência direta de medidas internas lá de dentro da firma e também à sombra do AI-5, do dia 13 de dezembro, também uma sexta-feira, em 1.968, época em que eu li o AI-5 publicado em uma página do Estado de São Paulo e fiquei uma semana sem falar com ninguém. E: uma semana sem falar com ninguém. Um sujeito tava achando que eu tava ficando louco, tá entendendo? Então veio a época das trevas, das minhas trevas. Aí eu voltei ao Rio. Fui trabalhar em Manchete, onde curti tudo aquilo que era enviado pelas mãos do destino. Aquilo que eu havia aprendido de bom, de limpo, na Realidade, eu vi o outro lado da jogada. Quer dizer há picaretagens, há matérias vendidas, compradas, há matéria encomendada, há matéria sem a decência do jornalismo, há mentira colorida, enfim essa baboseira criminosa enlatada que anda por aí e que fica por isso mesmo. Ali eu sofri quase 2 anos, naquilo que alguém chama de título do jornalista desconhecido: Manchete, Treblinka da rua do Russel, muitos nomes pavorosos ali naquele prédio da rua do Russel. Ninguém passa impunemente por lá. Os homens de caráter não conseguem ficar lá dentro muito tempo. Os que ainda insistem vão acabar num sanatório, como eu, ou terminam jogadores, alcoólatras, pedreiras, impotentes. Depois da briga tremenda da Manchete, e de sanatório e essa coisa toda, tentei recomençar minha vida profissional no Globo, onde levei novas e boas porradinhas, aguentei milagrosamente 3 meses. Saí e fui viver a terrível aventura da Rio Gráfica Editora, chamado pelo Paulo Patarra. Fomos também com as melhores das intenções, pra fazer coisas decentes, porque o mercado carioca precisava disso. Mas também fomos boicotados, fomos esmagados, fomos expulso. Depois veio a tragédia do Diário de Notícias, onde eu curto até hoje um calote de 6 meses de trabalho. Depois desse calote do Diário de Notícias vivi uma parte da experiência do jornal Panorama, em Londrina, Norte do Paraná, lá com o Narciso Kalili e a turma toda que continuou mais ou menos a mesma, com diferença de alguns. Estes fize-

ram mais coisas que eu, porque fizeram também o Bondinho e também o Ex. Eu de certa forma fui fazendo coisas junto com eles, para o Ex, para o Bondinho, pelo menos participando da mentalidade e tentando fazer coisas juntos, por saber que aí, apesar de não ser a faixa mais badalada da imprensa nacional, era a mais importante.

Ex – Você chegou a pensar que seria escritor de um livro só?

João – Cheguei a pensar e eu aceitaria essa idéia, isso foi um fato, não tem problema nenhum. Eu acho que literatura é como uma briga; se você pegar os grandes escritores brasileiros, eles viveram no miserê, na luta brava, Manuel Antônio de Almeida, Graciliano Ramos, alguns pagaram até com a vida, Monteiro Lobato foi expulso daqui várias vezes, Graciliano também, Manuel Antônio de Almeida morreu no miserê, Lima Barreto tem 2, 3 passagens por sanatórios, morreu aos 40 anos, alcoólatra, mestiço, mulato, assumindo esse negócio, brigando por isso.

Ex – O escritor brasileiro não se considera um trabalhador...

João – Ele lamenta muito que não seja um profissional, mas não briga. Há quantos anos, por exemplo, um ministro da Educação não procura um escritor para conversar? E há quantos anos os escritores não procuram um ministro? Por quê? Porque os escritores, quando vão dar entrevistas, estão preocupados com seus empregos, com seus arreglos, com não sei quem e dizem aí meia dúzia de farofeiras e continua tudo bem, não lutam por essa coisa.

Ex – Toda vez que um escritor brasileiro dá uma entrevista, fala do problema de editar um livro, que no Brasil não dá pra escrever...

João – Eu procuro fazer essas coisas com uma decência que me permita no dia seguinte reler e não ficar assustado. A maior glória que tenho por fazer Malagueta – é bom que se diga isso, sou filho de motorista de caminhão, um tramontano, minha mãe é lavadeira, de curso primário – é uma questão de vergonha, se eu relesse hoje Malagueta, se todos os contos não ficassem de pé, nem o meu pai me obrigaria a reeditá-lo. Esse espírito de repórter mudou porque nós nos desmoralizamos tanto, que as pessoas se referem ao repórter como um indivíduo que não conseguisse fazer mais nada na vida. Não é nada disso. Ele é vocacionado, ele é um perseguidor da coisa, ele vai atrás, ele arranca. O escritor é a mesma coisa. A literatura é uma coisa pra durar mais, a forma é mais elaborada, a limpeza e a profundidade têm que ser a mesma. Dizer que a reportagem é um trabalho superficial é besteira. Se vocês pegarem por exemplo, a coleção de Realidade verão que as reportagens até hoje são atuais, embora fossem feitas em condições circunstanciais. Repórter é um sujeito em geral malarrumado, apressado, cheio de papéis nos bolsos, cheio de idéias na cabeça. E depois incomoda as pessoas que estão no mando que estão impedindo que se olhe a verdade, a realidade. E esse indivíduo que, como o Percival (repórter do Jornal da Tarde SP, e colunista do Ex) disse, vai à lata do lixo. O que são as Memórias do Cárcere, do Graciliano Ramos? Uma grande reportagem sobre seu tempo, sobre a perseguição getulista. O que é o Jeca Tatu senão uma grande reportagem de saúde?

Ex – Agora Malagueta tá pra ser relançado e ao mesmo tempo se fala que vai pra televisão. Eu queria que você falasse sobre essa ressurreição.

João – Eu vou falar claramente. Malagueta, Perus e Bacanaço é uma obra que está obstinadamente marcada para continuar, apesar de tudo o que o destino aprontou com ela, sei lá... No ano de 1960, numa sexta-feira, 13 de agosto, Malagueta pegava fogo numa casa em que eu morava em São Paulo. Naquele tempo eu não escrevia à máquina, escrevia à mão. Então eu perdi todos os contos de Malagueta. Depois tive que reescre-

ver tudo, não sei se saiu melhor ou pior, saiu talvez diferente. O que é Malagueta, Perus e Bacanaço? São nomes de 3 vagabundos que saem da Lapa – São Paulo – duros, atrás de dinheiro, e só sabem fazer o seguinte: jogar sinuca. Malagueta é um velho, Perus é um menino de 19, 20 anos, fugido do exército, fugido também de casa, porque ele não tem casa, e Bacanaço é um cafetão, é um rufião, que também arranca dinheiro da sinuca. Mas acontece que a aventura que os 3 vivem, passando pela Lapa, Agua Branca, Centro da cidade, Pinheiros, eu vivi muitas vezes porque eu fui um sinuqueiro inveterado. Eu era de chegar dentro de um salão de sinuca num dia e sair 2 dias depois, sair verde, com sapato de outra cor, uma camisa atrapalhada depois de ter fumado sei lá quantos cigarros. Eu tinha verdadeiro fascínio pelo jogo. Antes do Malagueta virar livro, eu ganhava com os originais inéditos o prêmio Fabio Prado, que era o maior prêmio brasileiro da época, dado em São Paulo pela União Brasileira de Escritores. Depois disso o Capovilla (diretor de cinema Maurice Capovilla, Bebel Garota Propaganda, Profeta da Fome) já queria fazer pra cinema, eu cheguei a roteirizar uma vez, porque a história é muito cinematográfica. Depois disso se interessou também o Roberto Santos (O Grande Momento, A Hora e a Vez de Augusto Matraga, Vozes do Medo). E ele acabou sendo esquecido, ficou pra lá, mas por outro lado as antologias foram descobrindo Malagueta, os contos foram sendo traduzidos, independente da minha vontade. E depois disso escrevi Paulinho Perna-Torta, que foi quase que imediatamente traduzido na Tchecoslováquia, mas quando eu soube também já estava traduzido. Eu escrevi o Paulinho de encomenda, estávamos em cima de 64, com esse estado de espírito todo que já se conhece, e eu estava com uma revolta danada quando me encomendaram e escrevi Paulinho Perna Torta debaixo daquilo tudo, com uma raiva danada, talvez seja uma das boas coisas que fiz. Mas eu acredito que independentemente de TV ou cinema Malagueta viva, porque ele é flagrante muito usado de uma sociedade, ele é muito truculento, muito virulento...

Ex – O Leão de Chácara cumpriu mais ou menos o mesmo destino do Malagueta: ganhou um prêmio e agora, um ano e pouco depois, é que vai ser editado.

João – Aí abre-se a seguinte questão: até que ponto os prêmios literários no Brasil representam realmente o incentivo ao cultivo da literatura é a divulgação dos ganhadores: ou eles são apenas uma fórmula de marcar ponto junto ao MEC e aos INLs ou ao Governo Federal. Há concursos em São Paulo, Paraná, Goiás, Rio, Brasília, etc. Agora, quais são os autores premiados que vêm suas obras publicadas? Raros, raríssimos. Existe muito autor premiado aí que morre inédito, porque eles estão preocupados em se projetar no panorama federal, principalmente como conquistadores de grades prêmios em dinheiro, mas não providenciam a publicação e tampouco há condições para que o escritor continue escrevendo. Então é de se perguntar se não seria mais interessante fornecer uma bolsa ao escritor, mas não uma bolsa para ele passear na Índia, uma bolsa e obrigações, pra um “tudo bem, moço? O que é que o sr. produziu? O sr. tá vivendo às custas dessa bolsa, e cadê a sua produção?” Não é bolsa para o sujeito ir conhecer as neves do Kilimanjaro, é bolsa para continuar trabalhando, pra sempre ficar escrevendo coisas e não precisar se embrenhar noutras profissões.

Ex – De uns 5 anos pra cá, a literatura latino-americana explodiu na Europa e volta gloriosa ao Brasil. Mas a literatura brasileira mesmo, essa não explode...

João – Isso se explica naturalmente, porque nós sempre tivemos o nosso imenso provincianismo, uma forma muito subdesenvolvida de olhar essa coisa de cultura. Se olha cultura como um luxo, algo que pode ser consumido além do sabonete. Então nós temos muita necessidade de modelos estrangeiros, são os bacanudos e nós simples tupiniquins, a gente fica todo babaca lendo Julio Cortázar – Cortázar é bom, veja bem! – um Rulfo, um Vargas Llosa e tal, mas por quê? Nós ficamos em transe porque vieram

Literatura Latino-Americana

do exterior, mas saíram das costas da gente, nós estamos de costas para o Pacífico. No entanto eu digo uma coisa, há um autor chamado Roberto Arlt, argentino, autor de Os Sete Loucos, Aguas Fortes Portenhas, eu li isso em 1960, é um excelente autor, e no entanto não é balado aqui porque ainda não chegou às Europas. Quando chegar lá volta como um novo Cortázar, precursor de Cortázar. Aqui no Brasil todo mundo gosta de dizer que leu Kafka, mas não gosta de dizer que leu, sei lá, Monteiro Lobato. E feio dizer que leu Monteiro Lobato, é um problema de macaqueação, nós precisamos ler macaqueando.

Ex - Uma diferença que noto entre os escritores brasileiros e os outros, os tão badalados latino-americanos, que são muito bons, é que eles participam da realidade da vida continental e nacional. E eu não vejo escritor brasileiro participando da realidade e da vida nacional fora dos seus livros.

João - O primeiro grande traço é que ele foge da luta. E toda vez que é chamado a falar, continua fugindo da luta. Existe encontro de escritores em Brasília. o sujeito vai lá participar daquela verborragia toda, aqueles ismos todos que ninguém entende nada, e volta e não escreve nada sobre aquilo, ou faz apologia daquilo, como está acontecendo no Jornal do Brasil, de um lado o Vilaça fazendo a apologia do encontro e de outro o Drumond tacando o pau em cima, então quem é que tá certo, o Vilaça ou o Drumond? Evidente que é o Drumond, que nem foi lá. Eu só pergunto o seguinte: o Graciliano Ramos hoje taria quietinho? Não. Um Osvald de Andrade hoje estaria quietinho? Nunca. O Lima Barreto? Também não. O Euclides da Cunha estaria?

Ex - Voltando à Tv, há 15 anos você dizia que não era pra deixar a Tv cair na mão dos dinheiristas...

João - Há 15 anos, o seguinte: naquele tempo em que a redação era um lugar de calor humano e de trabalho, não o que é hoje uma redação tipo Jornal do Brasil, pasteurizada e burocratizada, no tempo em que o jornalista falava, discutia, brigava pelo que queria, eu vi um sujeito gritando lá dentro da Última Hora, em São Paulo, lá na avenida da Luz, que o papel dos escritores e intelectuais era tomar a televisão de assalto antes que caísse nas mãos dos dinheiristas. Ela caiu nas mãos dos dinheiristas, não foi tomada pelos escritores, poetas, artistas, etc. Acho que no momento era de se começar a pensar em tentar retomar essa televisão, porque ela é o maior meio de comunicação. O escritor, o artista tem que começar a chegar na televisão, tem que se achar um jeito...

Ex - Você não tem medo...

João - Não, não tenho medo de chegar a Tv. Pelo seguinte: quanto puder eu vou lutar para fazer a minha coisa bem feita, eu vou acompanhar, vou seguir. Eu não posso admitir aquilo que Jorge Amado fez, me desculpe, foi dizer "eu não entendo de novelas, novelas é com a televisão". Eu não entendo nem de eletricidade, quanto mais de Tv, mas eu vou acompanhar Malagueta, se achar que há uma distorção, uma transformação, eu faço na hora "não é nada disso, não". Há uma possibilidade de convívio entre a Tv e o escritor, desde que ele se dê ao respeito.

Ex - Parece que existe um problema só que é: escrever para Tv seria escrever pra classe média, produzir pra ela. Que é uma tendência geral, também fora da televisão, no Brasil.

João - Um dos homens que está menos preocupado em produzir coisas pra classe média, Plínio Marcos, que já foi chamado o melhor analfabeto desse país - nós podemos até discutir a validade estética das obras dele. Indiscutivelmente o Plínio é exemplo daquilo, daquela mesma identidade que existe entre o repórter e o outro comunicador, seja o escritor, o homem de teatro, etc. O Plínio no mínimo será o grande repórter dramático do lumpem, ele está dando um documento que pouca gente vai lá apanhar. Você pode gostar ou não de Navalha na Car-

ne, eu também acho que há defeitos, aquela declaração da prostituta por exemplo, talvez não fosse verossímil, tal, mas é um acorda, um chega pra lá, ele trouxe uma coisa nova, onde o teatro brasileiro nunca teve coragem de meter a mão. O Plínio está sendo o grande desbravador de caminhos pegando temas que nunca foram feridos, e depois dando uma dimensão do objetivo do teatro que pouca gente está enxergando, recusando a trabalhar para consumo da classe média. Ele tem um valor muito grande pela desmistificação do teatro como um luxo para a classe média.

Ex - Você era um homem de São Paulo, não era?

João - Eu era um homem incrivelmente de São Paulo e me transformei num homem incrivelmente do Rio. Vou tentar explicar por que. Eu tive uma fase muito apaixonada pelo Rio. Eu seria o homem indicado emotivamente, mas com fatos, para fazer uma história da decadência carioca, que para mim começa em 1965 com a queda do Tabuleiro da Baiana. Foi profundamente apaixonado pelo Rio, depois decepcionado, e hoje me considero uma das poucas pessoas que vêem o Rio com um pouquinho de realismo. Gostei muito do Rio e o povo carioca não é a imagem que se vê aí por fora. Em primeiro lugar é o povo que vive 75% no Rio esquecido que é a zona Norte, 25% vive na zona Sul em situação muito diferente da que diz que vive. No Rio você vê as coisas muito mais aparentemente, em São Paulo elas estão muito mais escondidas. Em São Paulo a favela fica na horizontal no Rio fica no morro, na vertical, então ela aparece, o Rio é uma cidade que se mostra mais. Talvez seja por isso que o paulista é meio dispersivo, a profissão é levada mais a sério, ele sente que não depende de ginga, nem de bossa, que é preciso trabalhar mais as coisas. O carioca confia mais no seu poder de improvisação, seu poder de ginga, de jeitinho. A verdade nunca é essa e a prova é o próprio resultado do seu trabalho. São Paulo já tomou a vanguarda em muitos setores, não só no jornalismo, há muito tempo. O Rio já era uma balela, antes mesmo de curtir a de capital cultural do Brasil, já era uma balela, agora então não engana mais ninguém, né? Nem o próprio carioca. O maior sinal dessa decadência está na queda do espírito de humor do carioca. Não se faz mais a piada do dia, não existe mais alegria na rua, é uma luta, uma violência, uma briga danada pela existência, viver é um negócio penoso, bravo, duro, não é brincadeira, já não se dá lugar pra senhora dentro de ônibus, não há mais lugar para pedestre nas ruas porque os carros já tomaram conta de tudo, um trânsito terrível, a cidade mais esburacada do país, o Rio vai perdendo seu verde, vai se poluindo, a baía da Guanabara é um lixo, é o lixo do mundo, porque o navio da Ásia vem aqui descarregar óleo, vem jogar detritos, eles vão transformar a baía da Guanabara numa lagoa.

Ex - Mas é engraçado, você tem fascínio por isso.

João - Por essa decadência eu tenho. Copacabana é escrota, embora eu goste de Copacabana. Embora seja um amor meio raivoso, eu tenho um fascínio por isso. Mas é um desafio muito grande, o Rio é como se fosse uma mulher muito bonita com quem você começou a viver e depois ela ficou feia. Mas você espera que ela renasça das cinzas, mas ela já enfeiou, já embuchou. Definição de Rio de Janeiro: uma cema que vi no carnaval uma vez, na Cinelândia, um sujeito com um penico na mão gritando o seguinte - "Rio de Janeiro, cidade que nos seduz, de dia falta água, de noite falta luz". Mas o carioca tem a grande capacidade de rir de si mesmo, é o deboço daquilo que é sacrosanto, bem comportado, é o desmascaramento dos falsos valores e esse negócio todo. São dados da ONU: cidades mais violentas do mundo em 73: em primeiro, Chicago; segundo lugar, Rio. Em 74, cidade mais violenta é o Rio, zona negra do crime, Esquadrão da Morte com fuzilamentos em massa. Agora incorporando o Estado do Rio, que é um miserê. Você chega em Nilópolis é Nordeste; inclusive com os migrantes nordestinos, com costumes nordestinos, estralados já. Então sai a Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, cantando "Brasil Ano 2000", e passa ridiculamente cantando pela

avenida, justificando o próprio carnaval e canta o samba em ritmo de baião. Esses canalhas puristas queriam o quê? Que cantasse em samba puro de Mangueira? Nilópolis é Nordeste, então sai Unidos de Nilópolis puxando em ritmo de baião, o que que eles queriam?

Ex - Indo por aí dá pra falar do filme Amuleto de Ogum de Nelson Pereira dos Santos.

João - O filme do Nelson me parece muito cinema e pouca vida. O senhor Jean Claude Bernardet, crítico de cinema, andadizendo por aí que é o filme do povo, sei lá... A visão do Jean Claude é uma visão muito por fora da realidade, é o seguinte: eu fui conferir o Amuleto de Ogum, comecei a gostar do filme, vi duas vezes aqui no Posto 6, em Copacabana. Então eu fui lá em Caxias, com o excelente repórter José Castelo Branco (desempregado, RJ), 2 domingos seguidos, pra ver feira, pra ver delegacia, e cheguei à conclusão que faltava, ao Amuleto de Ogum, Caxias! O miserê de Caxias, a falta d'água de Caxias, a falta de limpeza, de ordem, aquela feira de Caxias não é nada folclórica, é uma mistura de tudo, mas principalmente do canibalismo, da ignorância. O que falta ao Amuleto de Ogum é vida, é Caxias. E um excelente ensaio sobre umbanda, mas uma umbanda, me desculpe o Nelson, uma umbanda indiana, umbanda com cascadas maravilhosas, roupas branquíssimas, gente bonita. Você reparou que não existe um umbandista de Nelson Pereira dos Santos desdentado? No entanto o que mais eu vi lá em Caxias foi gente desdentada. E uma posição cinematográfica diante da vida?

Ex - Por que arte no Brasil está tão afastada da rua?

João - O nosso subdesenvolvimento nos leva a uma posição de aristocratas. O indivíduo que se sente escritor, se sente cineasta, se sente poeta, tem um primeira medida, uma medida assética, ele não vai mais botar a mão na merda brasileira porque, poxa, agora ele é um homem que lê livros estrangeiros e fica sabido, quiquiriqui, ele parece um quiquiriqui, todo embandeirado, dono da verdade, mas diz besteira toda hora, não anda mais de ônibus, porque é feio andar de ônibus. Ônibus fede e no Rio de Janeiro tem barata dentro do ônibus no verão que é uma coisa de louco.

Frequenta os bares da moda, os Lamas da Vida, os Degraus, essa coisara toda e quando ganha um pouco de dinheiro começa a ir ao Antonio's, fica aí fazendo essa via sacra de bares e lugares da moda e não vai ver o povo. Não vai andar de trem, não vai a Central do Brasil, não vai ao Mangue, não vai à zona, não vai a lugar nenhum, entende? Fica importante, se veste na moda, fala na moda ou vira um sujeito acadêmico falando em hipermodernismo e linguagem mágica e não-sei-o-que. Eu acho que está faltando um pouco mais de humildade, de curiosidade, no no comunicador brasileiro. Um pouquinho menos de andar de carro, andar mais de ônibus, parar na praça, ir na feira, entrar no supermercado, desmanchar a cultura ocidental, que geralmente não tem visao critica da realidade. A verdadeira cultura é ter uma visão crítica da realidade, um negócio bem chinês, tá entendendo? Quer dizer, conferir dados, entrar dentro do buraco do metrô. Ir ver um dia o plenário na Assembléia, ir lá passear, escutar a Hora do Brasil e ver também o programa do Chacrinha. E não se deixar levar por uma cultura livreira, é veritica-la, é mexer um pouco, é conhecer o seu prédio, a sua rua, e depois então ir fazer alguma coisa, porque se não, não dá certo.

Ex - O escritor brasileiro luta pela profissão?

João - O escritor brasileiro farisaicamente se faz de coitadinho. Ele não vai procurar um editor profissionalmente, não. Ele quer um apadrinhamento, ele quando chega não fala claro: "Olha, eu sei que você é o editor não quer dar uma olhada no meu livro?" Não, ele está pedindo um paternalismo, ele quer ficar amigo do editor, quer beber uísque na casa do editor. O escritor tem que olhar o editor como um profissional, como um

empresário que não vai apostar nele, mas na matéria-prima que ele sabe fazer.

A literatura tem autores esquecidos no passado, do presente, ela tem contistas que estão por aí, esquecidos. Quem conhece na literatura brasileira um contista como Wander Pirolli? O José Veiga só agora está começando a aparecer - mas estes autores estão muito tímidos. São bons caras, como gente, mas acho que deviam se enfiar mais nisso, brigar.

Ex - Será que a literatura vem com uma marca, os editores querendo um fim lucrativo...

João - O importante é abrir esse debate: por que o escritor não vive de literatura? Aí se chegaria ao problema dos editores, dos enlatados, dos best-sellers, que na maioria já chega aqui prontinho para ser consumido e toma conta do mercado, etc. etc. Se você for ver nas livrarias brasileiras hoje, vai notar um verdadeiro despejo, uma torrente de literatura não erótica, mas pornográfica. Você não encontra um livro sério, um livro decente na cara de uma livraria, na primeira prateleira exposta. E um negócio que o escritor brasileiro tem que ver, se comprometer, mas ele está com muito medo. Rigorosamente, o único escritor brasileiro que está tomando esta atitude é o Carlos Drummond de Andrade. Ele é o único cara que vai pro Jornal do Brasil e escreve o que ele escreve. Os escritores aceitam muito as regras da coisa, se calam muito.

Uma semana depois desta entrevista, Ex recebeu a seguinte carta do escritor João Antônio:

Copacabana, quatro de junho de 1975.
Adiado, de novo, o lançamento de uma 2ª edição de Malagueta, Perus e Bacanaço. Dizem que por mais uns 30-40 dias. Em nome do Instituto Nacional do Livro, em nome de Herberto Sales, em nome (as coisas decididas em meu nome, sem consulta prévia), em nome de Malagueta, de Deus e do capeta, da crise do papel, da crise da comercialização do livro, do caso tropical, do MEC, da televisão. Protelam-se, adiam-se, tenho um contrato de edição de setembro do ano passado. E adiam-me. Também a televisão me adia, sem consulta prévia. Ninguém me pergunta se concordo com a existência do INL, se eu concordo que um editor como Bloch Editores me roube um trecho como Afinação da Arte de Chutar Tampinhas, que os meus tradutores me usem sem pagar, exceção feita à Tchecoslováquia e à Alemanha Ocidental. Ninguém me pergunta. Mas que usam. Marcam datas como moleques marcam datas. Tenho 3 livros inéditos e quando serão editados? Editores são escorregadios como piranhas, farejam longe, vivem sempre concluídos. Ontem, os responsáveis paulistas pelo Círculo do Livro me diziam: "Olhe aí, no fim do ano nós vamos conversar para fazer o seu livro". Eu só não lhes disse que já ando saturado de prosas moles, de que me julgam palha e me atirem lanzejou-las.

Sou um homem organizado num país sem planificações, sem datas. As mancas dos outros ficam sem consequência, as minhas resultam em porradas. Deve ter sido muito difícil para homens como Graciliano ou Lima Barreto. Não se trata de que as coisas aqui comecem e acabem com muita velocidade. Trata-se sempre da remandiolada, do aproveitamento do caos, da desorganização que entristece, aborrece, irrita. Não era sem motivo que o velho Graça aceitava certas incumbências com um embrulho no estômago. A nossa tendência é para o jogo do bicho, para a vida expedienteira, de correias de última hora, de conchavos de 5 minutos, da falta de dados estatísticos e da falta de vergonha.

Quantas edições Malagueta, Perus e Bacanaço poderia ter tirado até hoje?

Quando peço pontualidade ao editor, me respondem que isto aqui não é a Inglaterra. Lá sempre se marca chá às 5 e se toma chá às 5 horas. A conversa é bem tropical, conforme se vê.

O País das Bruzundungas não muda um milímetro. Se Lima Barreto estivesse aqui e visse o país assim, concordava que ainda vivemos de expedientes. Enquanto isso, brigo para arrumar tempo para escrever. Brigo para arrumar editor e brigo comigo mesmo para continuar a escrever. Mas não é mesmo uma tarefa que arruine a saúde?

O avô de Graciliano Ramos só tinha razão. a) João Antônio.

CONHECE?

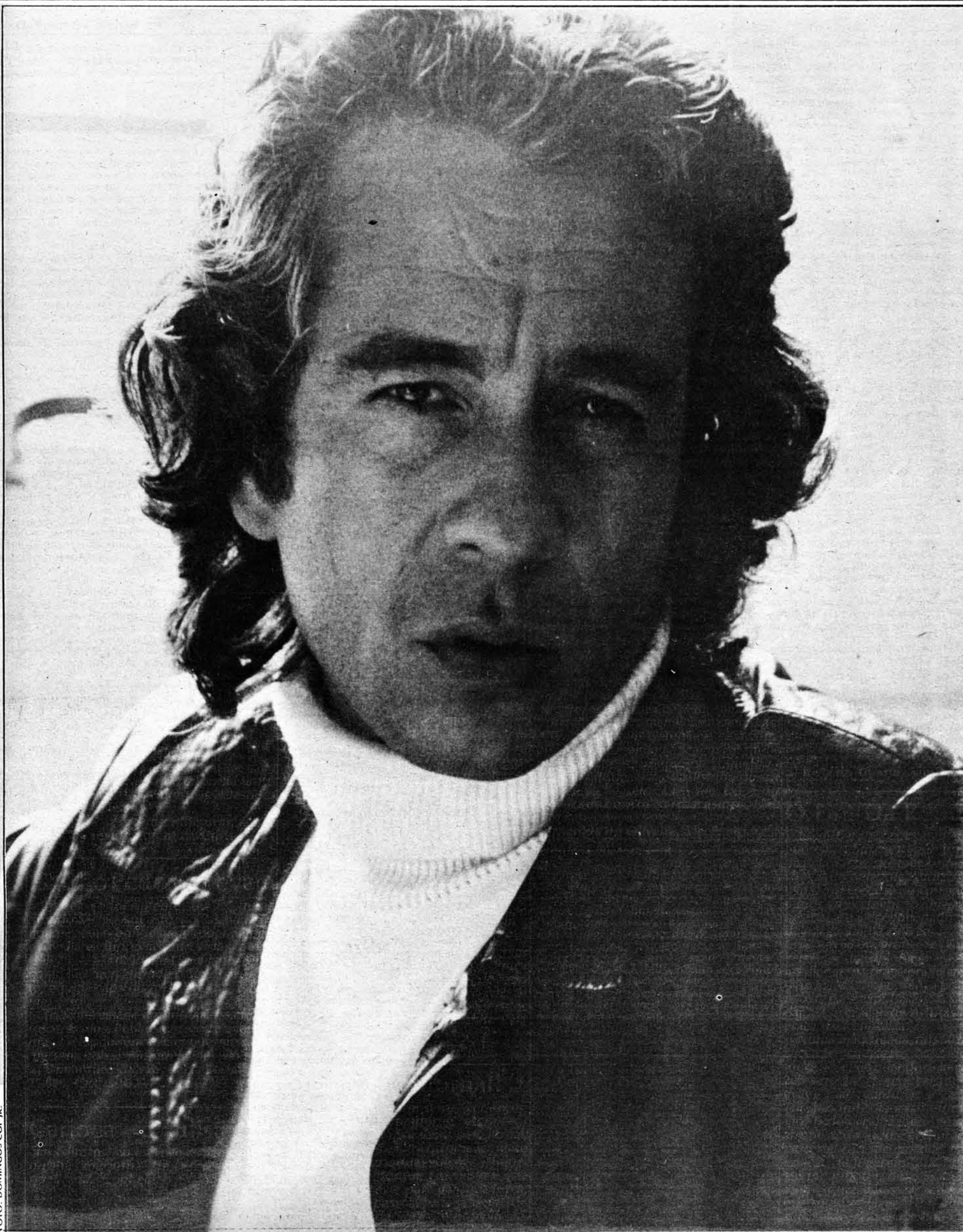


FOTO: DOMINGOS COP JR.

ERROU!

Por Mylton Severiano Da Silva

Bati no vitrô iluminado da cozinha e chamei, "Aninha". Ela respondeu "Oi quirido", da pia. Entramos, eu e o Palmério. Reconheci Geraldo Vandrê imediatamente (sabia que a Ana era amiga dele desde 68), menos cabelos brancos que pretos, capa de couro, o corpo de perfil diante do armário da cozinha mexendo em não sei o quê, disse "Oi tudo bem?", ele respondeu "Oi" virando a cabeça para nosso lado. Era um olhar duro mas receptivo. Beijamos nossa amiga e fomos avisando que só tínhamos vindo pegar uma revista argentina Crisis, onde saiu uma reportagem do ex-deputado Francisco Julião, aquele das "ligas camponesas" de 12 anos atrás numa reportagem do repórter latino-americano Francisco Julião reconstituindo vida e morte de Emiliano Zapata, através dos depoimentos de sobreviventes da revolução mexicana. Mas fomos ficando, logo já estávamos bebericando uma bagaceira com Vandrê. A presença dele é absorvente. Não me contive:

- Nós fazemos um jornal.
- Que jornal vocês fazem? - ele perguntou uns 5 minutos depois, no começo do papo, como por polidez.

Mostramos um Ex nº 11, flheou, gostou - parecia. "Geraldo, falei, você não quer dar uma entrevista pra nós pra este jornal aí?". Ele é que começou a entrevistar a gente, eu e o Palmério. Contamos de como não ganhamos dinheiro para editar nosso jornal "mensal", que em um ano e meio de existência ainda não chegou a nº 12, que a gente "se vira, trabalha por dinheiro em outros lugares", contamos que alguns de nós já passaram dias comendo sanduiche; em épocas de vacas mais magras, 1971, 1972, quando a gente fazia a revista Bondinho; conto que talvez apenas o Armindo, o rapaz que cuida da nossa administração, tem sobrevivido dos mínguos lucros do jornal. Mas que agora estamos "tentando ser também filhos do sistema nem que seja uma ovelha negra", digo eu. Ouviu todo esse papo, comentou que "qualquer possibilidade concreta de institucionalização deve ser, necessariamente, sistemática" e disse:

- E, vocês não tem condições de pagar o que eu valho:

Não me lembro se a frase exata que usou foi esta. Mas de qualquer maneira o que pretendo ter entendido na hora, era que ele daria entrevista, mas queria dinheiro. Ficamos loucos da vida com ele, cheguei a fazer uma comparação como "nem Marx, se fosse vivo, cobraria para dar uma entrevista", ao que ele perguntou: "Mas o que é que vende mais o seu jornal, Vandrê ou Marx?"

O violão dele estava encostado na parede. Violão Gianinni dos bons, uns 9 anos atrás comprei um parecido por 500 mil cruzeiros velhos, mas infelizmente logo depois meu irmão caçula quebrou-o na cabeça da mulher, que se vingou botando fogo no que sobrou. Pedi:

- Toca alguma coisa nova pra gente?
Como se diz, ele não se fez de rogado. O violão já vinha em suas mãos, sendo profissionalmente afinado. "Você canta?", perguntou o Palmério que até aí diz que não o tinha reconhecido. "Não, eu estudo matemática", ele respondeu com uma dose cavalares de cinismo e uma pitada de amor próprio ferido. Mas acontece que o Palmério tem 24 anos e, quando Vandrê saiu de circulação em dezembro de 1968, Palmério tinha 17 e vivia em Belém... com os discos de Vandrê pra cima e pra baixo, muito ligado em Rosa Flor, Pequeno Concerto que Virou Canção, coisas românticas, como Quem Quiser Encontrar o Amor - a primeira que gravou, em 1960, feita em parceria com Carlos Lira. Palmério mal se lembra hoje de Caminhando (ou Pra não Dizer que não Falei de Flores); até brinca, chamando de "Assim Caminha a Humanidade" a música que fez 20 mil pessoas vibrar no Maracanãzinho no III FIC, e que - dizia-se então - tinha irritado a "linha dura".

- Mataram o Vandrê, eu ouvia naqueles dias, assim que ele desapareceu da praça. Nada disso. A conselho de amigos (quem sabe de inimigos também), tirou o time, se

mandou; Pra não Dizer que não Falei de Flores era recolhida das lojas de discos no Rio, em Recife, mesmo sem ordens federais; a música que tinha perdido o primeiro lugar no FIC para Sabiá (de Chico e Jobim), "segundo as autoridades, traria uma mensagem de guerra revolucionária e psicológica altamente prejudicial ao regime vigente no país", conforme notícia publicada no O Estado de S. Paulo em outubro de 1969, anunciando finalmente um IPM contra o compositor. Mas 10 meses antes quando o Ato Institucional nº 5 saiu, em dezembro de 1968, Vandrê já devia estar no Chile, via Uruguai.

Sentado no sofá, terminou de afinar o violão e cantou um lamento, um "aboio" nordestino, em castelhano, numa entonação que ia de mi maior/lá menor para do-sétima, uma letra que falava repetidas vezes "caballero, caballero", não cantou mais que isso. Guardou o violão, "vocês sabem que caballero em castelhano serve pros dois sentidos: é cavaleiro e cavalheiro..."

la da sala pra cozinha, voltava, ia de novo, anunciou duas vezes que precisava sair, saiu às 11 da noite, voltou às 11 e 5 porque não passava nenhum táxi com esse frio da Vila Madalena. Insisti ainda umas duas vezes com a entrevista, negou sempre, parece ter dito algo como "Geraldo Vandrê não está à venda", mas repetidas vezes mostrava interesse em trabalhar com o Ex: queria ser o responsável pela distribuição do jornal nas bancas, provando para nós, de maneira obsessiva, quanto é importante controlar a circulação de qualquer coisa que a gente produza. Dias depois, folheando recortes no arquivo do O Estado de São Paulo, encontrei esta declaração dele, do dia 11 de outubro de 1966:

- Não tenho à minha disposição meios eficientes de divulgação, se tivesse já teria usado para **testar** minhas canções, e não para **impô-las** ao público. Sem esse teste, não tenho meios para conhecer minha situação dentro da moderna música popular brasileira.

Estávamos na época dos festivais, da chamada festiva, das passeatas estudantis "abaixo a ditadura". O primeiro LP de Vandrê tinha saído em 65, Hora de Lutar, com temas nordestinos, "redescobrimo Luiz Gonzaga" (ele foi o 1º a regravar Asa Branca), e irritando - segundo o crítico Maurício Kubrusly do Jornal da Tarde de São Paulo - "os que cultivavam os últimos e delicados requintes da bossa nova"; Hora de Lutar virava "disco de cabeceira" de Caetano, Gil, Torquato, ainda na Bahia.

- Já jantaram?
Ninguém tinha jantado. Eu tinha o quê no bolso? Uns 10 cruzeiros, ia comer em casa. Fui claro, "não temos dinheiro, Vandrê", ele disse "eu tenho", dando uma rápida olhada de lado pra gente. Por baixo do elegante capote de couro escuro, vestia camisa branca de gola rolê, as calças eram do tipo lee. Saímos. Palmério foi encontrar uma namorada, que acabou - ó, indelicadeza! - nomeando a palavra "censura". Ele teve uma reação de retraimento corporal, virando a cabeça de lado com um olhar de desagrado, murmurando algo como "a censura não existe", não pode nem ouvir falar coisas desse tipo: "sistema", "eles não deixam" (eles quem? - ele pergunta agressivamente); também pareceu tabu qualquer assunto de passado recente, "não sei trabalhar quando as pessoas ficam perguntando a todo instante se pode ou se não pode", mas contou entre amigos histórias da remota infância na Paraíba, a irmãzinha que ia chegar quando ele tinha 4 anos; ele de avental branco entrando no consultório do pai para vê-lo fazer uma amigdalectomia ou operação da garganta em 7 segundos, "eu entrava de avental e cronômetro na mão", que orgulho tem de pai e mãe! Vandrê é uma abreviatura de Vandre-gisilo, nome do pai; no mais não se pergunte nada, porque seus olhos verdes-cinza - "os olhos mais impressionantes que eu já vi", diz uma mulher que o amou - seus olhos ficam fuzilando e avisam que, se você insistir, você pode acabar levando uma porrada. Ou vai ser vítima de uma grande gozação, como quando ele estava na porta do teatro Maria Della Costa, na rua Paim, e os amigos o reco-

nheceram e o cercaram, e lá alguém declarou: "Fiquei sabendo que eles não deixam você cantar...", então Geraldo botou a mão espalmada logo acima dos olhos, na clássica posição de quem procura alguma coisa, e começou a dar largos passos no meio do povo ali presente, enquanto perguntava: "Onde estão eles? Onde estão?"

Acabamos jantando os dois, na pizzaria Paulino da rua João Ramalho, nas Perdizes. Pizza, vinho. Deixou num guardanapo de papel sobre a mesa esta fórmula que parece outra obsessão dele atualmente: Esquecimento está para Aprendizado, assim como Memória está para y.

- Eu quero saber o que significa este y - dizia.

- A Matemática!, ele tinha exclamado horas antes; um riso desafiante, ao concluir um raciocínio bem construído. Matematicamente, em sua fórmula, y pode significar *desaprendizado*.

No dia seguinte, o Hamilton chega pra mim e, "porra, baixinho, você está com a maior reportagem nas mãos! Você tem que chegar nele, dizer que topa pagar por uma entrevista - pago até do meu bolso! A gente dá um recibo, ele assina, e se a entrevista não for boa, a gente pode até publicar só o recibo"...

Chego à redação às 3 da tarde 2 dias depois do primeiro encontro, ele está lá. Tinha entregado ao Armindo, o nosso administrador e contador, um comunicado interno batido a máquina ali mesmo na redação:

"Administração. P.1 - Que medidas concretas podem ser tomadas e adotadas para que todas as considerações, em nível de administração, inda que não constituam decisões e encaminhamentos imediatos, sejam acumuladas e resguardadas, como RESULTADO, para utilização em tempo hábil, segundo as necessidades que se reconhecerem, pela direção, no curso do trabalho atual da empresa, tendo em vista perspectivas imediatas do mesmo trabalho?" Anotou embaixo, a mão: "Estabelecer prioridades de discussão".

Quando terminou de ler, Armindo gozou: - Ó! meu! eu já esqueci a primeira palavra da primeira frase!

O Armindo é um português louro tipo galego, pouco mais de 30 anos, olhos azuis claros, muito corado, que começou a trabalhar com a gente desde o Bondinho, 4 anos atrás. Já enfrentou todas as barras, sempre do nosso lado. O Armindo é um cara que aos 14 anos já trabalhava há tempos com um tio português dono de bar num bairro classe média de São Paulo, mas aí começou a achar que era muita exploração trabalhar quase de graça e passou a enrustir troco de fregueses, miudezas que no fim da semana garantiam a cerveja com os amigos, o bairinho. Pois um empregado do bar descobriu, dedou para o tio. O tio? levou o menino à polícia! O delegado, claro, mandou o português não encher o saco e se virar com o sobrinho. O Armindo foi pro mundo, trabalhou em escritórios, casou, juntou dinheiro, comprou uma casinha, virou um tipo muito brincalhão e tem, com certeza, pelo menos duas paixões hoje: o filho de 4 anos e jogar nas cavalas. Bem, ele me entregou o comunicado de Geraldo, eu li, entrei na sala seguinte. Armindo fica sempre na primeira das 3 "salas" de nossa redação, velha casa a Cr\$ 1.000,00 por mês de aluguel, mas sai por Cr\$ 400,00 porque sublocamos a garagem por Cr\$ 600,00 para um tapeceiro. É na última sala geralmente que a gente escreve e desenha o jornal, ao lado de mais uma saleta que antigamente foi a cozinha de alguma família italiana do bairro do Bexiga, uma saleta aladrilhada, com uma pia de cozinha junto a uma parede de azulejos brancos envelhecidos que confina com o banheiro onde raramente existe papel higiênico, mas onde estão amontoados cerca de 2 mil exemplares do Ex nº 7, o que evita maiores reclamações.

Vandrê estava na sala do meio. Cumprimente rápido e entrei no assunto: "Olha,

Geraldo, quero uma entrevista sua mesmo, nem que seja para pagar..."
- Não falei nada disso - ele contestou rapidamente.

Levantava-se da cadeira, vinha para o meu lado, "você tá maluco, Geraldo", eu falei rindo, e ele emendou com o seu riso desafiante "então chama um hospital psiquiátrico!", mas Vanira, paginadora do jornal, entrou nesse momento, e seu comportamento diante de uma mulher que ainda não conhece é de um "latin-lover", ou como disse alguém que o conheceu:

- Ele ganha uma mulher em 5 minutos.
Saiu dali a instantes sem dizer nada. Voltou em seguida, com 2 pacotes nas mãos, um de batatas, outro de arroz. Deu uma caixinha de uvas passas para a Vanira, colocou os 2 sacos de mantimentos sobre a mesa e retirou-se, com um aceno de mão a cada um. Sob os sacos de mantimentos, deixou uma folha de papel desenhada, figuras humanas. Uma delas tinha, em lugar de cabeça, um objeto em forma de trapézio, com um ponto de interrogação dentro. A figura do meio, um boneco com traços infantis, dizia: "Não se preocupem, são apenas 5 kg de FERRO no lugar do pensamento".

- Dá dó - comentou alguém na redação - não podemos fazer reportagem com um cara nessas condições.

E todos aí olhando o quilo de batatas, o quilo de arroz. Mas à noite, tivemos um acesso de sensatez e levamos o mantimento para a casa da Vanira, e comemos um risoto com batatas fritas.

Enquanto isso, Geraldo estava voltando para a casa de fundos em Vila Madalena, a casa de Aninha onde ele estava hospedado, num bairro de casas geralmente antigas e baratas (o aluguel desta casinha de 3 cômodos custa pouco mais de 600 cruzeiros, pouco mais de um salário-mínimo).

- Vocês conhecem o pessoal do Ex? - ele perguntou à Aninha e ao marido (os 2 são jornalistas e eu fui padrinho de casamento deles).

Claro, eles responderam. "Pois olha - disse Geraldo - eles são todos loucos! Trabalham e não ganham nada..."

E contou ao casal sobre os mantimentos que nos deixou de presente.

- Olha, estou muito satisfeito de estar aqui com vocês, mas já estou de saco cheio disso...

Dizia isso olhando em volta. A gente estava no quarto do Domingos, que mora com mais 4 ou 5 pessoas em Pinheiros, numa casa de 4 quartos e cozinha, todas racham o aluguel de 200 cruzeiros cada um, menos da metade de um salário-mínimo. Isso era domingo à noite, 4 dias depois que conheci Geraldo pessoalmente. Acontece que tínhamos ido eu e Domingos, à casa da Vila Madalena, e ao meio-dia lá estava ele sozinho na casa, o casal tinha saído, ele recostado no sofá assistindo à corrida em que o Emerson Fittipaldi com problemas mecânicos perdeu feio para o Niki Lauda.

O quarto do Domingos tem prateleiras de tábuas de caixote, livros e bugangas amontoados por todo lado, no meio disso uma velha máquina fotográfica de "enfeite", deve ter uns 40 anos de idade, um presente que dei ao Domingos - foi a minha primeira única máquina fotográfica, coisa de pai para filho quando fiz 10 anos, e que resolvi dar de presente ao Domingos porque gosto dele e porque ele é um puta fotógrafo.

Vandrê olhava em volta e pensava outras coisas.

ESPERE.

- Ninguém gosta de mais ou menos, nem de perdedor - mostrava-se a si mesmo, apontando sua elegância, casaco de couro, camisa branca de gola rolê por baixo, recostado no colchão do Domingos estendido no chão, mãos atrás da cabeça. Muita vontade de "representar o mito" outra vez; alguém tem ouvido alguma coisa de Geraldo Vandré nas rádios? Fica Mal com Deus, Disparada, Porta Estandarte...

... junho de 1966, ele escondido no restaurante Gigetto da badalação artística da época, recusa-se a atravessar a Rua Nestor Pestana, recusa-se a entrar no auditório da extinta TV Excelsior Canal 9 de São Paulo, onde um corpo de jurados vai anunciar dali a instantes a música vencedora do II Festival de Música Popular Brasileira. Quando anunciam o terceiro lugar, e a música não é a sua, ele finalmente sai correndo para a consagração, pois no mínimo sua música deve ser a segunda colocada. E entra no auditório quando a cantora Tuca, lembram-se da gordíssima Tuca?, já está cantando a música vencedora, Porta Estandarte, de Geraldo Vandré e Fernando Lona, "eu vou levando a minha vida enfim, cantando/ e canto sim"... choros e abraços no palco, 20 milhões de cruzeiros velhos em prêmios, enquanto a massa já divide a atenção com o noticiário extra da noite: a TV anuncia a queda do governador paulista Ademar de Barros. ("enfim, este Sr. é visto pelas costas", dirá o Jornal da Tarde no dia seguinte).

- ...e pouco depois ganha também o Festival da TV Record Canal 7, empatado em votos com a Banda de Chico Buarque, é Disparada, dele e de Theo de Barros, e a disputa entre Banda e Disparada era em 66 um fato político tão importante quanto a própria queda de Ademar; assim como foi importante o esperado pronunciamento político dos baianos, no mesmo festival: guitarras elétricas na MPB (Alegria, Alegria; e Domingão no Parque); e desse ano de 1966, o arquivo do Estado de São Paulo guarda 10 recortes sobre Geraldo Vandré, dezenas de fotos; o mito crescia, veio 68; mais 11 recortes no arquivo do "prestigioso matutino paulista", inclusive elogios do colunista "sério" Caldeira Filho, mas também duas crônicas raivosas de Nelson Rodrigues e um editorial do Jornal da Tarde, e já então o mito merecia as atenções mais carinhosas dos representantes do sistema, e o representante do mito tinha que abandonar o país...

Levantou-se, ficou de pé, diante de nós ali no quarto de Domingos, parecia um leão de 39 anos:

- Por que preferem Chico em vez de Caetano?

Deu uns passos, olhando de lado, o sorriso de desafio; "porque Chico tem olhos verdes", eu disse, ele estacou:

- Exato, mas os olhos verdes são valores das classes dominantes!

Tínhamos almoçado os 3 juntos; nesse domingo, num restaurante indicado por ele mesmo em Santo Amaro, perto do largo 13 de Maio, desses restaurantes que têm balcão e banquinhos, além das mesas junto às portas dos WC. Pagamos o táxi, quase 25 cruzeiros de Vila Madalena a Santo Amaro, uns 20 km do centro da cidade de São Paulo, e ele pagou a conta, 135 cruzeiros com gorjeta, a troca de 3 massas e um vinho português pedido por ele, Casal Miranda. Domingos tinha feito duas fotos dele; na terceira - quando a gente passeava pelas ruas de Santo Amaro - ele pediu delicadamente a Domingos, "olha, não fotografa a gente não, fotografa o que a gente for vendo, basta eu dar um toque, lhe mostro alguma coisa, você fotografa, até a gente criar uma linguagem comum..."

E já mostrava um tipo paulistano muito comum do outro lado da rua, um homem do terceiro mundo, um latino-americano quase miserável, um irmão da gente assim com

pouco mais de 1,50 m de altura, metido em "roupa de domingo", rapaz de seus 20 e quantos anos, meio cabeludo, andar de caipira que ao andar mantém os joelhos duros, as pernas duras e encurvadas ali no joelho, o corpo também rígido pra trás, um radinho de pilha na mão, jaqueta lee, calça cor de rosa de boca larguíssima embaixo, "espia ali o sapato dele", sapato de duas cores que lhe come pelo menos um quarto do salário, com um salto de 10 centímetros de altura, cara de camponês-operário-em-construção na maior megalópole da América Latina - que eles mesmos construíram.

Ficou muito, muito feliz quando Domingos lhe ofereceu a máquina para ele mesmo sair fotografando, e ele saiu, chamando a gente por uma esquina, gastou quase 2 filmes inteiros, com 36 possibilidades cada um. Fotografou a fila do cine Londres, muitos jovens e crianças de bairro, que esperavam ver uma comédia nacional com o comico de televisão Renato Aragão, na sessão das 6. Cineminha de 180 lugares apenas, Geraldo parecia amigo do dono (ou gerente), um simpático careca de mais de 50 anos, dentes saltados pra frente, óculos, baixo e magro, sempre sorridente e afável, que pedia "fotografa lá dentro agora, Geraldo", e que parecia estar vendo o Geraldo Vandré em carne e osso ali na sua frente tirando fotografias do seu cinema.

Numa pausa, Geraldo comprou um drops e rapidamente expôs o plano de fotografar as pessoas no sagão do cinema, depois fazer uma exposição das fotos ali mesmo, e cada um vê sua foto e compra. Quem sabe também outro tipo de negócio daria certo, uma agência de propaganda. Mas Geraldo Vandré não está à venda. Quem fez Geraldo Vandré foi ele, Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, esse paraibano que amanhece 1969 longe de sua platéia, de sua família, mau filho expulso de casa, mas seu quarto por aí era enfeitado com uma enorme bandeira verde amarela azul e branca brasileira, sempre na parede ao lado do violão de Geraldo Vandré, mas como terá sido triste e difícil continuar sendo Geraldo Vandré longe da platéia, aquele banzo; é quando você acha falta até do inimigo e lhe devota, à distância, um ódio nostálgico? Conta-se que ao fim dos quase 5 anos fora do Brasil, de volta ao Chile novamente após passar pela Europa, não estava mais em si. Gente que o viu lá e que também voltou, conta que soube de Geraldo internado em tratamento de calmantes para conseguir dormir, enquanto se desenvolviam gestões para que ele pudesse voltar, dizem uns que na França já o haviam procurado mas ele tinha recusado qualquer entendimento numa boa, com certo emissário extra-oficial; mas nesse 1973, além do banzo, havia um Chile convulsionado, onde começava a faltar comida, gasolina, onde havia toque de recolher e portanto hora marcada para dormir.

No Brasil, pai e mãe faziam contatos para se assegurarem de que o filho chegaria sem ser incomodado, como haviam chegado os baianos mais de um ano atrás, no começo de 1972. Estávamos em fins do governo Emilio Medici, a meningite em São Paulo com o inverno rigoroso matava recordes, embora nós jornalistas não pudessemos informar todo mundo com rigor, no Chile a convulsão de direita estava por menos de 2 meses, e antes que cortassem as mãos do cantor e compositor chileno Vitor Jara e o matassem, Vandré embarcou em Santiago do Chile rumo ao Rio de Janeiro, mas acabou desembarcando em Brasília mais de um mês depois num Electra de vôo doméstico, conforme provam os 2 recortes de jornais na pasta "Geraldo Vandré" que encontrei no arquivo do Estado de São Paulo:

VANDRE ESTA DE VOLTA - "O cantor e compositor Geraldo Vandré acaba de regressar ao Brasil e está hospedado na casa de um amigo, no Rio, depois de passar pelas autoridades policiais. Há quem afirme que ele foi visto desembarcando sábado no aeroporto do Galeão, o que desmente a informação de que só chegou na noite de terça-feira.

Vivendo no exterior desde dezembro de 1968, Vandré passou tempos na França, na Alemanha, na Itália, no Peru e no Chile, onde estava residindo..."

Esta notícia é de 19 de julho de 1973, um sábado. No recorte do arquivo esta anotada a mão: "Notícia censurada. Não foi publicada". A notícia seguinte esclarece melhor. Foi publicada um mês e três dias depois, tem data de 22 de agosto de 1973:

GERALDO VANDRE VOLTA AO BRASIL, CHEIO DE NOVAS IDEIAS E CANÇÕES (SEM POLITICA) - "A câmera para na escada de um Electra da Varig, e um rosto barbado, com expressão cansada, enche a tela. Um locutor anuncia:

- O cantor e compositor Geraldo Vandré acaba de voltar ao Brasil.

O compositor desce a escada e caminha, lentamente, pela pista do aeroporto de Brasília". (...)

E a notícia segue contando o que a Rede Globo tinha achado da volta de Vandré um mês e três dias depois dele ter chegado, num programa de tv para todo o país. O programa de tv irritou muita gente, e ainda outro dia o Domingos, que ficou amigo de Vandré, passeou com ele na cidade e acabaram entrando na boate conhecida como Igrejinha, a 50 metros de nossa redação, onde se encontravam João Bosco, Elis Regina, seu marido César Camargo Mariano e outros músicos, que depois das conversas de praxe foram se agrupando e combinando ir a algum outro lugar sem evidentemente convidar Geraldo. Segundo o Marcão, também o editor do Ex, um dos primeiros que o abraçaram e deram uma força, um ano e meio atrás foi Gilberto Gil.

Até agora, passados 2 anos, informa um amigo que ele fez apenas um programa de tv, dentro do show de Flávio Cavalcanti, pelo que teria recebido só 50% do preço ajustado de 25 mil cruzeiros, porque o programa não pôde ir ao ar; mas diz esse amigo que um apartamento seu foi vendido e que ele continua recebendo alguma coisa de direitos autorais. Além do que, segundo a mesma pessoa, seus primeiros discos continuam vendendo sempre (Hora de Lutar, 1965/66; Cinco Anos de Canção, 1966/67; e Canto Geral, 1967/68); o último, Das Terras de Benvirá, foi mal divulgado ao ser lançado em fins de 73; e uma faixa não-incluída no LP talvez fosse, segundo outros, a melhor coisa do disco, que se encontrava gravado desde novembro de 1970 (Paris). Em 1971, o fascículo nº 34 da coleção Música Popular Brasileira, da Editora Abril, saiu com Geraldo Vandré e, em vendagem, só perdeu para Roberto Carlos, da mesma coleção, embora tenha sido recolhido das bancas 10 dias depois de lançado.

O último que o viu, 3 dias atrás, foi o Domingos. Geraldo foi à casa de Domingos à noite, Domingos não estava, ele esperou uma hora, conversando com outras pessoas. Anda imaginando, em poesia, "uma gargalhada geral como pão de cada dia", ou como um riso de mulher, mas não sabe (na segunda vez em que o vi ele tinha dito: "sem mulher é mais difícil trabalhar, qualquer sentido que tenha a ação de trabalhar". Talvez esteja prestes a começar algum trabalho, pelo menos tem falado muito em trabalho. Dois anos atrás no programa da Rede Glorinha reconhecido que não seria fácil: "Eu desejo em primeiro lugar, integrar-me à nova realidade brasileira. E isso é um processo que demanda paciência, tranquilidade de

espírito que eu espero encontrar aqui, nessa nova realidade". E na nova realidade não cabe mais o Geraldo que nós conhecemos. Conversou e brincou com as pessoas na casa de Domingos, despediu-se na cozinha, seguiu pelo corredor que vai até a porta da frente e, de lá, voltou-se com gesto teatral para os de casa:

- Não se iludam, um dia eu voltarei.

PORTA-ESTANDARTE

Olha que a vida é tão linda/se perde em tristezas assim./Segue teu rancho cantando/essa tua esperança sem fim./Deixa que a tua certeza/se faça do povo a canção/pra que teu povo cantando/teu canto, ele não seja em vão./

Eu vou levando a minha vida enfim/cantando/e canto sim/e não cantava se não fosse assim/levando/pra quem me ouvir/certezas e esperanças pra trocar/por dores e tristezas que bem sei/um dia ainda vão findar/um dia que vem vindo/e que eu vivo pra cantar/na avenida girando/estandarte na mão/pra anunciar.../

Olha que vida/tão linda, tão linda,/-perdida, perdida/tão linda, perdida./

(Marcha-rancho, em parceria com Fernando Lona; vencedora do Festival de Música Popular realizado pela TV Excelsior em 1966.)



Martinelli, SP SOBRARAM OS RATOS

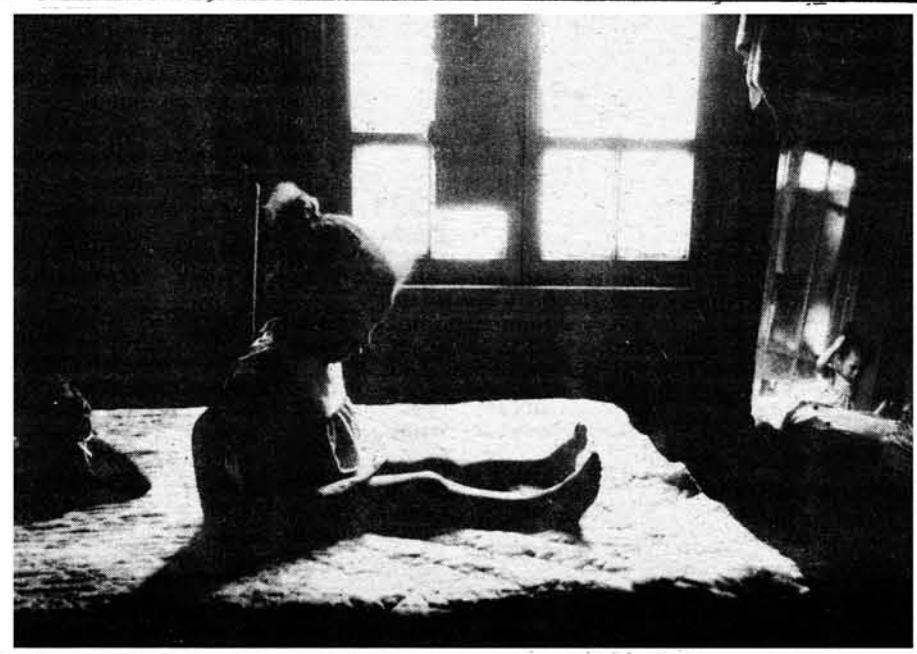
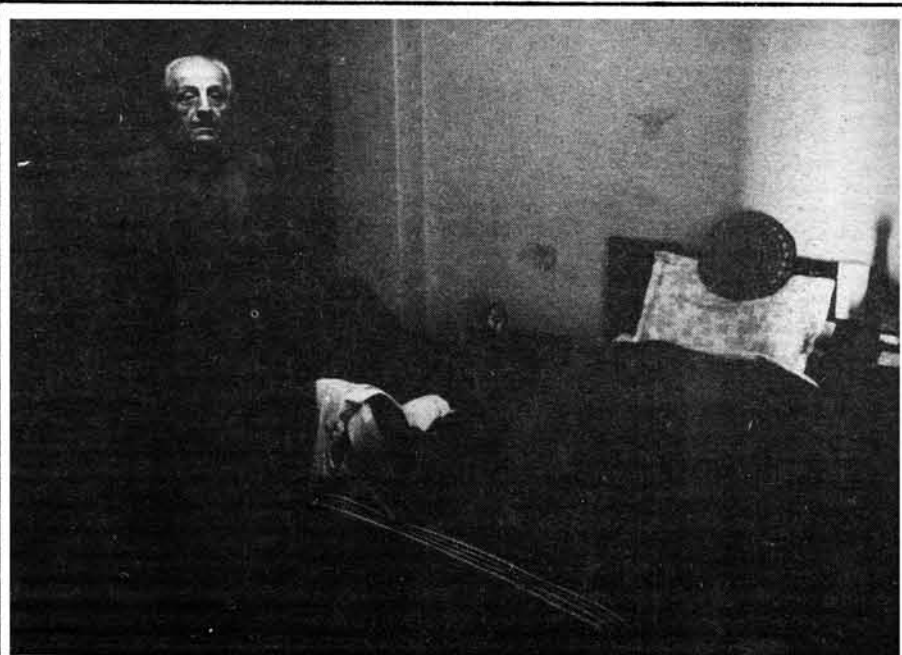
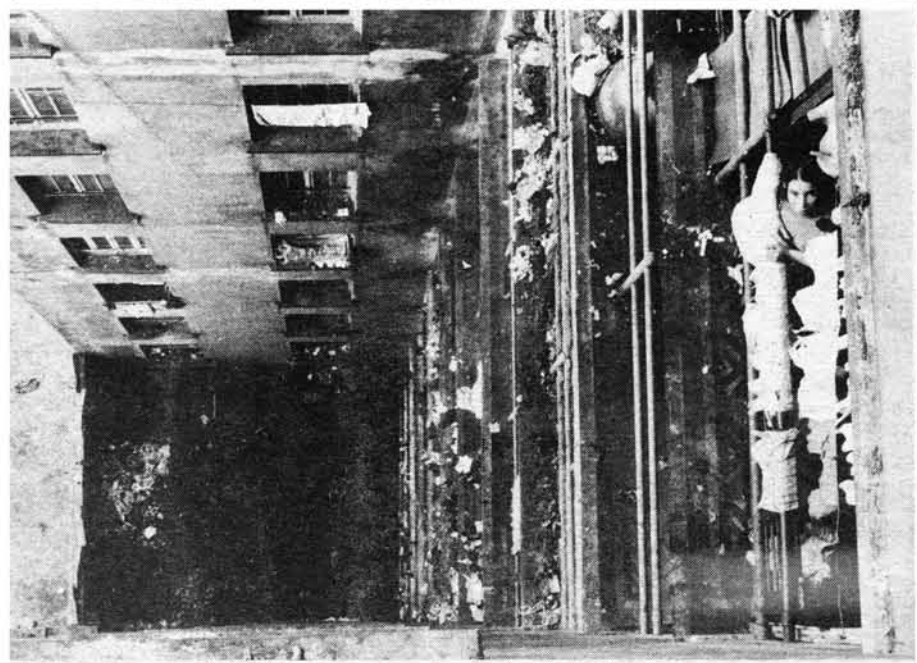
Há uns 2 meses, levantei e fui ler o jornal. A primeira notícia que vi era: o Martinelli pegou fogo, o primeiro arranha-céu de São Paulo, 40 anos de idade. Nem pensei direito, fui direto pralá. E gozado, transei o prédio como se fosse minha namorada. Era só chegar e, sabe, o coração batia forte. O último dia eu fui sempre adiando, não queria que chegasse nunca. Primeiro fui fazer o corpo, a roupa dele por fora. Os vizinhos me contaram coisas monstruosas, das prostitutas no

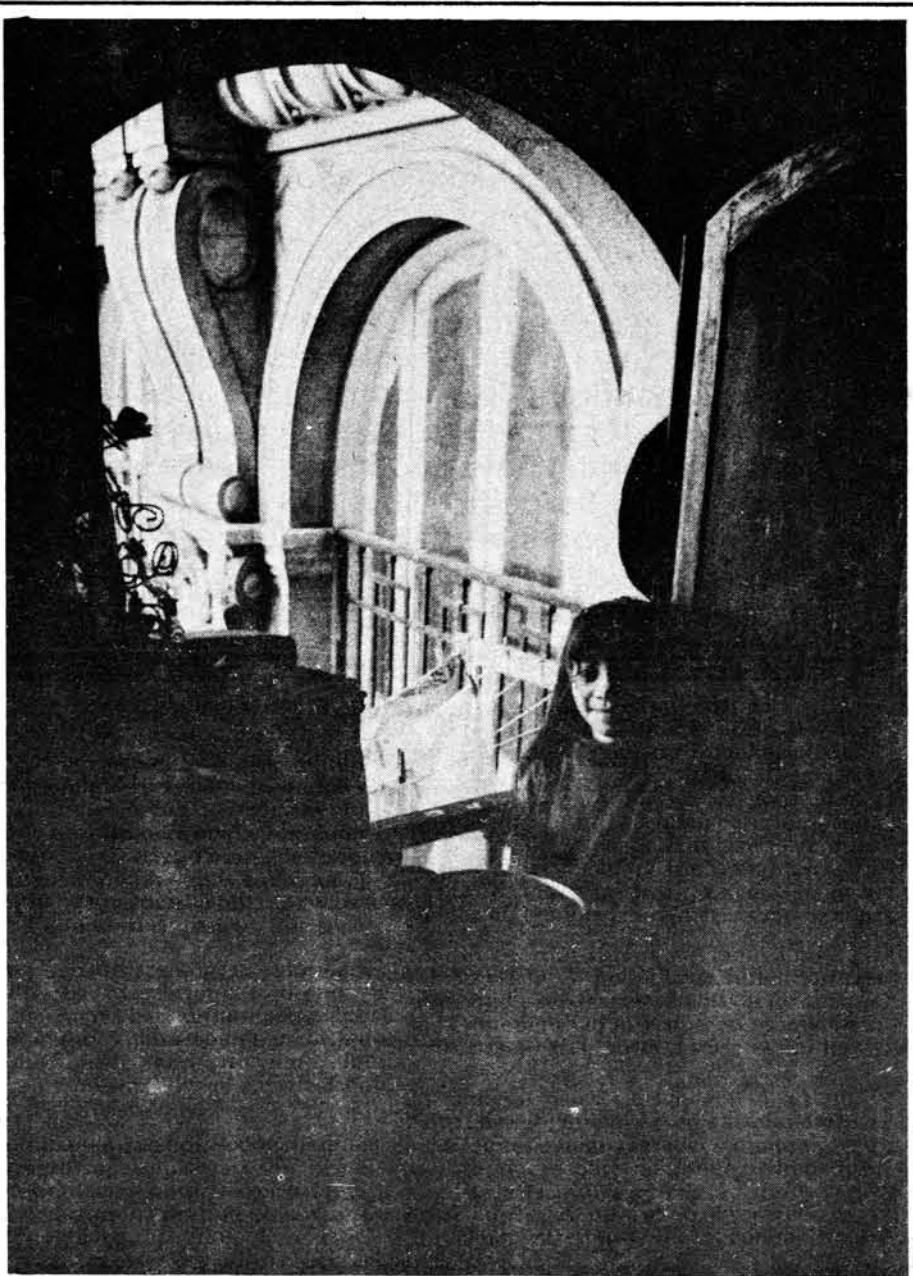
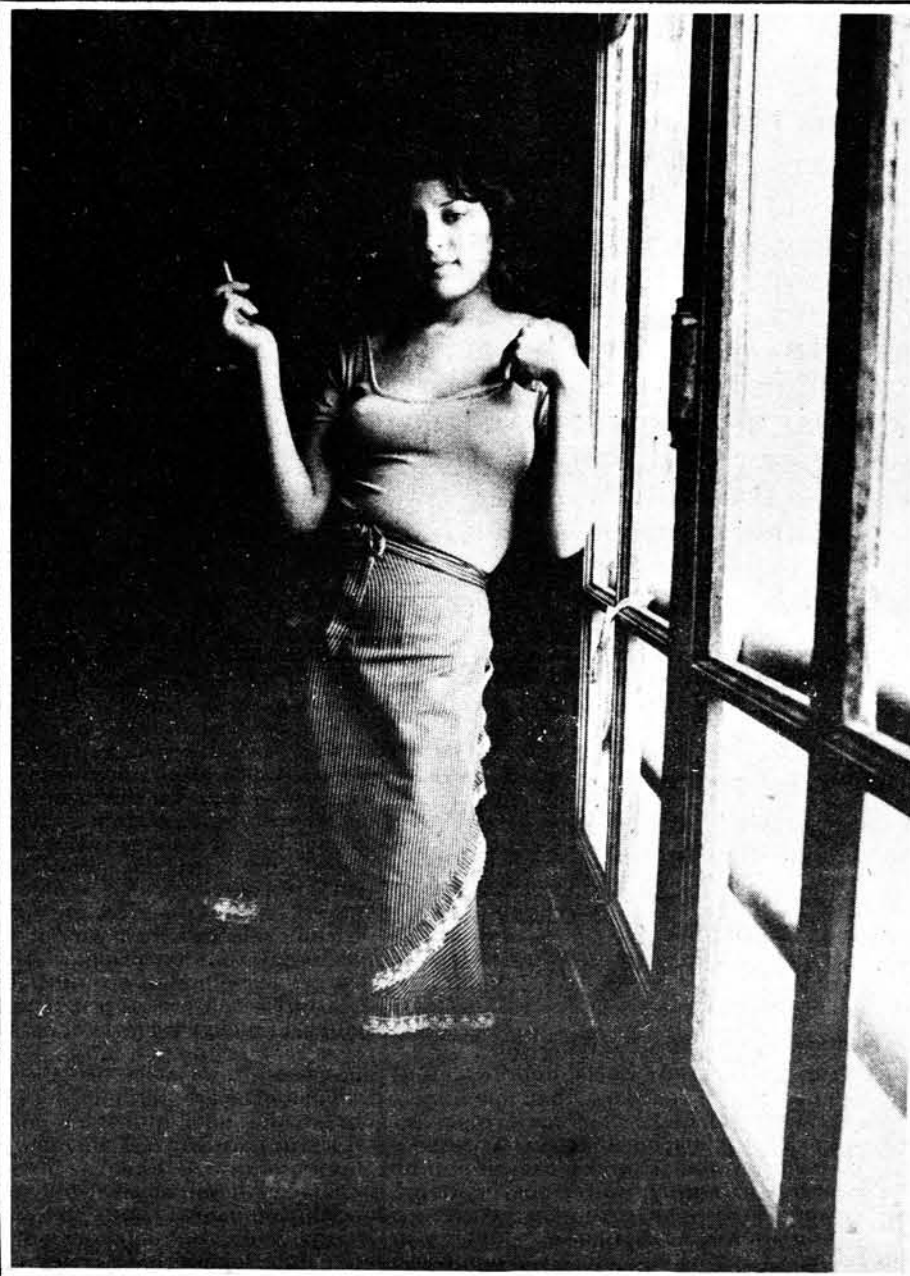
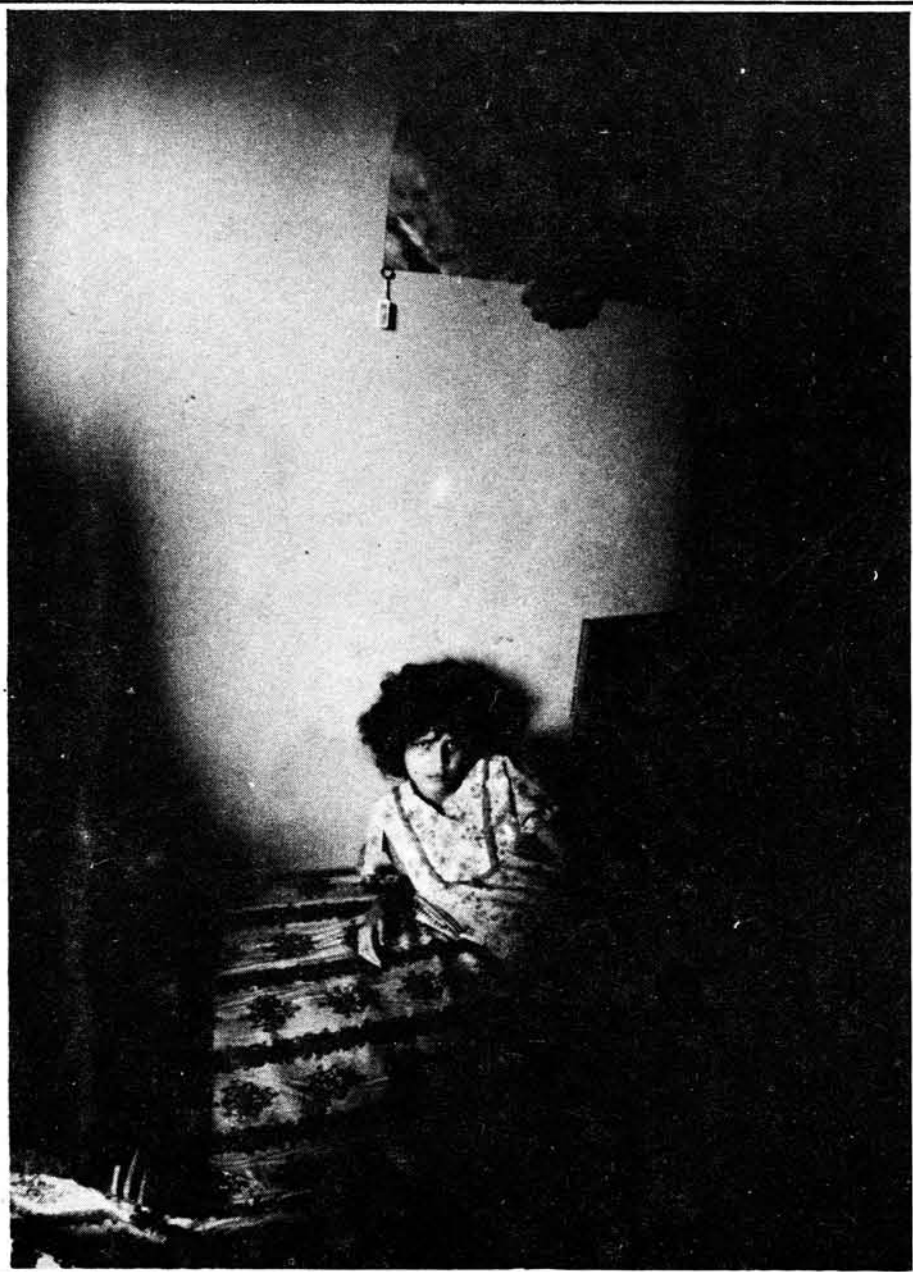
corredor, das bichas chamando, do cara na janela girando o revólver no dedo. Entrei lá morrendo de medo. Mas que nada, as pessoas são ótimas, me ajudaram e se ajudam muito. Falei com o Sargento, um morador que administra os 5 últimos andares e tem 11 filhos. As janelas do apartamento dele são vedadas com arame e tem milhões de passarinhos soltos lá dentro. A mulher dele é incrível. É uma santa. Sabe, tem gente que é capaz de pensar, de intelectualizar coisas ruins. Ela não, para ela não existe isso. O Edifício Martinelli é o Brasil. Tem classe alta, a mulher dona do bar, que tem geladeira na sala e tem o zelador. O zelador é um estrangeiro, que tem uma biblioteca de 10 mil livros. É a pessoa mais odiada do prédio. Lá dentro comentava-se muito que o prédio foi interditado só porque o prefeito era dono de 7 andares. Acontece que o Itaú comprou o Banco América,

que possuía 7 andares, e o prefeito é um dos donos do Itaú. Dizem também que foi gente de fora que pôs fogo de propósito, só para chamar a atenção. O prédio era uma grande família, todos se conheciam, se transavam. Tanto que o Bandeira, dono de um dos 3 bares de lá, conseguiu de um dia pro outro mil assinaturas pedindo a prorrogação do prazo de retirada dos moradores. Eles queriam, também, fazer uma passeata em frente à Prefeitura, mas o Deops não deixou. Cada foto é uma história, uma vida. Eu quero contar a da mulher que está na varanda cheia de lixo: ela e o marido tinham um terreno onde moravam no bairro de Guaianases. Um dia o marido morreu e um cara começou a querer tirar o terreno dela. Para se defender ela arrumou um advogado que tem escritório na rua Libero Badaró. Como era mais barato alugar um quarto no prédio do que pagar condução todos

os dias, ela foi morar lá com o filho. Só que ela não podia deixar nenhuma porta aberta, que entrava rato. Um dia o porco de criação foi comido por eles. Ela então armou uma ratoeira e matou 13 de uma vez. Seu apartamento não tem fogão, não tem geladeira, não tem nada. Só tinha um colchão, arrumado com o pessoal do prédio. A janela do banheiro dá pro depósito de lixo. No verão ela amassava cigarro no chão, porque era melhor cheirar cigarro do que lixo. No terraço dela caíam todas as cascas de banana, sacos de papel, tudo o que o prédio jogava pela janela. Um dia ela me contou que se deitou na cama pra não levantar mais, pra não viver. Ela não tinha mais por que viver. Todo mundo tinha sido despejado, o prédio foi interditado pra reformas.

TEXTO E FOTOS: CLAUDIO H. EDINGER





Ex Apresenta a

Opinião

De Raimundo Pereira

ex-12
34

Entrevista a **Hamilton Almeida Filho**

"Aquele rapaz que fazia o Opinião...como é o nome dele?" Raimundo Rodrigues Pereira, o Rai, pai de 4 meninas, todas de nomes bíblicos (Lia, Raquel, Ana e Ruth), todas japonesinhas, filhas de Sizue, a mulher do **Professor**. No Rio, um dos maiores editores brasileiros (Enio Silveira), há um mês, não conseguiu lembrar o nome dele para continuar seus comentários sobre o semanário Opinião, último feito desse jornalista de 8 anos de profissão. Ex-quintanista do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, o Ita de São José dos Campos, SP, onde queria se tornar engenheiro aeronáutico; ex-físico formado pela Universidade de São Paulo; ex-editor político da revista Veja; ex-editor da edição sobre a Amazônia da revista Realidade (Prêmio Esso Nacional de Jornalismo-1972); ex-editor e fundador do semanário Opinião, demitido pelo empresário Fernando Gasparian, dono do jornal, em fevereiro deste ano. Raimundo Pereira tem 34 anos, é filho de pequeno comerciante de Exu, terra de Corisco e Luís Gonzaga, pernambucano, criado em São Paulo com seus 4 irmãos. Torce pelo Palmeiras e gosta de peladas (se julga um excelente meia-armador), gosta de cervejas e comidas como feijoada, que reúne muita gente. É humorista nato (tem profunda admiração por Milton Fernandes, a quem considera um pensador), de fala fácil, cheia de gestos e expressões na sua cara nordestina. Em casa é alegre, chamado de **Loiro** pelos irmãos, de **Rai** pelas filhas. No Ita era considerado um **palhaço**, um aluno irrequeto, capaz de fazer jornal, montar peças de teatro, entrar em todas as gozações. Apelido lá: Danny Kay. Nas redações por onde passou é conhecido por sua obstinação pelo trabalho e pela falta

de sono. Descobriu uma teoria nos últimos anos: basta dormir de 10 minutos a uma hora, para se estar novo de novo, lápis na mão, trocando esta ou aquela palavra pela centésima vez, em busca da conotação certa, sem margem de erro. É um puritano: aos 14 anos, sem qualquer empurrão da família, entrou para a Assembléia de Deus - os mais radicais dos **bíblias**. Hoje se confessa materialista e anarquista, sempre voltado para o futuro: -"A barbárie é essa nuvem de poluição em cima de Santo André!" Ex-gravou essa entrevista com o Diretor Editorial do semanário Movimento, que será lançado nas bancas dia 7 de julho, com uma tiragem de 50 mil exemplares. Movimento é um jornal onde os donos são jornalistas e foi formado a partir de 40 profissionais que deixaram o semanário Opinião, solidários com seu editor demitido. Num folheto de 70 mil exemplares, para promoção, Movimento apresentou seu Conselho Editorial, cúpula da Editora Edição: Chico Buarque de Holanda, Orlando Vilas Boas, Aíenar Furtado, Audalio Dantas, Edgar da Mata Machado, Fernando Henrique Cardoso e Hermilo Borba Filho. E contou como apareceu em 80 dias o dinheiro para essa experiência do Movimento, que chama de autogestão: \$ 1 milhão de cruzeiros, dado por mais de 300 pessoas, entre as quais 100 jornalistas profissionais. Para maior desempenho na campanha de arrecadação financeira, Raimundo Pereira foi obrigado, pela equipe de Movimento, a tomar banho de loja: comprou sapatos, calça e paletó. Um paletó para o inverno paulista, xadrez, que Raimundo passou dias inteiros usando em entrevistas com financiadores, sem arrancar as etiquetas de fábrica, esquecidas nas mangas. Nós gostamos muito do Raimundo.



Rai - Tá cheio de gente cínica fazendo jornal: gente que não acredita em nada. Às vezes, pessoas trabalham 12 horas por dia, fazendo um jornal que ironiza o seu próprio trabalho. Uma forma de autodestruição. Mas, no caso das que trabalham realmente empenhadas, o sujeito começa a querer que aquilo ali represente as suas próprias idéias. E então é um movimento onde as pessoas que escrevem têm o direito a decidir sobre o destino do jornal. É tão velho quanto a história da imprensa brasileira.

- Neste folheto que lançamos, tentamos colocar uma coisa que é o essencial na nossa história. Primeiro: um jornal que não nasce assim como certos projetos de empresa, onde você chama uma série de criadores de jornal, e do nada você tira um jornal e que geralmente não singifica nada também. Esse jornal (Movimento), de fato, nasce dessa coisa de movimento, de jornalistas de opinião tentarem fazer um jornal onde eles possam defender a sua opinião. Quando se faz um jornal, não em termos exclusivamente comerciais, um jornal com algum propósito, a equipe a certa altura, como que assume a propriedade do jornal. O jornal começa a se identificar com as pessoas.

- A figura clássica do jornalista é aquela do sujeito que escrevia, rodava e saía à rua distribuindo. Esse é o jornalista. Só depois, com a transformação disso tudo em empresa, com a divisão do trabalho e a consequente alienação do sujeito que fazia o trabalho em si, é que surgiu esse absurdo: de um lado o dono do jornal, do outro as pessoas que escrevem, que colocam as idéias, que criam as coisas, surge a relação de propriedade. Uma relação em que o dono do jornal é também dono da capacidade de imobilizar as idéias das pessoas, para seus interesses. Claro que essa coisa não é assim absoluta: o dono precisa dar certa liberdade para o jornalista criar. E por isso, muitas vezes surge a impressão de equipe. Embora essa relação de propriedade, lá no fundo dos cartórios, nos documentos, pra polícia, no grosso, no lucro da coisa, tá perfeitamente clara. Tem um dono e ele tem a palavra final, né?

- Houve pessoas na redação do Opinião, que ficaram lá, e disseram assim: "Isso é um absurdo! Isso aqui é um jornal, onde vocês querem mandar! Quem manda é o dono!" Isso é evidente. É indiscutível, é inquestionável! Aliás até pra nós mesmos, até quase o fim da crise de Opinião, nós acreditávamos que o Le Monde é uma experiência e era uma exceção. Deu certo o Monde, não se sabe por que razão. E o Monde é um exemplo, ninguém tinha notícias de outro. Agora, depois que resolvemos fazer o mesmo, que começamos a pesquisar, fomos ver que só na Europa esse tipo de experiência é a tendência dominante. Você tem 40 redações com conselhos de redação. Quer dizer, você tem uma redação como o Der Spiegel (revista alemã, "O Espelho", os jornalistas vão ter 50% da propriedade da revista. Agora, no Opinião, como eu estava dizendo, uma vez chegou um companheiro de trabalho nosso e disse: "olha, isso é

absurdo". Mas, de fato, não é absurdo. Era difícil de ver porque as coisas naturais, aquilo que acontece na sua volta e parece natural, realmente só quando você assume uma postura crítica muito grande, você desconfia daquilo ali. O que parece natural é absurdo! O que eu estava querendo dizer é o seguinte: primeiro, é uma verdade evidente, embora à primeira vista tudo conspire pra transformar essa coisa que é cristalina, num absurdo. Absurdo é a pessoa não ser dona da opinião que tem.

Ex - Inclusive aí tem uma coisa: o que ficou marcante na história de todo esse grupo de jornalistas que está fazendo o Movimento é o episódio mais recente do Opinião. E as pessoas colocaram isso como coisa absurda: o jornal é de quem faz e tem o direito de se sentir dono?

Rai - Contrariando a chamada evidência gritante. De fato o Opinião foi assim durante todo esse tempo. Nesses 2 anos e meio o Opinião foi assim, e foi mais, ele foi tanto assim que ainda hoje ele é um pouco assim. Eu não acho que houve mudança, não mudou... Claro, está sendo feito por outra equipe, só isso bastaria para que começasse a haver mudanças. Mas era tão forte isso, que talvez seja uma coisa que permaneça no jornal durante muito tempo. Até é natural que acabe comandando todo o processo, porque as pessoas queriam negar uma coisa que era evidente. Nós simplesmente funcionamos assim. O Fernando (Fernando Gasparian, o empresário que entrou com o dinheiro para fazer Opinião) tem uma idéia chega, propõe, se forma um consenso ou não. Se não se formar um consenso não é idéia. Nossa opinião é nossa opinião. Eu não discuto, e ele concordou com isso. O jornal estava sendo feito assim, E um fato real, concreto.

Ex - Mas eu gostaria que você retornasse à explicação de como amadurece a crise...

Rai - Eu acredito que... Quando a imprensa (para facilitar vamos chamar de grande imprensa), aceita a censura do regime, a censura sob todas as suas formas, e perdeu o atrativo pra todo o mundo. Porque enquanto a chamada grande imprensa era coisa que nos mobilizava, porque tinha possibilidades - não tinha censura, o regime era mais ou menos liberal - então teve experiências muito ricas, em São Paulo especialmente: Realidade, Jornal da Tarde, Veja, tudo saindo com equipes mobilizadas pelo entusiasmo. Aquilo ali era realmente fantástico. Havia um campo pra trabalhar, havia liberdade de movimento ali dentro daquelas redações. Eu acho que o processo da revista Realidade é o momento crítico. Pra mim, ele marca a inflexão, numa curva, como a subida de uma montanha: chegou no topo e aí você vê aquela estrada. Hoje é uma descida, você não está vendo aonde ela vai parar. Você pode analisar a coisa nas minúcias, como brigas, problemas de comportamento de um ou de outro da equipe da Realidade, a forma de se relacionar com o Roberto Civita (diretor da revista), as características do Paulo Patarra (então redator-chefe), o problema dos repórteres, o problema do estrelismo de uma equipe de grandes repórteres. Mas nada disso é

tão importante quanto o quadro geral. O problema é o que estava por fora: começava no Brasil o processo de asfixia da imprensa, um processo que já se delineava desde que o movimento militar começou a transformar o país. A pressão que passou a se exercer cada vez mais visível sobre a imprensa. Então você imagina uma revista que deu como capa o Luiz Carlos Prestes, Fidel Castro, Che Guevara, a mulher brasileira, a juventude brasileira, Jânio Quadros, Adhemar de Barros, o presidente da UNE... Quer dizer, o caminho de Realidade entrava em colisão com as intenções do regime. As pessoas que estavam dentro podem não ter percebido, mas isso era fundamental. A certa altura pressionou-se aquela equipe, que fazia uma revista que realmente foi um sucesso estrondoso e que, em termos de jornalismo, foi uma renovação. Aquilo ali estava fadado a ser asfixiado, porque o jornalismo sozinho não faz coisa nenhuma e não havia forças sociais se mobilizando contra essa ameaça. A empresa tirou aquela equipe, cedendo às pressões, porque a empresa não estava contra a situação. E a equipe começou a procurar outro caminho, porque você quer escolher a forma como vai lutar. Então você diz: se eu tiver fazendo o meu jornal, defendendo as minhas idéias mesmo, eu escolho como vou lutar contra isso que tá vindo aí. E a empresa vai lutar da forma dela. As empresas lutaram, em esmagadora maioria, da seguinte forma: aderindo. Essa imprensa se vendeu no sentido mais simples da palavra, não no sentido do suborno. O Samuel Wainer vendeu a Última Hora pressionado. Você vê: o movimento de censura à imprensa começa a se esboçar em 64, ele vai indo, e o apogeu é no governo Médici. Mas quando vem esse processo, os jornais começam a perder todo o atrativo, iniciam então o processo de ceder até na liberdade interna. Existe um movimento de acomodação. De novo a revista Realidade é o exemplo: ela saiu de uma tendência de ascensão e desembolsou no fim dessa ladeira. Hoje, Realidade é um modelo feito assim, de caso pensado, pra ser igual a Seleções do Reader's Digest. E o pastiche de uma obra já falecida. Então, nesse momento, os jornalistas começam a escolher caminhos próprios, não há atrativo nenhum em outro lugar, então vamos começar a tentar fazer algumas coisas. A equipe de Realidade saiu para fundar a Arte & Comunicação (O Bondinho). Gozado que nessa época até mesmo a imprensa clandestina dá um salto qualitativo. No Opinião eu costumava receber toda essa imprensa. Eu recebia lá, endereçada para o jornal, pra mim, todos esses tipos de jornais (clandestinos) que começaram a se tornar não-opinativos, a se tornar noticiosos, porque a grande imprensa estava deixando de noticiar, se acovardando. E a esmagadora maioria dos jornais não são censurados.

- Então, o campo para as iniciativas de outro tipo se tornou enorme. Qualquer grupo de 10 a 20 pessoas, que quisesse se organizar, podia fazer uma publicação clandestina de boa qualidade, porque realmente as empresas tinham perdido a capa

cidade de mobilizar esse pessoal. Ai você vê: dentro das redações, substituí-se aquele clima de entusiasmo, aquele clima de vibração, por ceticismo. O jornalista de querer ver o furo, de querer a grande reportagem, é substituído pelas pessoas de "bom gosto".

- Em termos bem gerais isso fica na origem do nosso projeto. Quer dizer, você não consegue entender sem entender o quadro político e cultural do país em que se está vivendo. Você vê o meu caso: em 68, quando comecei a fazer alguns trabalhos para a Realidade, eu fiz aquela matéria sobre prostituição. Era para mim uma coisa realmente fascinante, e eu não era uma pessoa despolitizada. Em 68 eu já tinha sido desligado de escola, tinha sido diretor de teatro na escola, diretor do jornal na escola, tinha sido preso. Quer dizer, eu tinha uma participação política no Instituto Tecnológico da Aeronáutica. Eu era uma pessoa mais difícil de ser enganada, mas estava realmente seduzido pelo projeto de Realidade, pra mim um sonho. E olhava para aqueles repórteres que faziam matérias fantásticas.

- Fiz 2 textos nessa época, um sobre prostituição e outro sobre inventores e tinha levado os 2, ao mesmo tempo, para o Miltoninho (Mylton Severiano, editor de texto hoje no Ex) ler. E ele leu primeiro o dos inventores - na parte da manhã - e me disse que estava uma bosta. Eu fiquei arrasado. A minha grande ambição de ser repórter da revista o cara aplastou, e não era uma coisa que eu tivesse feito assim às pressas, eu tinha pensado em vender meu peixe para aquele pessoal. E no fim da tarde, quando ele leu a parte da prostituição, e disse que estava ótima, etc., e tal, eu fiquei num estado de euforia extrema. Realmente eu estava nas brechas do Olimpo. E nesse período, eu imagino que a sedução que a imprensa despertava no pessoal era desse tipo.

- Quando eu vi a minha Realidade transformada num pastiche do Reader's Digest, me deu vontade de escrever uma história. Porque é realmente uma história exemplar. Você analisar a história do jornalismo brasileiro, contar a história de Realidade é fazer uma radiografia do que aconteceu de modo geral. Até 67 você tinha o empresário conservador e oportunista que fazia publicações de esquerda, aparentemente de esquerda. Aqui em São Paulo eu participei de jornais em que o empresário chamava uma equipe para fazer um jornal com características de uma publicação de esquerda. E de repente a gente começa a descer a ladeira. No caso desse empresário conservador e oportunista, ele entregou a direção desse jornal (Folha da Tarde) - que ele tinha chamado uma equipe de esquerda para fazer - ao pessoal ligado aos órgãos de repressão. E tem Veja. A gente está falando hoje, 7 anos depois, é mais ou menos fácil. Mas na época você é um pedacinho de uma coisa muito grande, você não vê nem onde começa, nem onde termina, você tá perdido naquilo tudo, como os próprios empresários: na Editora Abril você tinha a gestação de Veja para ser uma coisa monumental. O A1-5 surpreende a revista quase



antes de chegar as máquinas, porque Veja saiu em setembro e o AI-5 vem em dezembro (68). Todo aquele processo de perda de substância de Veja, a revista caía sistematicamente, vai cortando a equipe durante 5 ou 6 expurgos sucessivos, por problemas econômicos. Talvez fosse diferente se a realidade brasileira fosse outra, se tivesse clima para uma revista tipo Veja. A essência dela deve ser a política nacional. Mas não! O encanto todo já estava terminado.

Ex - Se situe mais ou menos na época, Raimundo...

Rai - Quando eu saí da escola, estava me formando em engenharia aeronáutica em São José dos Campos, estava no 5º ano, não tinha coragem pra largar, e aí uma vez que me jogaram fora, eu aproveitei. Não fui expulso, foi o seguinte: me tiraram para fora e não me deixaram voltar. Parece até que é brincadeira, mas não é não. Eu fui preso, depois houve um inquérito, eu fui investigado mas não fui indiciado no processo. Então eu era inocente, mas então eles fizeram um decreto impedindo a minha entrada no Instituto. Não é que tivesse sido expulso, eu não podia entrar. E estava fora. Se eu não pudesse entrar, mas estivesse dentro eu não saía. Então eu aproveitei os cursos que fiz e me formei em Física na Universidade de São Paulo. Um dia estava dando aula para um amigo e ele disse que tinha uma vaga na revista Médico Moderno. O Italo, que era o redator-chefe, me disse assim: "Mas você tem que saber escrever a máquina". Eu disse: "Nunca vi, nunca bati, sempre manuscreevi meus escritos todos". Mas aí ele disse: "Você vai ter que aprender, vai ter que fazer um teste, tem muita gente"... Aí eu levei a máquina dele pra casa e peguei aquele a,s,d,f,g, o Manual da Boa Datilógrafa. Fui da sexta até segunda. Cheguei até a ficar com os dedos machucados: eu enfiava o dedo no buraco, porque quando você não tem prática, você enfia o dedo no buraco. Na hora do teste, na hora que os outros paravam, para não ficar evidente que o meu ritmo era diferente dos outros, eu parava também e simulava... Mas, com a boa vontade do Italo eu fui aproveitado.

- Depois disso eu tive uma passagem assim meio fantástica. Cheguei a ser secretário do jornal O Dia, mas não era grande vantagem. Numa certa época, eu era e alguns repórteres de polícia, mas que, por serem escrivões do Dops, ou do próprio Deic, mandavam as matérias de lá mesmo e não apareciam na redação. Depois disso fui pra Editora Abril, trabalhei em outra revista técnica (Máquinas e Metais).

Ex E você ali, com aquela auréola de engenheiro, o cara que entende mesmo das coisas que jornalista não entende...

Rai A bem da verdade seja dito que, embora com 5º ano de engenharia e aeronáutica, eu realmente não sei explicar por que avião voa! Então, quando eu trabalhava nas revistas técnicas, o Paulo Patarra viu uma matéria que eu tinha feito num jornalzinho da USP sobre vestibulares. O Patarra viu, achou muito bom e me chamou pra fazer pra Realidade. E daí fui fazer aquelas

duas: dos inventores, que teve destino inglório nas mãos do Miltainho. Ele ainda teve a crueldade de dizer: "Puxa, é pena, você é tão amigo da gente..." E sério! Verdade isso! E era uma matéria interessante. Eu fui até Bauru, eu vi um inventor, um cara que estava fazendo um moinho de vento no meio de uma fazenda. O cara montou a máquina, fiquei o dia inteiro vendo. Depois jorrou água! Não era cascata não! Jorrou água, um sucesso! Foi um invento sensacional! Mas o Miltainho não gostou da matéria...

- Bom, eu estava nas Técnicas, e colaborando com realidade. Um dia ia saindo da redação, encontrei o Renato Pompeu (editor assistente de Veja), que era meu amigo: "Pô, Renato, você por aqui?". Ele disse: "Estou na Veja, você já ouviu falar? Ganhasse dinheiro de maneira horrorosa." Eu disse: "Arranja uma brecha por lá, uma boca, estamos aí." E ele: "Eu ganho 2.800 cruzeiros." Eu disse "Puxa vida, é demais, me arruma metade disso que eu vou." Eles agenciaram uma entrevista minha com o Mino Carta (diretor da redação) e eu fui lá vender o peixe. Eu tinha certa habilidade de escrever bilhetes, você sabe que em algumas redações o cara que escreve bem bilhetes tem sucesso garantido. Eu fazia algumas ironias, etc. e tal. Na redação de Veja, naquele período, era um sucesso fantástico! Lia-se os bilhetes e dizia-se: "Esse cara é um grande jornalista". E aí entrei para ser editor de ciências da revista. Foi gozado. Acabei fazendo sucesso com os bilhetes até a véspera de escrever a primeira matéria, mas já contratado, felizmente. Era um negócio sobre reator nuclear, lá em Belo Horizonte. Aí o Ulysses (outro editor assistente, atualmente diretor de redação de Realidade), pegou a matéria e disse: "Que decepção! Parece um editorial da UNE. Eu vou levar para o Mino, você vai ter que enfrentar." Aí levou e foi aquela tragédia. Mas na Veja, naquela época, pra mim estava tudo certo. Fiquei fazendo Ciências até a crise do Costa e Silva. Como a revista estava sem a editoria de política constante, na crise da morte do Costa e Silva se mobilizou uma equipe, encarregada da cobertura, e fiquei como chefe da equipe. Com isso apareceu uma editora política em Veja. Foi mais ou menos dessa equipe que surgiu o pessoal que iria dar continuidade ao esforço de se formar uma empresa de jornalistas, de se fazer o jornalismo que já tinha começado em Realidade.

Ex - Uma das coisas mais marcantes é a capa de tortura, que Veja chegou a publicar mais tarde.

Rai - Hélio Fernandes tinha feito algumas denúncias na Tribuna da Imprensa, de alguns casos de tortura de presos políticos. Fiz em Veja a primeira nota. As notas do Hélio Fernandes, mais a nossa causaram repercussão nos jornais e aí eu encomendei uma pesquisa sobre a situação no Brasil. Eu tinha sido preso em 64 e tinha sido de certa forma maltratado. Quer dizer, vexames. Claro, a polícia fazia para humilhar. Em termos bem crus, acho que a gente pode dizer que, numa boa partida de futebol, você toma muito mais porrada do que

eu tomei no Dops de São Paulo. Então eu não acreditava nesse negócio de tortura. A história que vem da prisão é geralmente fantástica. O único relato que sai é o do preso, não tem testemunha, não tem nada. No Brasil não tem nenhum caso desses que você possa comprovar completamente, mesmo os mais evidentes. Então mandei fazer um apanhado nacional. Aí o resultado foi estardalhaço. Eu não imaginava uma pessoa que tinha vivido esses problemas... Depois eu denunciei isso em inquérito feito na época que o presidente Geisel foi ao Nordeste. O marechal Paulino de Rezende, o encarregado geral dos inquéritos sobre tortura no Brasil, mandou vir gente para São Paulo e eu fiz um depoimento.

Ex - Como jornalista?

Rai - Não, não! Fiz depoimento como preso. Denunciei esses maltratos. Mas o resultado foi assustador, e aí nós publicamos uma matéria com base em informações colhidas junto a assessoria do Presidente, que o presidente ia apurar essas coisas, que o presidente não admitia. Então a revista fez uma coisa muito sensacionalista: "O Presidente não admite tortura", uma capa assim. E aconteceu uma coisa gozada! Veja naquele tempo ainda era uma revista combativa, estava vendendo perto de 50 mil exemplares. Aí, na segunda-feira, o Buzaid (ministro da Justiça do Governo Médici) leu, chegou no aeroporto, no Rio, e os jornalistas foram perguntar ao Buzaid. Ele disse: "Não apuraremos, puniremos". Então os jornais abriram, passaram 3 dias dando torturas. E nós dissemos: agora vamos pegar aqueles relatos, vamos aprofundar, e aí fizemos a capa de tortura, que narrava as histórias de um preso que tinha sido morto e de um estudante de medicina, o Chael, também morto. Naquela semana, por coincidência era o enterro dele em SP. A violência contra o Thomas Koch, era outra matéria. A violência contra um dentista que não tinha nada a ver com a história, e que apavorado fugiu de São Paulo para o Paraná, e estava alucinado, por um negócio absurdo, ele não tinha participação em coisa alguma, e foi envolvido dentro de um processo e tortura e tal. Então, era ainda bem no começo do governo Médici, a revista saiu. Por isso eu falo, juntando com o que tinha dito no começo: a liberdade de imprensa é uma coisa importante, é uma necessidade muito grande da população. E o processo de censura tem que ter uma força muito grande, é lento, precisa muita persistência, precisa muita força para se impor a censura dentro de um país. As condições para a censura foram se mantendo durante longo período. E só então é que os frutos começaram a aparecer de maneira clara. Esse processo no começo é muito visível...

Ex - Primeiro os declarados?

Rai - E, declarados. Quer dizer, some a Folha da Semana que existia, some o Brasil Urgente, o Semanário, esses desapareceram. Depois é a imprensa populista. Mas esse processo... aparentemente ninguém vê. Para de haver publicidade para aqueles jornais, por pressões de vários tipos, o jornal começa a ter problemas financeiros, aí

é vendido. A empresa que compra forma equipes mais ou menos com as mesmas características, a equipe tenta de um jeito, de outro, tenta subir a ribanceira, mas já está escorregando, não tem jeito. E finalmente quando esses órgãos desaparecem, ficam os grandes jornais que apoiaram o movimento de março. Aí ela começa a pressão em cima desses. E a hora que pegam O Estado de São Paulo, Veja, Visão, o São Paulo (jornal semanal da Cúria de SP). Então o negócio dura até 70, para chegar 71, 72. São 8 anos.

- E aí, quando chegou realmente o fim desse processo, a queda de leitores dos jornais foi brutal. No Nordeste foi de 50%, e em São Paulo de 10%, num centro mais politizado e com um crescimento de população, de 65 para 75, muito grande.

Ex - Mas ao mesmo tempo saíram novas publicações...

Rai - Gozado que as editoras começam a lançar coisas ditas culturais e técnicas. No conjunto não são necessariamente coisas ruins. A Abril, por exemplo, lançou coisas culturais boas. Mas a essência do processo é política. Mesmo a própria imprensa, se ela não tiver isso no centro, alguma coisa de grave está acontecendo, porque a preocupação essencial dentro de uma sociedade é política mesmo. Então todas essas tentativas de qualificar as coisas em termos puramente técnicos, são mistificações. Quando você vê um jornal que diz que é imparcial, acima de tudo, com pessoas que não se envolvem em nada, que estão acima do bem e do mal. Todas as coisas que estão acima do bem e do mal não prestam. Quando o sujeito tá metido dentro da merda, que é isso aí, enfim, dentro da realidade, ele está servindo a algum interesse exclusivo e não quer contar. É o período em que aparecem essas coisas que são grandes revoluções puramente formais: aquilo que só disfarça a essência do processo, que é político. A saída para fazer o Opinião, nesse período, e o sucesso que o jornal teve, são também uma confirmação dessa visão geral. Afinal é um jornal de pouquíssimos recursos, um jornal feito com 300 mil cruzeiros (capital inicial) e que colocou a política em primeiro lugar. Um jornalzinho, com todas aquelas dificuldades, era feito numa redação que tinha duas salas, mais a administração, feita junto com o Pasquim. E só porque para lá convergiam alguns jornalistas independentes, mais uma série de intelectuais que não tinham outro lugar para escrever, em pouco tempo Opinião estava concorrendo nas bancas com as grandes publicações.

- Opinião, até o número 24, foi de 28 mil jornais pra perto de 40 mil. Veja estava vendendo perto de 60 mil nas bancas, e Visão, nas bancas, vendia perto de 10 mil.

Ex - Quer dizer, você sai marginalmente à grande imprensa e aí ameaça vender mais.

Rai - A principal coisa: nós desmentimos a chamada grande imprensa. A primeira fase de Opinião foi a fase de demonstrar que as grandes publicações não faziam, porque tinham escolhido a estratégia da adesão.



Ex - A venda caiu quanto, quando a censura entrou?

Rai - Foi caindo progressivamente, de 40 mil chegou até 16, 17 mil. Ai nessa primeira fase, a gente quer mostrar que a censura, em grande parte, é a censura das empresas. Porque um jornalzinho aparentemente tão fraco, dá a impressão de ser um jornal de extrema-esquerda, quando não existia nenhuma coisa de esquerda nas bancas. Esquerda mesmo, militante, programática, não existia. Opinião nunca foi um jornal de esquerda. Foi uma coisa que fora daqui você chama de centro-esquerda, ou à esquerda do centro, mas está ali, perto do centro, sem a menor dúvida! A medida que voce- vai cortando a chamada esquerda, quem está no centro é capaz, pelo processo, de chegar até... Bom, fizemos 24 números, quase 6 meses de jornal, mas aí a censura resolveu fazer uma pressão violenta. Interessante foi a capacidade de sobrevivência de uma publicação desse tipo, porque as pessoas perguntavam assim: "Escuta, mas vocês estão fazendo um negócio que, como jornalzinho, tem pouca coisa. Vocês estão se matando, estão se destruindo profissionalmente, estão perdendo o respeito que tinham na praça". E aí, o mais curioso, é que a censura se tornou violenta, porque até o 24 também existia censura, mas foi uma censura relativamente branda, uma censura na redação discutindo matéria.

Há um campo onde eles perdem fatalmente: quando se começa a discutir. Ai não tem mais nem imprensa. Tinha só princípios. O jornal era um conjunto de princípios, que informava quase nada, a não ser o seguinte: é melhor ter princípios do que não ter nada! O jornal resistia. Um jornal como aquele merecer que 16 mil pessoas fossem comprar, não é pouca coisa. O Estado de Minas veio fazer um jornal no Rio de Janeiro. Vendia bem menos do que a gente. Não sei quanto exatamente, mas era menos de 10 mil. E outros diários do Rio, de grandes empresas, estavam vendendo 8 mil, 4 mil. Opinião continua vendendo 16. É uma prova de que as coisas estavam realmente muito mal. E você fazia um jornal que pra você mesmo, como profissional, como artesão, um sujeito que gosta de fazer um trabalho bem feito, era uma vergonha! Mas ao mesmo tempo as pessoas visitavam a redação e diziam: "Puxa vida, vocês têm que continuar, porque é isso mesmo". Nós movemos um mandato de segurança e, no auge do mandato, houve um rumor, de fontes muito seguras, de que tinha um decreto preparado para fechar o Opinião. Nós fomos avisados no meio da tarde: "Olha, tem um decreto do Medici. O sujeito que estava no Palácio viu o decreto. O decreto já está pronto para ser assinado". Quando soubemos disso partimos para a retirada gloriosa e saímos da redação! Fomos comemorar no Alpino's! Então fomos lá.. A idéia não era bem comemorar. Vão fechar, pra onde vamos? Vamos pro Alpino's, tomar um chope! A pequena burguesia, a classe média que faz jornal - nunca ninguém pode esconder isso - quando acontece uma coisa dessas vai pro Alpino's!

Então fomos pro Alpino's e quando estava voltando pra casa, eu percebi que tinha alguma coisa errada. Você tinha que ir para o Muro das Lamentações, ficar se lamentando, bater com a cabeça na parede, esfregar a testa no chão, mas não ir pro Alpino's. Eu falo isso pra mostrar como parecia um sofrimento. Tanto que quando surgiu a perspectiva de que ia fechar, a gente saiu quase pra comemorar. Mas aí nós fomos salvos pelo gongo. Chegou um momento em que a censura começou a ser a negativa do próprio governo. Quer dizer, não só uma série de fatores internacionais e internos começaram a conspirar contra o modelo político e econômico brasileiro, como também do ponto de vista interno a própria censura começou a se tornar uma coisa contraproducente.

Ex - O chamado começou a pegar mal!...

Rai - O Estadode São Paulo tinha levado o governo a brigar com gente que eles nunca tinham imaginado. Do ponto de vista da censura, no nível dos empresários, tinha o seguinte: os empresários achavam muito engraçado quando se censuravam os índices de custo de vida, para fazer os salários serem reajustados de uma maneira. Se você diz que o índice de inflação, segundo a Fundação Getúlio Vargas, deu tantos por cento menos xis, então você ganha os menos xis dos operários. Mas se um empreiteiro de obras, na hora de cobrar do governo, começou a ter seus índices de reajustes de preços com base nos índices da Fundação Getúlio Vargas; aí então ele falou: "Pera aí, censurar os índices para tascar a mim, eu que sei da jogada? Vamos conversar tudo de novo, vamos discutir, assim não tá legal." E os empresários começaram a reclamar. Depois, as eleições, a população votou contra. O milagre econômico tinha chegado até a esse paradoxo. A censura tinha que mudar, aí mudou. Mas ainda parou num ponto que infelizmente é pior do que o ponto a gente estava no início do governo Medici.

Ex - Alguns jornais, como o Jornal da Tarde, alegam hoje formar mais um estilo de vida do que informar, do que se aprofundar, questionar alguma coisa. Quer dizer, já é um belo resultado da deformação? Não é?

Rai - Uma situação de restrição absoluta, quer dizer, te definem que você tem pra desenhar é uma cabeça de alfinete. Você pega um puta de um microscópio, um estilete fantástico de precisão atômica, e desenha ali dentro, coisas, paisagens inteiras, florestas, animais. Pelo microscópio o cara realmente vê aquilo tudo. Ai você tira as lentes e o cara não vê nada. O Jornal da Tarde tem mérito, a gente tem que reconhecer, tem que ver o sujeito que tá criando dentro daquele campo que definem pra ele criar. Então o sucesso do Jornal da Tarde vem disso, da capacidade de criar dentro de um terreno limitado. Então, é preciso ver que você operou dentro do círculo de giz que definiram pra você: a cabeça de um alfinete. É esse círculo de giz que definiram pra você. Ai você desenha, desenha, mas tem que dar 5 passos pra trás e falar: pô, mas é um círculo de giz. Não é um mundo inteiro, não abarquei o mundo. Me deram só um círculo de giz e lá dentro fiz um bom desenho...

Ex - E o velho Bertold Brecht que tem a peça do Círculo de Giz, né?

Rai - Realmente o que mais me impressionou no Brecht é o negócio de você se enganar com o aspecto natural das coisas. A realidade é o centro das coisas. O que te aparece todos os dias como uma coisa corriqueira, adquire um aspecto incrível pra você mesmo: estar escrevendo o pensamento do editor, do dono do jornal. Brecht dizia o seguinte, naquela peça A Exceção e a Regra: a forma de você aprender a realidade é você olhar as coisas naturais de uma forma realmente estranha. Ele diz, que a forma que permitiu a Galileu identificar as Leis do Movimento, foi quando ele olhou um pêndulo e achou aquilo absurdo, estranhíssimo. E começou a olhar aquilo fascinado, como um mistério. Só quando você olha e diz, certo, como? Toda a minha vida disseram que isso estava certo, mas olha bem, olha! As vezes as coisas mudam completamente. Veja os casos, por exemplo da propriedade dos jornais: realmente é absurdo que chegue um lá e diga: "Escuta, escreve sobre Jesus Cristo". O outro pergunta: "Favor ou contra?" "Contra", explica o sujeito e vai embora. Esse é o absurdo: É evidente que esse que é o absurdo! É evidente que esse que é o absurdo!

- Hoje o nosso jornal está estruturando segundo um princípio mais correto do que 99% dos jornais do país. Mas isso não basta! Você precisa vencer a parada, você precisa pegar! O jornalista precisa ter forças para vencer, tem que organizar um jornal e conseguir fazer com que ele sobreviva. Cabe a nós fazer esse parto; né? Nós precisamos ter forças para fazer esse parto!

- Nosso jornal tem um Conselho de Redação, o editor é eleito e o Conselho pode demitir o editor. Agora que um jornal assim só por isso vai dar certo, aí é outra batalha! A tendência no momento é tentar provar que esse jornal não está certo. A sociedade, como está estruturada, vai tentar mostrar que esse jornal, que é um empreendimento de 70 pessoas, dirigido por um Conselho de 12, que não tem um dono só, evidentemente é uma tentativa

utópica, etc. e tal. Vai tudo conspirar para provar que o jornal não vai dar certo.

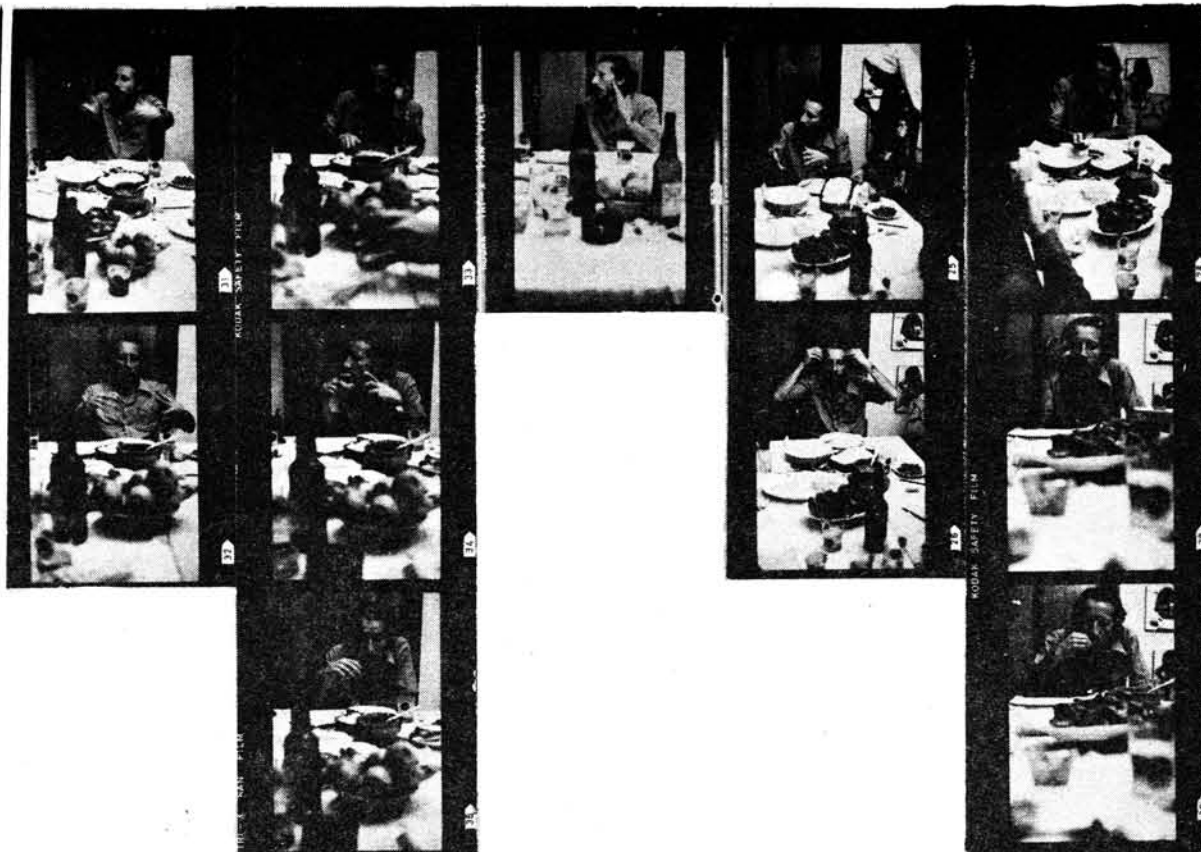
Ex - É o tal Assunto?

Rai - Saindo de Veja eu voltei pra Realidade, uma Realidade transformada. Foi quando começamos a fazer a Realidade da Amazônia. Depois, saímos de vez e começamos a pensar em fazer uma publicação nossa. Então planejamos uma revista chamada Assunto, com alguns editores do Opinião e que hoje estão no Movimento. Era uma publicação para ser feita nessa base: uma parte do pessoal trabalhava na Editora Abril e em outros jornais, e outra parte trabalhava na redação ganhando uma fração, um pedaço do salário que os outros recebiam. Enfim, o projeto era uma associação entre capital e trabalho. Então a gente tava procurando capital, quando apareceu o Gasparian, que nos ofereceu um jornal dentro dos princípios que a gente pensava. Ele queria um editor que dirigisse o projeto segundo objetivos gerais bem definidos e sem interferência de caráter pessoal, de interesses particulares do editor. Os princípios a gente definiria e cumpriria. Mas o pessoal quis ter participação nas ações. O Fernando não concordou, disse que a empresa devia ter um só proprietário, e nós desistimos de fazer o jornal com ele. Não conseguimos e resolvemos fazer o jornal com ele, enquanto desse.

- Fizemos 121 edições, em 2 anos e 3 meses, mais 2 meses de preparação. Total de 2 anos e meio de trabalho na Opinião. Mais ou menos o tempo que durou a equipe de Realidade, um grande tempo!

Ex - E como foi que você saiu do Opinião?

Rai - Ele (Gasparian) não percebeu que tinha que pagar muitas coisas por não querer vários donos. Uma das fundamentais era o seguinte: aquele jornal era um jornal do pessoal todo. Então a decisão de me demitir era uma decisão absurda dentro daquele jornal. Um jornal construído sobre discussões memoráveis a respeito dos problemas de contínuos do jornal. Uma vez se demitiu um contínuo. O contínuo realmente não servia para o jornal. Tinha um problema, estudava em horários-chave para o jornal. E tinha pessoas, dentro do jornal que achavam aquilo uma sacanagem. Quando o contínuo foi demitido, pessoas se revoltaram, houve discussão. A maioria acabou concordando que precisava de um contínuo. E não se ia pagar um contínuo que não funcionava para o jornal, apesar da injustiça da situação: é claro que o contínuo deveria poder estudar. Mas a empresa precisava sobreviver...



ex-12
38

- A redação do Opinião chegou a ser uma das maiores do país, em termos de esforços mobilizados a favor dela. Dentro do país era o que a gente sabia. Fora do país, era um negócio maior ainda: tinha o Robert Kennedy mandando entrevistas, tinha essas grandes publicações liberais estrangeiras cedendo direitos pro Opinião, só porque o Opinião resistia à censura. Então você ignora isso? Me demitir só podia levar a uma revolta completa da equipe, para quem tivesse o mínimo de sensibilidade para perceber o que acontecia dentro do jornal.

Ex - Não entra aí essa história de personalidade, no caso um negócio muito acentuado?

Rai - Isso sempre tem. Eu acho que essas coisas têm sempre em todos os processos, e às vezes são determinantes. No período da minha demissão, o governo começou a chamada política de distensão, que consistiu, inicialmente em refazer a sua base política. O governo começou a brigar com gente que ele não gostaria de ter brigado, então ele percebeu que a base tinha diminuído muito, e foi tentar refazê-la. Então, o governo começou a refazer todo um relacionamento com as lideranças civis, nos vários níveis. Havia vários grupos e nesse momento houve a possibilidade de que eles escolhessem caminhos diferentes. E mais ou menos, foi o que aconteceu.

- Tem gente que nos criticou duramente: vocês estão dividindo as pessoas, vocês estão dividindo uma frente democrática. Você nunca pode condenar uma coisa em si. A divisão, nesse caso do Opinião, pode ser uma coisa criativa. O jornal Opinião segue o seu caminho, nós seguimos um caminho que achamos melhor. A divisão permitiu um avanço.

Ex - Hoje, onde podia haver um, pode haver mais...

Rai - Eu acredito que a gente tá num caminho melhor. Mas pode ser até que nessa divisão a gente optado pelo caminho errado.

- A História do Mundo é a história das divisões. Nada tem um lado só. Tudo tem um lado bom e outro lado ruim. Nada é completamente branco, nada é completamente preto. As coisas têm sempre uma margem de branco, outra de preto, um certo cinza. As vezes, uma coisa adquire a face da outra. E hoje pra nós é realmente decisivo, é um momento que a divisão se apresentou como uma necessidade.

Ex - Foi porra começar tudo de novo, né? Ainda mais saindo por aí pra pedir dinheiro...

Rai - A gente tem condições de fazer um julgamento muito preciso. O fundamental é aprender. Quando fizemos o julgamento da crise, chegamos à conclusão que tínhamos desprezado alguma coisa. Que talvez tivéssemos ido além, o Fernando (Gasparian) é uma pessoa de bom relacionamento, não um prepotente. Eu me lembro que a primeira coisa que revoltou o Fernando foi que eu não apareci no primeiro coquetel do jornal. Eu devia ter ido, não custava nada. Era até importante. Lançamento do jornal e eu não fui. Sou uma pessoa com uma certa formação puritana. Podia ter tranquilamente ido e assumir a coisa. Ninguém faz nada de luvas brancas e roupas completamente brancas. A roupa branca é só pra mostrar quando o sangue aparece.

- Eu hoje estou convencido da necessidade de engolir certos sapos. Pra mim foi um aprendizado difícil, penoso. Se convencer de que se precisa agir politicamente. Isso significa o seguinte: pesar em vários lances, em várias alternativas. Não só o que no futuro será o melhor gesto, mas o que no presente vai ser o melhor gesto. Evidente que é uma injustiça uma pessoa, 20 pessoas chegaram à sua porta com fome e sem ter onde dormir e não poderem dormir dentro da sua casa. É uma injustiça profunda, mas você diz: "Olha, não dá meu filho. Sou editor de um jornal importante". Vocês vão ter que dormir embaixo da ponte. Porque eu não sou cristão. Eu sou materialista. Então em acho você não transforma a sociedade transformando as pessoas. Você transforma influenciando em falhas profundas do processo. Eu não sou de fazer caridade. Eu dou esmolas. Pouca gente consegue não dar esmolas, mas eu tenho certeza que dar esmolas não resolve nada.

- Nada é mau ou bom. As vezes passar por cima de pessoas morrendo de fome é um gesto criativo. Porque você evita lutar contra o inimigo errado, evita se pegar numa briga de caridade ou não caridade e parte pra brigar com as pessoas que estão fazendo outras morrer de fome. Agora não tenho mais verdades a priori.

Ex - Você foi acusado pelos dois lados...

Rai - As coisas têm uma certa correlação. Pra mim foi um processo muito educativo, me deu a convicção de que eu realmente estou certo. Porque os extremos estão me acusando de coisas mais ou menos parecidas. Mas é de dizer assim: "Sempre sai como o sujeito que rompeu por não aceitar nada". Teve gente que me acusou de ter conluio com o Fernando (Gasparian) pra sacanear a redação, porque fui contra ir à Justiça do Trabalho pra pegar dinheiro do Fernando. Fui contra até o fim e ameacei romper com o pessoal que fosse para a Justiça. Teve gente que por isso disse: "Porra! Eu vivia sacaneado dentro do Opinião sacaneado nos salários. Como é que a crise se resolveu?" ele - eu - fez acordo com o Fernando e aquele pessoal que tava mal de salário continuou mal de salário". É fantástico. Demorei a sentir o quanto isso era

educativo pra mim. Você sai de uma crise, se você tá dentro da merda você sai sujo de merda! Pedacos de cagalhões em volta e você sai, limpa e vai em frente. Se a gente agora fez utopia vai acontecer o seguinte: o Movimento vai sair 2 ou 3 números. Se não der certo esse negócio de conselho editorial, se ninguém se entender, é prova de que experiência não era nada criativa.

- Queiram ou não as forças mais obscurantistas, a sociedade brasileira vai evoluir. A nossa experiência é muito rica pra sociedade brasileira como um todo. É evidente que no futuro os jornais vão se organizar assim, por autogestão. A menos que a gente acredite na barbárie. A gente quer viver numa sociedade onde não existam trabalhadores que ganham 500 cruzeiros e outros que ganham 100 milhões. Repórter de jornal ganhando 700 e editor ganhando 150 milhões. Se o sujeito quer viver numa sociedade onde essas diferenças diminuam, evidente que essa sociedade vai se organizar de uma maneira que os jornais sejam dirigidos por conselhos de redação. Que redatores possam dar opinião sem que ninguém mude tudo de maneira arbitrária, só porque é dono. Qualquer experiência se apóia em cima das outras. A realidade vai se construindo a partir das experiências concretas. A nossa experiência é alguma coisa colocada como um degrau. As pessoas deveriam se congregar e dizer: vamos tentar fazer essa experiência. Eu acredito nessa teoria de que no futuro você vai destruir o Estado.

Ex - Você é anarquista?

Rai - Mais ou menos. Digamos que no futuro você vai conseguir que exista um serviço de água encanada, o que implica numa certa organização. Mas que esse mecanismo de repressão sobre todo mundo, que é o Estado, possa ser destruído. Porque as pessoas podem adquirir consciência de que podem se organizar. Quando se junta 20 pessoas inteligentes e de boa vontade numa casa, elas se organizam pra lavar louça, arrumar, numa tarefa de organização e não de repressão um sobre o outro.

- É problema do futuro, organizar um jornal onde não exista um sujeito que chega e diz: "Olha, você faz isso, se não você vai ser despedido!" Uma experiência assim é uma experiência que ajuda a construir o futuro. O futuro vai ser assim ou não interessa. A barbárie não adianta discutir. Se vier a barbárie...

Ex - Mas já não tá nela?

Rai - É, a barbárie é isso. É cair a nuvem de poluição em cima de Santo André. Não interessa discutir. A gente vai ter que construir experiências desse tipo. Experiência de vida comunitária. Delegar poderes a pessoas por merecimento. Você escolhe um cara pra organizar a lavar a louça porque o cara entende de lavar louça. Não é só a gente que está fazendo isso. Também se faz monte de experiências em outros lugares, é a tendência natural.

Ex - Vamos voltar ao Movimento. Onde começa a experiência de autogestão, ou a experiência de montar o Movimento?

Rai - Tendo-se resolvido fazer o jornal, tinha o problema material de levantar o dinheiro. O Martinez, que tinha trabalhado comigo em Realidade, tinha um apartamento. Outra pessoa se dispôs a nos apoiar, arrumando uns 300 mil, também vendendo o apartamento, mais dinheiro do Fernando Gasparian e de amigos dele, saído do acordo que fizemos pra sair do Opinião. E tinha mais uns 100 mil. Já estava em 700, além de mais uns 200 mil, dando o que se achava que se ia precisar: 900 mil cruzeiros. Mas a ajuda nas redações - nas Técnicas da Abrih foi uma festa - foi uma coisa! O máximo que você encontrava era o sujeito que pedia desculpas porque não tinha dinheiro. Pra apresentar um problema clássico de todo mundo: "Tô comprando um carro, tô fazendo um tratamento, mas de fato quero ajudar, vem outra hora, e tal."

Ex - Não era a primeira vez que se fazia isso...

Rai - Especialmente nas redações como o Jornal da Tarde, Veja, o pessoal lembrava a experiência do Bondinho (1971), que a gente já tinha mobilizado dinheiro pra fazer. Bondinho é o nome, mas era a Arte & Comunicação, a editora que fez. Mas, em todos esses lugares, quando uma pessoa apresentava essa objeção (O Bondinho faliu) eu tinha um exemplo muito violento pra contrapor e destruir os argumentos dos sujeitos, dizia assim: "Olha, eu dei dinheiro pra fazer o Bondinho e acho que foi absolutamente certo". Então, foi feita uma tentativa e se desbravou um caminho. Primeiro se provou que você mobiliza as pessoas quando você tem uma proposta. E a proposta era honesta: fazer um jornalismo independente. Não deu certo porque havia, a meu ver, uma visão equivocada. Só usava esse argumento de não dar dinheiro pra gente porque tinha dado pro Bondinho quem queria um pretexto. As coisas precisam ser absolutamente honestas. Se a gente falasse: "Daquela vez não deu, mas agora dá"... Nós estamos cheios de dúvidas também na cabeça. Pode dizer o seguinte: aquela experiência nós estudamos, inclusive quando fomos fazer o Opinião, nós fomos lá pra redação do Bondinho, assim



como fomos pra redação do Pasquim, que é outra experiência importante. Fomos lá, ficamos estudando e vendo como funciona. Então nós procuramos outra área, que é a área das pessoas que a gente conseguisse identificar como possíveis colaboradores disso aí. Porque a essa altura nós abandonamos definitivamente aquela idéia de fazer com 5 ou 6 caras mais fortes, um apartamento que o cara vendia, outra coisa, tal, e partimos com a idéia de fazer com...

Ex - Como é que foi?

Rai - Houve uma reunião em que se nomeou uma comissão de 16 pessoas, que depois se transformaram em 11, e esses 11 viraram um órgão que decidia todas as questões. Eles nomearam um grupinho executivo pra fazer a campanha toda. "Ficam vocês assalariados trabalhando no projeto, ganhando."

- Nós procuramos emprego pras pessoas, pra segurar todo mundo, inclusive já pensando no projeto, houve gente que foi pra Brasília. E se empregou por lá. O grupo todo procurou emprego e quatro foram destacados como pessoas já ganhando dinheiro no projeto. Eu, o editor de economia, o Marcos Gomes, o editor de arte, o Elifas Andreato e o editor-executivo, o Antonio Carlos Ferreira, o Tônico. Ficamos então: o Elifas, com a parte de fazer o boneco, de projetar o logotipo; a parte de custo industrial ficou com o Tônico, gráfica, tudo; e eu e o Marcos na campanha de finanças. O Marcos foi pra Belo Horizonte, depois pra Brasília, e eu vim pra São Paulo, e ficamos fazendo Rio, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte na campanha de arrecadação. Todos eram pessoas da equipe que fazia o jornal, mas nem todos eram pessoas em tempo integral no jornal. Além desses quatro tinha o correspondente do jornal em Brasília, Teodomiro Braga; o Aguinaldo Silva, chefe de local do Globo (Rio), que fazia política, literatura, pra nós; O Maurício Azevedo que é chefe de reportagem do Estado de São Paulo lá no Rio e que pra nós fazia esporte e também matérias especiais; o Bernardo Kucinsky que era o editor da Gazeta Mercantil e era há longo tempo colaborador do Opinião; o Fernando Peixoto, que fazia teatro pra nós; o Jean-Claude Bernardet que fazia cinema; e inicialmente era o Fernando Henrique Cardoso que tinha sido eleito pela equipe, mas depois que esses 11 tiveram que ser os proprietários do jornal, ele não podia por já ser sócio de outra firma, então entrou o Chico de Oliveira, que é também do Cebrap, economista, chegou a ser superintendente da Sudene, interinamente.

Ex - Esse trabalho levou quanto tempo para chegar ao ponto em que vocês estão?

Rai - No dia 10 de março foi quando nós começamos já a ganhar do jornal. Até agora já são dois meses e 2/3. São 80 dias de trabalho. Nós começamos a campanha de arrecadação uns 20 dias depois que começamos a trabalhar, até decidir qual é a forma - pra você pegar dinheiro das pessoas você precisa ter um mecanismo qualquer, precisa ter um método legal de ir pegando dinheiro, você não pode ir aceitando dinheiro. Então nós tivemos que definir a

empresa. O que era? Tinha várias possibilidades, e nós tínhamos o problema de dar à redação 50%, coisa aprovada nessa comissão dos 16. Ela tinha aprovado que o jornal deveria ser da gente e a comissão executiva, tinha de achar uma forma da redação, ter a maioria das ações.

Ex - E como vocês arrecadaram o dinheiro?

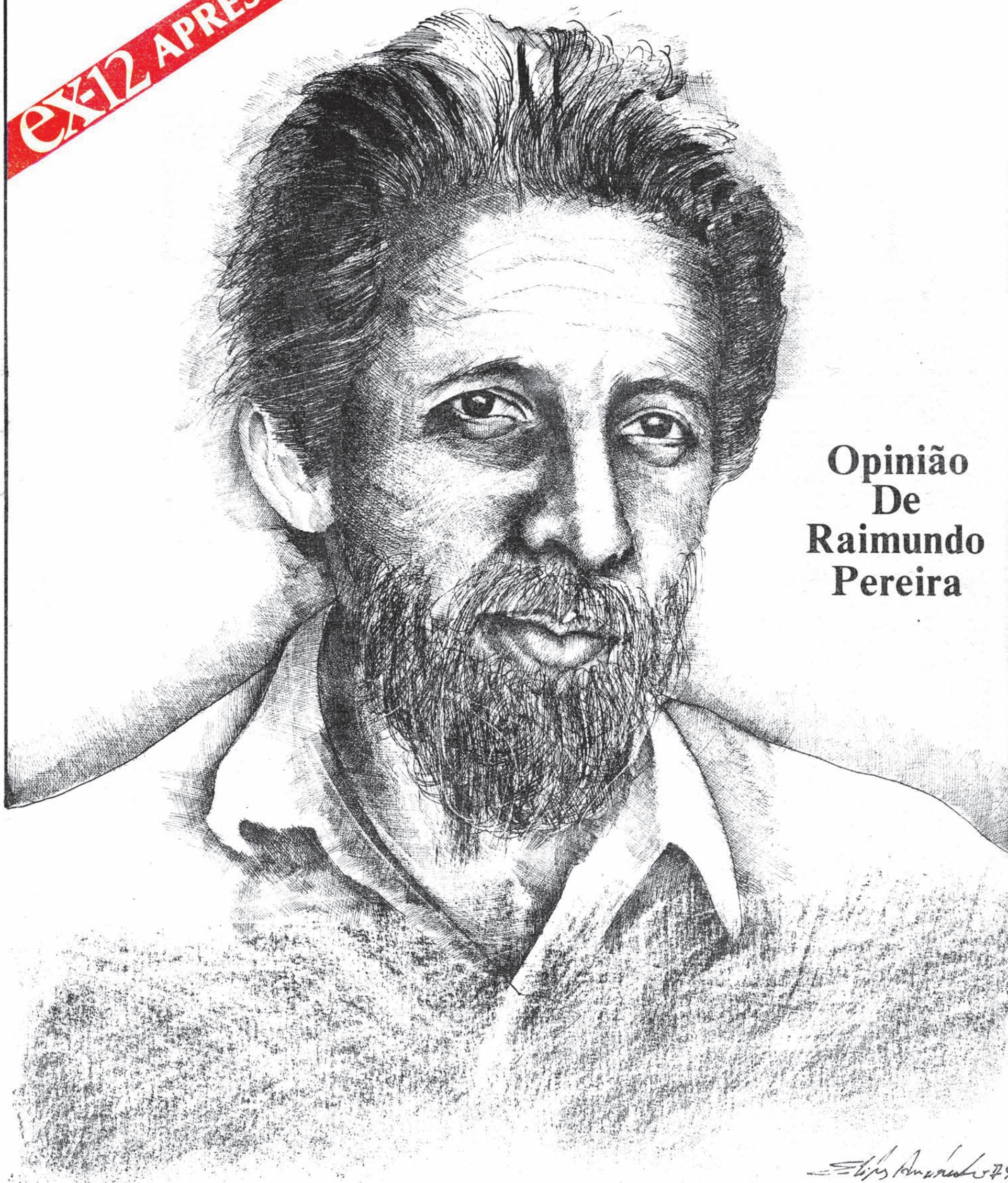
Rai - Com os jornalistas foi mais ou menos fácil, você ia numa redação, abria lá sua mala e vendia seu peixe. Uma coisa mais ou menos fácil, em todas as redações que eu trabalhei, por exemplo. Em cada redação tinha gente que fazia essa campanha. Então aí não foi o mais difícil. Houve redações em que todo o pessoal comprou cotas do jornal, a redação inteira se cotizou na base de quem ganhava mais pagava mais, etc. Esses grupos que fazem análise, produção, essas revistas de economia, todos eles compraram. Em Veja, também, onde eu trabalhei muito tempo, houve

uma enorme participação. Eu tinha uma certa dificuldade com o Jornal da Tarde, porque não trabalhei lá. Uma redação um pouco diferente, um jornal menos aberto. Eu não sentia aquela grande liberdade de chegar na redação e ficar fazendo quase um comício pra vender ação de um outro jornal. Mas mesmo lá no Jornal da Tarde, o pessoal participou bastante. E lá onde a campanha de vender cotas da A&C tinha sido mais ampla, praticamente todo mundo comprou. Talvez tenha sido a segunda redação que mais colaborou com o Movimento, e até agora ainda tem gente se mobilizando pra ajudar o jornal. Agora, fora disso aí, é mais difícil, um jornal de jornalistas ninguém tá muito sabendo, tá muito preocupado. Fora daí a coisa era bem mais difícil. E se tratava de um trabalho realmente de convencimento que te obrigava a esclarecer tudo, desde as razões toda da briga dentro do Opinião, porque não se ficou, porque... Em termos de gente nós éramos a ampla maioria, nós éramos 49, 40 contra 1. A maioria esmagadora. E por outro lado, em termos de propriedade, nós éramos a minoria esmagadora, nós não tínhamos 0% das ações do jornal e o Fernando Gasparian tinha 100%. Outro argumento era da inviabilidade, o "num vai dá"! Realmente seria uma loucura, quer dizer, você sair às ruas, pedir dinheiro pras pessoas e enfiá-las numa aventura. Você sabe que quem dá dinheiro pra um jornal como esse, ele inclusive tem um certo risco, porque é um jornal absolutamente legal, absolutamente respeitando todas as leis. Ele faz questão de respeitar as leis e eu acho que respeita mais que os outros. A grande parte dos jornais brasileiros não respeita as leis brasileiras existentes, na medida em que sonega impostos, o problema do INPS. Até o próprio governo se utiliza dessa situação pra ter nas mãos o controle de alguns desses jornais, e não são pequenos jornais não! São grandes jornais, mas mesmo sendo um jornal absolutamente correto, que é o que nós estamos propondo, respeitando todas as leis, as pessoas que davam dinheiro sempre se vêm na perspectiva de um dia ter que responder por que deram esse dinheiro pra fazer esse jornal. É como comprar um livro. Tudo perfeito, bonito você comprar um livro na livraria. Mas, de repente, encontram o livro na sua casa e querem te acusar de ter o livro. Nós sabíamos disso, sabíamos que estávamos propondo às pessoas um certo risco.

- Já num outro ponto dessa campanha, o pessoal queria falar do jornal popular. Fazer jornal pra pessoas que não sabem das coisas. Esse é um equívoco muito grande. Houve os jornais populistas como a Última Hora, muito ligada ao governo, a esquemas governistas. A pessoa não deve se envergonhar de pertencer à classe média. Fazer um jornal como o Movimento implica em ter redatores que ganham salários que deixam um cara da classe média viver. Os operários - temos o maior interesse em saber o que se passa, mas a nossa não é a vida deles, e o nosso ponto de vista, não é o ponto de vista deles, exatamente. Os operários, muito provavelmente, se propõem a fazer um jornal realmente deles, que sirva aos interesses deles, com os objetivos que eles querem. Mas para isso, muita coisa vai ter que mudar antes.

MOVIMENTO

EX-12 APRESENTA



Opinião
De
Raimundo
Pereira